



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



TATIANA BELMONTE DOS SANTOS

**DESCRIÇÃO DA NASALIDADE NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA,
COMUNIDADE DO ANDIRÁ, NO AMAZONAS**

Manaus

2013

TATIANA BELMONTE DOS SANTOS

**DESCRIÇÃO DA NASALIDADE NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA,
COMUNIDADE DO ANDIRÁ, NO AMAZONAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Amazonas, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Dra. Maria Sandra Campos
Co-orientador: Dr. Cirineu Cecote Stein

Manaus

2013

TATIANA BELMONTE DOS SANTOS

**DESCRIÇÃO DA NASALIDADE NO MUNICÍPIO DE BARREIRINHA,
COMUNIDADE DO ANDIRÁ, NO AMAZONAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Amazonas, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de Mestre.

Prof.: Maria Sandra Campos (UFAM)
ORIENTADORA

Prof.: Valteir Martins (UEA)
MEMBRO

Prof.: Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso (UFAM)
MEMBRO

Prof.: Frantomé Bezerra Pachêco UFAM)
SUPLENTE

Prof.: Silvana Andrade Martins (UEA)
SUPLENTE

APROVADA: Manaus, 21 de janeiro de 2013.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois tudo vem d'Ele e tudo é para Ele.

Ao meu esposo, André Tomaz, por realmente colocar em prática o significado da palavra *companheiro*.

Ao meu primogênito, Samuel, por me incentivar a ser uma pessoa cada vez melhor em todos os sentidos, só pelo fato da sua existência.

Aos meus pais, Miriã e Josuilton, por sempre sonharem mais alto do que eu e me incentivarem a nunca desistir.

Às minhas irmãs, Thaise e Ellen, por serem minhas amigas e ajudadoras.

Aos meus sogros, Eliana e Ramidi, e aos meus cunhadinhos, Renan e Júlia, que cuidaram do Samuel quando ele era apenas um bebê para que eu pudesse assistir às aulas. E, é claro, à vó Raimunda, que me impulsiona com seu carinho.

À minha orientadora, Dr^a Maria Sandra Campos, por ter me acolhido, orientado, ensinado, incentivado e colaborado para o meu sucesso. Tive a melhor orientadora do PPGL-UFAM!

Ao meu co-orientador, Dr. Cirineu Cecote Stein, por ter vencido a barreira da distância e me orientado como se estivéssemos na mesma cidade. Por todo o ensinamento sobre Fonética Experimental, e por me exigir fazer nada menos do que o melhor.

A todos os meus companheiros de turma, que me inspiraram a ser pesquisadora.

Ao Programa PPGL-UFAM, nas pessoas da Angélica e do Professor Esteban, pela bravura de dar os primeiros passos mesmo, com algumas dificuldades, sempre apoiando aos alunos.

À FAPEAM que me financiou através de bolsa de amparo à pesquisa, durante 12 meses, me possibilitando realizar a coleta de dados em Barreirinha e apresentar esta pesquisa no II Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística, na UFPA, em 2012.

E, aos componentes da banca examinadora da minha qualificação e defesa, pelas considerações sobre o meu trabalho.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.” I Coríntios 13.1

RESUMO

A nasalidade na língua portuguesa é um tema de estudo rico em aspectos linguísticos. O objetivo desta dissertação é descrever a nasalidade na fala dos moradores nativos do Município de Barreirinha, na Comunidade de Freguesia do Andirá, localizada ao norte do município de Parintins e a leste do estado do Pará, a 331 km da capital do Amazonas, a cidade de Manaus. Através de um estudo diacrônico da nasalidade do latim até o português moderno, é possível identificar o seu surgimento e as suas transformações no decorrer da História. Alguns aspectos da nasalidade no português arcaico, em especial a variação que existia em Lisboa-Coimbra, descrita por Bueno (1967), servem de auxílio para a compreensão do fenômeno registrado na Comunidade do Andirá. Este fenômeno trata-se da produção de som oral de vogais em ambientes fonológicos, onde, por convenções usuais da fonologia da língua portuguesa, deveriam sofrer leve nasalização, como, por exemplo, a vogal /a/ na palavra *santo*. Dentre os demais objetivos deste trabalho, destacam-se a quantificação do fenômeno registrado na Comunidade investigada e o levantamento de hipóteses que possam explicar a sua ocorrência. Foram utilizadas, como parâmetro para a identificação e constatação do fenômeno em questão, as descrições da nasalidade na Fonética e na Fonologia da língua portuguesa. Este é um trabalho quali-quantitativo, que segue os parâmetros da teoria sociovariacionista. A coleta de dados foi realizada em Freguesia do Andirá, através de entrevista a 18 (dezoito) informantes, sendo 06 (seis) homens e 06 (seis) mulheres, de 03 (três) grupos etários distintos, jovens, adultos e idosos, os quais eram nativos e moradores da Comunidade. O corpus contemplou 69 (sessenta e nove) palavras. Os dados foram analisados à luz da Fonética Experimental, com a utilização do Software Praat, através do qual obtivemos as ferramentas de registro experimental do fenômeno. E, ainda, seguimos a sociolinguística variacionista para analisar os dados nos âmbitos das variações gênero/sexo, idade e escolaridade. A análise dos dados coletados indicou a constatação de uma variação de nasalidade em Barreirinha, que se assemelha à variação ocorrente no português arcaico, e, ainda, apontou para um processo de transformação do fenômeno, considerando-se as variáveis sociolinguísticas analisadas.

Palavras-chave: Nasalidade. Sociolinguística. Fonética Experimental.

ABSTRACT

The nasality in Portuguese is a rich topic of study in linguistic aspects. The aim of this essay is to describe the nasality in the speech of native residents of Barreirinha, in the Community of Freguesia do Andirá, located north of the city of Parintins and east of the state of Pará, 331 km from the capital of Amazonas, Manaus. Through a diachronic study of nasality from Latin to the modern Portuguese, it is possible to identify its emergence and its transformations throughout history. Some aspects of nasality in archaic Portuguese, especially the variation that existed in Lisbon-Coimbra, described by Bueno (1967), works out as an aid to understanding the phenomenon that has been registered in the Community of Andirá. This phenomenon comes from the oral sound production of vowels in phonological environments, where, for the usual conventions of Portuguese phonology, should suffer slight nasalization, for example, the vowel /a/ in the word *santo*. Among the other objectives of this study, we highlight the quantification of the phenomenon investigated and registered in the Community, and the set up of hypotheses that may explain its occurrence. It was used as a parameter for identification and verification of the phenomenon in question, descriptions of nasality in Phonetics and Phonology of Portuguese. This is a qualitative and quantitative study, which follows the parameters of the theory social variationist theory. Data collection was performed in the Freguesia do Andirá through an interview to 18 (eighteen) informants, being 06 (six) men and 06 (six) women, from 03 (three) different age groups, young people, adults and elderly, whom were natives and residents of the Community. The corpus included 69 (sixty-nine) words. The data were analyzed lighted by the Experimental Phonetics, using the Praat software, through which we obtained experimental tools to record the phenomenon. And yet, we followed the patterns of the variationist sociolinguistics to analyze the data in terms of the variations gender/sex, age and education level. The data analysis indicated the discovery of a variation of nasality in Barreirinha, which resembles the variation occurring in the archaic Portuguese, and also pointed to an ongoing transformation of the phenomenon, considering the analyzed sociolinguistic variables.

Key words: Nasality. Sociolinguistics. Experimental Phonetics.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Tabela dos fonemas do latim.	19
Tabela 02- Tabela de evolução das vogais do latim clássico ao vulgar.	20
Tabela 03- Tabela de evolução da nasalidade do latim vulgar ao português arcaico	23
Tabela 04- Lista das vogais nasais do português brasileiro.	34
Tabela 05- Tabela sociológica dos informantes entrevistados.	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Matriz fonética do português.	28
Quadro 02- Perspectiva autosegmental.	30
Quadro 03- Autosegmento N na posição do Núcleo.	31
Quadro 04- Processo de Estabilidade.	32

LISTA DE MAPAS

Mapa 01- Localização de Barreirinha. 43

Mapa 02- Localização de Freguesia do Andirá. 45

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01-** Recorte da janela do Praat Software, apresentando ondas sonoras no topo, espectrograma, em escalas de cinza, e formantes, em pontos avermelhados, abaixo. 49
- Figura 02-** Par espectrográfico da vogal /a/ em ambiente [v\$N]ST. Nota-se coloração cinza em tom escuro no espectrograma à esquerda, ilustrando som de vogal oral, e coloração de cinza em claro no espectrograma à direita, ilustrando som de vogal nasalizada. 52
- Figura 03-** Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [v\$N]STi. 53
- Figura 04-** Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [v\$N]STi. 53
- Figura 05-** Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [v\$N]STi. 54
- Figura 06-** Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [v\$N]STm. 54
- Figura 07-** Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [v\$N]STm. 55
- Figura 08-** Par espectrográfico da vogal /a/ em ambiente [v\$N]STm. 55
- Figura 09-** Par espectrográfico da vogal /o/ em ambiente [v\$N]STm. 56
- Figura 10-** Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [v\$N]STm. 56
- Figura 11-** Par espectrográfico da vogal /a/ em ambiente [vN\$]STi. 57
- Figura 12-** Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [vN\$]STm. 58
- Figura 13-** Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [vN\$]STm. 58

Figura 14- Par espectrográfico da vogal /o/ em ambiente [vN\$]STm.	59
Figura 15- Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [vN\$]STf.	59
Figura 16- Par espectrográfico da vogal /a/ em ambiente [v\$J]STi.	60
Figura 17- Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [v\$J]STi.	61
Figura 18- Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [v\$J]STi.	61
Figura 19- Par espectrográfico da vogal /o/ em ambiente [v\$J]STi.	62
Figura 20- Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [v\$J]STi.	62
Figura 21- Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [v\$J]STm.	63
Figura 22- Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [v\$J]STm.	63
Figura 23- Par espectrográfico da vogal /o/ em ambiente [v\$J]STm.	64
Figura 24- Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [v\$J]STm.	64
Figura 25- Exemplo da variação de ocorrência M.	66
Figura 26- Exemplo da variação de ocorrência SC.	67
Figura 27- Exemplo da variação de ocorrência NC.	67
Figura 28- Exemplo da variação de ocorrência MC.	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Gráfico de variações de ocorrência do fenômeno: SIM, NÃO, M, SC, NC e MC.	65
Gráfico 02- Ocorrência do fenômeno em ambiente [v\$N]ST.	71
Gráfico 03- Ocorrência do fenômeno em ambiente [vN\$]ST.	72
Gráfico 04- Ocorrência do fenômeno em ambiente [v\$J]ST.	73
Gráfico 05- Ocorrência do fenômeno em ambiente [v\$N]NT.	74
Gráfico 06- Ocorrência do fenômeno em ambiente [vN\$]NT.	75
Gráfico 07- Ocorrência do fenômeno em ambiente [v\$J]NT.	76
Gráfico 08- Ocorrências do fenômeno na variável gênero.	79
Gráfico 09- Ocorrência do fenômeno na variável idade.	81

SÍMBOLOS E CÓDIGOS ADOTADOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Fonemas vocálicos orais

/i/	vogal alta anterior
/e/	vogal média anterior
/a/	vogal baixa central
/o/	vogal média posterior
/u/	vogal alta posterior

Fonemas vocálicos nasalizados

/ĩ/	vogal /i/ nasalizada
/ẽ/	vogal /e/ nasalizada
/ã/	vogal /a/ nasalizada
/õ/	vogal /o/ nasalizada
/ũ/	vogal /u/ nasalizada

Fonemas consonânticos nasais

/m/	bilabial
/n/	alveolar
/ɲ/	palatal
/ŋ/	velar

Códigos dos ambientes fonológicos

v	fonema vocálico oral
\$	limite de sílaba
N	fonema consonântico nasal bilabial sonoro ou dental sonoro
J	fonema consonântico nasal palatal sonora
ST	sílaba tônica
STi	sílaba tônica inicial
STm	sílaba tônica medial
STf	sílaba tônica final

Códigos dos informantes

g1b grupo 1 Barreirinha
g2b grupo 2 Barreirinha
g3b grupo 3 Barreirinha
F01 Informante feminino 01
F02 Informante feminino 02
F03 Informante feminino 03
M01 Informante masculino 01
M02 Informante masculino 02
M03 Informante masculino 03

Códigos das variações de ocorrências do fenômeno

SIM ocorrência plena do fenômeno.
NÃO não ocorrência do fenômeno.
M ocorrência do fenômeno em metade do ambiente do fonológico.
SC ocorrência plena do fenômeno seguida de produção da consoante nasal.
NC não ocorrência do fenômeno seguida da produção da consoante nasal.
MC ocorrência do fenômeno em metade do ambiente fonológico seguida da produção da consoante nasal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A NASALIDADE NA FONÉTICA E NA FONOLOGIA	19
2.1 A visão diacrônica da nasalidade – do latim ao português	19
2.2 A nasalidade fonológica	27
2.2.1 Pressupostos teóricos	27
2.3 A nasalidade fonética	33
2.3.1 Pressupostos teóricos	33
2.4 A nasalidade no português brasileiro	35
3 A VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA	37
3.1 A variável gênero/sexo	38
3.2 A variável idade	39
3.3 A variável escolaridade	41
4 METODOLOGIA	42
4.1 Cenário da pesquisa	43
4.2 Caracterização sociológica dos informantes	45
4.3 A coleta de dados	47
4.4 Instrumental de análise	48
4.4.1 O Software Praat e a Fonética Experimental	48
4.4.2 Detalhamento do instrumental de análise	50
5 ANÁLISE DOS DADOS	51
5.1 Identificação do fenômeno	51
5.2 Análise dos dados fonéticos	69
5.2.1 Análise dos dados fonéticos em sílaba tônica	70
5.2.2 Análise dos dados fonéticos em sílaba não-tônica	74
5.3 Análise dos dados sociolinguísticos	77
5.3.1 Análise da variável gênero/sexo	78
5.3.2 Análise da variável idade	80
5.3.3 Análise da variável escolaridade	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXOS	91

1 INTRODUÇÃO

A nasalidade na língua portuguesa tem sido um tema de estudo que apresenta divergências entre visões linguísticas ao mesmo tempo em que levanta aspectos interessantes quanto ao processo de nasalização que ocorre nessa língua. O ponto de maior divergência vem a ser em relação às vogais nasais e vogais nasalizadas, foco do fenômeno investigado na fala de moradores de uma comunidade do município de Barreirinha, a Freguesia do Andirá, no interior do estado do Amazonas, que é o campo de estudo deste trabalho.

O principal objetivo desta dissertação é descrever a nasalidade produzida no município de Barreirinha, Comunidade de Freguesia do Andirá, no Amazonas, medindo e quantificando a predominância da nasalidade registrada na fala dos barreirinhenses, e, ainda levantando hipóteses que possam explicar o fenômeno investigado.

Para alcançarmos uma boa compreensão sobre o fenômeno que ocorre na localidade estudada, realizamos um levantamento bibliográfico que abordasse o percurso da nasalidade desde o latim até a língua portuguesa que falamos hoje, a fim de observar a existência de pressupostos históricos que embasassem e, até mesmo, justificassem a produção nasal registrada em Barreirinha.

Por meio deste levantamento bibliográfico, através de registros de Melo (1967), Williams (1961), Faria (1970), Nobiling (1907), Bueno (1967) e outros autores da história da língua portuguesa, percebemos que a nasalidade não existia no latim, língua que deu origem ao português, e, que, quando passou a existir, no português arcaico, era fruto de transformações sofridas durante sua evolução de uma língua para outra.

Esta investigação nos possibilitou identificar uma semelhança entre a nasalidade produzida em Lisboa-Coimbra, durante o português arcaico, e a nasalidade produzida em Barreirinha, nos dias atuais. Ao que classificamos como fenômeno a não nasalização de vogais em ambientes fonológicos que, por

convenções usuais da língua portuguesa brasileira, devem sofrer, ao menos, uma leve nasalização.

Além deste estudo diacrônico, realizamos um recorte quanto à visão da nasalidade na fonética e na fonologia, pois entendemos que através da clara compreensão destas duas importantes áreas da linguística, atingimos um panorama de estudo que nos permite analisar de forma eficaz o fenômeno investigado, por meio de pressupostos linguísticos, que servem de referência para as conclusões que alcançaríamos após analisarmos o fenômeno.

Foi através do estudo da nasalidade fonética e fonológica que constatamos a ocorrência do fenômeno em Barreirinha, Comunidade do Andirá, como sendo uma variação da nasalidade no contexto linguístico brasileiro.

Reforçamos esta constatação ao investigarmos, por meio de levantamento bibliográfico, o não registro deste fenômeno em outra localidade do território nacional, por meio de trabalhos acadêmicos e científicos publicados.

Não poderíamos tratar de um fenômeno linguístico sem levar em consideração os aspectos sociolinguísticos que interferem na sua ocorrência. Por isso, descrevemos as influências que as variáveis sociolinguísticas podem acarretar sobre a produção da linguagem, sobretudo as variáveis gênero/sexo, idade e escolaridade.

Este trabalho se desenvolveu sob uma metodologia quali-quantitativa, combinando a investigação do fenômeno em seu cenário de ocorrência, no distrito de Freguesia do Andirá, a descrição dos sujeitos que o produzem e o levantamento de hipóteses que expliquem sua ocorrência, com a quantificação dos dados levantados pela pesquisa, à luz da Fonética Experimental, através da ferramenta do Software Praat, utilizada para as fases de coleta e análise dos dados.

A coleta de dados ocorreu no distrito de Freguesia do Andirá, integrante do município de Barreirinha, com um corpus de 69 (sessenta e nove) palavras, contemplando vogais que em seus ambientes fonológicos eram precedidas de fonemas consonantais nasais, o bilabial /m/ em posições tônica e átona inicial,

medial e final, o alveolar /n/ e o palatal /ɲ/, em posições tônica e átona inicial e medial e o velar /ŋ/.

A metodologia seguiu, também, as orientações de uma pesquisa sociolinguística variacionista, em que se buscou investigar e descrever a influência das variáveis gênero/sexo, idade e escolaridade na ocorrência do fenômeno. Para tal análise, foram entrevistados 18 (dezoito) informantes, nativos da localidade, sendo 09 (nove) homens e 09 (nove) mulheres, dentro deste grupo de gênero haviam 03 (três) representantes de cada grupo de idade, jovens, adultos e idosos. E, de um aspecto geral, a variável escolaridade foi analisada, baseada nas descrições dos informantes.

A estrutura deste trabalho ficou organizada da seguinte forma: apresentação do levantamento bibliográfico, iniciando com o capítulo 2 sobre a nasalidade na fonética e na fonologia, onde são abordados os pressupostos teóricos de cada área da linguística e a pesquisa bibliográfica de trabalhos científicos e acadêmicos que tratam da nasalidade no português brasileiro em determinadas localidades do território nacional. Culminando com o capítulo 3, que aborda a variação sociolinguística e a descrição das variáveis gênero/sexo, idade e escolaridade.

No capítulo 4, expomos a metodologia do trabalho, tratando do cenário da pesquisa, da caracterização sociológica dos informantes, da coleta de dados, do instrumental de análise, do Software Praat e da Fonética Experimental, bem como do detalhamento do instrumental de análise.

No capítulo 5, apresentamos a análise dos dados, com a identificação do fenômeno, a análise dos dados fonéticos em sílaba tônica e não-tônica, e a análise dos dados sociolinguísticos nas variáveis gênero/sexo, idade e escolaridade.

Por fim, expomos as considerações finais deste trabalho na Conclusão, onde registramos as informações que pudemos abstrair da análise dos dados e as hipóteses que levantamos para a explicação da ocorrência do fenômeno em Barreirinha.

2 A NASALIDADE NA FONÉTICA E NA FONOLOGIA

2.1 A visão diacrônica da nasalidade – do latim ao português

Como descreve Melo (1967), o latim é uma língua que provem do sub-ramo itálico do indo-europeu e passou a ser conhecida depois de 600 a.C.. Diversos idiomas representam continuações históricas do latim, e são conhecidos como línguas românicas, neolatinas, novilatinas ou, simplesmente, latinas. Entre esses idiomas, encontra-se o português. Vale ressaltar, porém, que o latim que deu origem ao português não é o latim polido e requintado ensinado em faculdades, mas sim o latim vulgar e coloquial, que, de acordo com Coutinho (1976), era a língua falada pelas classes inferiores da sociedade romana, e que foi rapidamente disseminada com a expansão do Império Romano.

Williams (1961) imputa ao latim vulgar o papel de fonte de diversas línguas românicas, devido às seguintes causas: o isolamento geográfico entre os grupos; o desenvolvimento de separadas unidades políticas; a variedade cultural e circunstâncias educacionais; o período de romanização; os diferentes dialetos na língua dos colonos itálicos; os substratos linguísticos originais; e os subsequentes superstratos linguísticos.

Faria (1970), descreve que os fonemas do latim indo-europeu se dividiam nas categorias vogais, soantes e consoantes, como apresenta a Tabela 01:

Tabela 01- Tabela dos fonemas do latim.

LATIM	
VOGAIS	<i>e, o, a</i>
SOANTES	<i>i, u – l, r – m, n</i>
CONSOANTES	<i>p, b, f, t, d, s, k, g</i>

Fonte: Faria (1970).

Diferente do português brasileiro de hoje, o latim, tanto o clássico quanto o vulgar, não possuía vogais nasais. O que ocorria, como descreve Williams (1961), era uma classificação de variação quantitativa, ou seja, vogal longa ou breve no latim clássico, e uma classificação de variação qualitativa, que diz respeito à oposição de timbre, ou abertura vocálica, segundo Silva Neto (1979), isto é, a vogal se classificaria em aberta ou fechada, assumindo também as novas classificações de tônica, pré-tônica e átona final no latim vulgar. Na representação da Tabela 02, vemos a evolução das vogais do latim clássico ao vulgar:

Tabela 02- Tabela de evolução das vogais do latim clássico ao vulgar.

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR
/i/	/i/
/ĩ/	/e/
/ē/	
/oe/	/e/
/ě/	
/ae/	/a/
/ā/	
/ǎ/	/o/
/ō/	
/ū/	/o/
/ũ/	
/ū/	/u/

Fonte: Silva Neto (1979).

Quanto às soantes, Faria (1970) as descreve como fonemas instáveis, que assumem o papel, ora de vogais, ora de consoantes e estavam subdivididas em semivogais (i,u), nasais (m,n) e líquidas (l,r).

No latim, quando uma vogal vinha precedida de uma soante nasal, ela não recebia a classificação de vogal nasal, como ocorre no português. Ela apenas se

classificava quanto às qualidades: aberta ou fechada, tônica, pré-tônica ou átona final, como descreve Williams (1961), e exemplifica:

- amat* a tônico do latim vulgar seguido de uma nasal
- dentem* e (e aberto) tônico do latim vulgar seguido de grupo consonantal começado por *m* ou *n*.
- bonum* o (o aberto) tônico do latim vulgar seguido de uma consoante nasal.
- mendīcum* e (e fechado) pré-tônico do latim vulgar seguido de grupo consonantal iniciado de *m* ou *n*.
- compūtāre* o (o fechado) pré-tônico do latim vulgar seguido por um grupo consonantal iniciado de *m* ou *n*.
- amant* a final do latim vulgar seguido de nasal.

Façamos agora um salto para o português arcaico. Como descreve Melo (1967), a Península Ibérica se tornou província romana após sucessivas guerras púnicas. Como consequência da dominação romana, o latim se instalou na Península. Coutinho (1976), porém, destaca que houve um povo que recusou o latim como língua e continuou a falar o próprio idioma: o basco. Mas, em sua maioria, pode-se afirmar que o processo de romanização da Península Ibérica foi perfeito, visto que notoriamente percebia-se que os nativos haviam facilmente adotado os costumes romanos e já começavam a esquecer sua própria língua, como enfatizou Estrabão *apud* Coutinho (1976).

Sobre o avanço do latim vulgar na costa ocidental da Península Ibérica, Williams (1961) afirma que: “(...) o latim vulgar, mais livre da influência do acento de intensidade germânico do que em qualquer outra parte, mais livre, especialmente, do que no resto da península, se desenvolveu em língua portuguesa.” Ou seja, nascia uma língua como continuação histórica do latim: o português.

Melo (1967), por sua vez, afirma que nesse período de romanização, o latim ibérico era vivo, cotidiano e subdialetado, com influências de peculiaridades do sul da Itália. O autor aponta as invasões que a Península sofreu durante este período, por volta do século V. Foram elas: a das hordas bárbaras, dos alanos e dos

vândalos, que conseguiram se expandir à África, formando os reinos dos suevos e visigodos. Estes últimos habitaram, mais tarde, o território onde o romance galego-português foi constituído. Tornam-se, então, compreensíveis as fortes divergências e a notada evolução entre o latim vulgar que se instaurou na Península Ibérica durante a romanização e o português arcaico, que surge a partir do século XII, período que segue às invasões.

Williams (1961) afirma que o português arcaico acaba ao final do século XVI, quando todas as suas características distintivas haviam desaparecido, surgindo a partir de então o português chamado moderno.

Um dos primeiros estudos realizado sobre a nasalidade no português foi realizado por Nobiling (1907). Em seu trabalho, Nobiling concluiu que a nasalidade na época dos cancioneiros portugueses, período do português arcaico, era, sobretudo, registrada com o uso do til, ou um *m* ou *n* colocados depois da vogal.

A regra sobre o uso do til aplicava-se quando uma vogal nasal era seguida de outra vogal, não se empregando, nesse caso, nunca o *m*, e raramente o *n*.

O estudioso também concluiu que, depois de *i*, frequentemente, encontrava-se o *nh*, ao mesmo passo de *ĩ*, como em *minha* e *mãa*. O mesmo ocorria com o *u*.

Bueno (1967) concluiu com as descrições de Nobiling (1907) que a nasalidade no português arcaico era muito mais acentuada do que no português dos dias de hoje.

Ao que afirmou como regra a nasalação da vogal que fosse seguida de *m* ou *n*, como nas palavras *cã-ma* e *sã-to*. Bueno (1967) destaca, porém, que em Lisboa-Coimbra essa nasalidade não era oficial, pois as palavras citadas soavam aos ouvidos como: *cá-ma* e *sá-nto*, identificando uma variação da nasalidade nesta localidade.

O autor explica que à medida que Portugal se define como nação no século XV, a sua língua vai tomando uma forma mais definida, e a nasalidade vai se perdendo, principalmente nos verbos.

Silva Neto (1979), em acréscimo ao que descreve Bueno (1967), concluiu, ao analisar sistemas de vogais em posição acentuada, que não se poderia afirmar a existência de uma distinção fonética entre a vogal *a* aberta e fechada, quando seguida de nasal no português arcaico.

Concluiu, também, que vogais e ditongos nasais do português resultam de vogais seguidas de consoantes nasais no latim, e exemplifica conforme mostra a Tabela 03:

Tabela 03- Tabela de evolução da nasalidade do latim vulgar ao português arcaico.

CONSOANTE	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS ARCAICO
em posição implosiva	<i>Dente</i>	dente
em posição intervocálica	<i>Lana</i>	lã
em posição implosiva final	<i>Amant</i>	amam
em contiguidade	<i>Annu</i>	ano

Fonte: Silva Neto (1979).

Vejamos agora, mais detalhadamente, as mudanças ocorridas nos fonemas nasais em posição inicial, medial e final, nos fonemas nasais geminados e nos fonemas em grupo consonantal durante a evolução do latim ao português.

As consoantes *m* e *n* em posição inicial mantiveram-se com os mesmos fonemas e posição no português, como exemplifica Williams (1961):

male > mal

mētum > medo

monētam > moeda

nātāre > nadar

nōuum > novo

Williams (1967) ressalta que as consoantes *m* e *n* em posição inicial, por vezes, nasalizavam a vogal seguinte, fenômeno comum no português dialetal e popular, como vemos nas palavras:

matrem > mãe

mĕam > *mĩa* > minha

mensem > mês

nec > *ne* > nem

nīdum > *nĩo* > ninho

O *m* em posição medial se conservou nesta posição no português, porém, foi o *n* medial que sofreu maiores transformações. Vejamos, primeiro, os exemplos com *m* medial:

fūmāre > fumar

sūmus > somos

Williams (1967) indica que a nasalização no ambiente do *m* medial ocorria ora na vogal precedente, fenômeno que tendeu a desaparecer no português arcaico, salvo em dialetos, ora na vogal seguinte, bem como o *m* inicial realizava.

Quanto ao *n* medial, Williams (1967) e Coutinho (1976) apontam para a sua queda após nasalizar a vogal precedente:

bŏnum > *bŏo* > bom

lanam > *lãa* > lã

Williams (1967) descreve várias alterações sofridas no *n* nessa posição. Em caso de a primeira vogal ser tônica, por exemplo, a ressonância nasal permanecia e as combinações vocálicas tornavam-se ditongos nasais:

germānum > irmão

manum > mão

lectiōnes > lições

Se a primeira vogal fosse o *i* tônico e a segunda *a* ou *o*, surgia uma nasal palatal entre ambas e a ressonância nasal desaparecia. O mesmo ocorria quando a primeira vogal era pré-tônica e a segunda um *i* tônico em hiato com um *a* ou *o* seguintes.

gallīnam > *gallīa* > galinha

uicīnam > *vizīa* > vizinha

uīum > *uīo* > vinho

litanīam > *lidaīa* > ladainha

Caso a vogal pré-tônica e a vogal que viesse em seguida fossem semelhantes, e a segunda viesse seguida de uma consoante velar, um *n* velar [ŋ] se desenvolvia:

enecāre > *engar*

benedicāmus > *bēeigamos* > *bengamos*

No caso de uma vogal nasal contracta final, um ditongo nasal ou uma consoante nasal de qualquer espécie não se desenvolver, a ressonância nasal desapareceria, como ocorreu ao longo do século XV:

arēnam > *arēa* > *area* > areia

bōnam > *boa* > boa

corōnam > *coroa* > coroa

Em posição final, Williams (1967) descreve que o *m* caiu no latim vulgar e o *n* final caiu no português primitivo. Faria (1970) acrescenta que o *m* em posição final era debilmente pronunciado, com tendência a se emudecer no latim. A próclise ocasionou que tanto o *m* quanto o *n* final permanecessem nos monossílabos no latim vulgar. No português, a vogal precedente foi nasalizada:

cum > com

in > em

nōn > *nom* > não

Prossigamos agora para os fonemas nasais geminados. Williams (1967) afirma que, no contexto de *mm*, a nasalidade da vogal precedente desapareceu, se mantendo apenas em alguns dialetos. São exemplos:

commūnem > comum

flammam > chama

No contexto de *nn*, quando as palavras no português originavam-se dessa formação latina, emprestava-se o *nh* do espanhol:

pīnnam > peña (esp.) > penha (port.)

stannum > estaño (esp.) > estanho (port.)

Por fim, tratemos dos grupos consonantais iniciados por nasais. Sobre estes, Williams (1967) descreve que havia uma tendência neste contexto de se nasalar a vogal precedente, o que sobreviveu no português moderno, porém, o *n* acabou perdendo seu valor consonantal antes de *l*, *r*, *s*, *ç*, *c* [s], *j*, *g* [ʒ], *f* ou *v*. Contudo, antes de *d* ou *t*, o *n* manteve seu valor consonantal, e antes de *c* [k] ou de *g* [g], seu valor velar. Nestes grupos, o *m* e o *n* não perderam seu valor consonantal antes de *p* e *b*. Vejamos alguns exemplos com alguns grupos consonantais iniciados por nasais:

mn *autumnum* > outono

mpt *exemptum* > isento

mpl *implēre* > encher

É incontestável a evolução da língua latina em sua continuidade histórica rumo a se tornar a língua portuguesa. Embora não fossem registradas vogais nasais ou nasalizadas no latim, com o passar do tempo, e durante sua transformação para a

nova língua, percebemos que provêm do latim os ambientes fonológicos que mais tarde originariam a nasalidade no português.

A nasalidade no português moderno, por sua vez, sobretudo no português brasileiro, será abordada nas próximas sessões, onde serão expostos os pressupostos teóricos para a nasalidade fonética e fonológica.

2.2 A nasalidade fonológica

2.2.1 Pressupostos teóricos

Com o intuito de encontrar aspectos contrastivos entre a nasalidade registrada em nosso campo de estudo e a nasalidade já registrada no português brasileiro, neste trabalho, seremos norteados pela vertente da fonologia gerativa, que busca formalizar “as oposições e distribuições presentes nos sistemas sonoros de maneira a expressar as generalizações atestadas empiricamente” (Silva, 1999). O que significa formalizar os processos fonológicos por meio de regras, que representam determinado traço distintivo. Tal traço implica em uma diferença mínima entre duas unidades da língua, que pode se tratar de um fonema ou uma variante.

Segundo Callou e Leite (2000), fonema é o som que “dentro de um sistema fônico determinado, tem um valor diferenciador entre dois vocábulos”. A variante, por sua vez, é descrita por Cagliari (2001) como o som que pode variar como o [tʃ] e o [t]. Callou e Leite (2000) acrescentam, ainda, a existência de variantes de vários tipos, como: posicionais, regionais, estilísticas, livres ou facultativas.

Como a fonologia gerativa ocupa-se de representar traços distintivos, esse princípio estende-se à nasalidade através dos conceitos contrapostos de som nasal e oral. Dessa forma, Silva (1999) afirma que um som nasal é aquele “produzido com o abaixamento do véu palatino permitindo o escape de ar do nariz”, enquanto que o som oral é “produzido sem o abaixamento do véu palatino”. Vejamos o som nasal como traço distintivo no Quadro 01:

Quadro 01- Matriz fonética do português

	p	b	t	d	k	g	f	v	s	z	ʃ	ʒ	m	n	ɲ	l	λ	r	ɾ
Soante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+
Cont.	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+	+	+	+
Ant.	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-	+	+	-	+	-	+	-
Cor.	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	-
Son.	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+
Nas.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-
Lat.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	-	-

Fonte: Silva (1999).

Fonseca (1984) descreve a nasalidade fonológica da seguinte forma: “É a que se observa em palavras como *bomba*: suprimida a nasalidade da vogal de tais palavras, obtém-se outra, de significação diversa, *boba*, que forma um par opositivo com a primeira.” Ressalta-se, portanto, o papel atribuído à fonologia de expor oposições no sistema sonoro.

A fonologia possui duas regras básicas quanto à nasalidade no português brasileiro: em termos de nasalidade consonantal, como visto na tabela anterior, tanto no âmbito fonético, quanto no fonológico, assumem-se como nasais consonantais os fonemas /m/, /n/ e /ɲ/, pois para a maioria dos linguistas, como afirma Barbosa (1995):

A nasalidade decorre do abaixamento do véu palatino e uma obstrução na cavidade oral pela aproximação de dois articuladores, ou seja, os lábios (nasal bilabial), a ponta da língua com os alvéolos e dentes (nasal dental alveolar), a língua em quase toda sua extensão com o palato (nasal palatal), e a parte posterior do dorso da língua com o palato mole (nasal velar).

Quanto à nasalidade vocálica fonológica, segundo Botelho (2007) a nasalação da vogal se dá por conta do contato com um elemento nasal, como, por exemplo, o arquifonema /N/ no declive da sílaba, como ocorre nas palavras *manga*, *cinto* e *mundo*, pensamento embasado na teoria de Mattoso Câmara, que considera as “vogais nasais como vogais orais seguidas de um arquifonema consonântico nasal,

sendo a natureza nasalizada da vogal decorrente da consoante nasal que lhe trava a sílaba” (Leite, 2005). Este tipo de interpretação é chamada de bifonêmica.

Em contraposição à interpretação bifonêmica, encontra-se a interpretação monofonêmica da vogal nasal. Segundo Silva (1999), esta interpretação é utilizada por Head (1964), Pontes (1972) e Back (1973), que utilizam os vocábulos *lá* e *lã*, ou *mito* e *mino* para justificar a oposição de pares mínimos da língua portuguesa, o que acarreta na oposição de sete fonemas vocálicos orais: [a], [e], [ɛ], [i], [o], [ɔ] e [u] com cinco fonemas vocálicos nasais na língua portuguesa: [ã], [ẽ], [ĩ], [õ], [ũ].

Prossigamos, no entanto, ao que há registrado de regras fonológicas para a realização da nasalidade no português, na visão de Câmara Jr (1984 e 1991), d’Andrade (1994) e Bisol (1999).

Vejamos o que Câmara Jr (1984 e 1991) apresenta como regras fonológicas para a nasalidade no português. Para começar, faz-se necessário expor sua visão de nasalidade no português, que, segundo ele, vem a ser um grupo de dois fonemas que se combinam na sílaba: a vogal e o elemento nasal. Dentro deste contexto, Câmara Jr (1984) propõe que a nasalidade seja analisada como traço distintivo na constituição da sílaba.

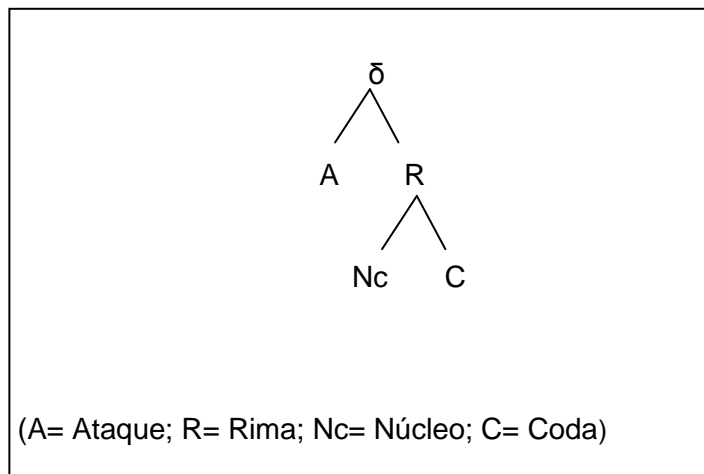
O autor postula as seguintes regras de nasalidade no português brasileiro:

- a. Não existe a nasalidade pura da vogal, pois por meio dela não se cria contraste distintivo com a vogal travada por uma consoante nasal;
- b. A nasalização da vogal explica-se como uma consequência obrigatória em português do travamento da sílaba por uma consoante nasal pós-vocálica;
- c. Não há em português vogal nasal em hiato;
- d. É frequente a produção de uma emissão nasal para a vogal que precede uma consoante nasal na sílaba seguinte;

- e. O ditongo nasal deve ser analisado como ditongo mais elemento nasal;
- f. A posição da vogal tônica diante de consoante nasal na seguinte, como em amo, lenha e sono, elimina as vogais médias de 1º grau e torna a vogal baixa central levemente posterior, em vez de anterior, o que auditivamente lhe imprime um som abafado¹.

D'Andrade (1994), analisa a nasalidade no português com base numa perspectiva autosegmental, e propõe o seguinte modelo, onde serão projetados os diferentes traços e cujos pontos são os pés dos ramos de uma árvore silábica, organizada hierarquicamente segundo a estrutura no Quadro 02:

Quadro 02- Perspectiva autosegmental



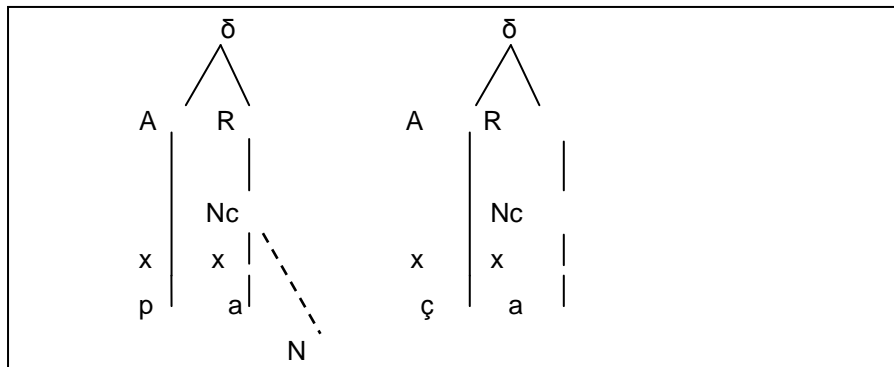
Fonte: d'Andrade (1994).

Sob esta orientação, o autor chegou às seguintes conclusões quanto às regras da nasalidade no português:

¹ Segundo a classificação de Câmara Jr (1970), as vogais altas são /i/ e /u/, as médias de 2º grau são /e/ e /o/, as médias de 1º grau são /ɛ/ e /ɔ/ e a vogal baixa é o /a/.

a) A difusão do autossegmento N tem como domínio uma só posição silábica, quer o Núcleo, quer o Ataque, que são projeções máximas. Como se pode observar na palavra *pança*, no Quadro 03:

Quadro 03- Autossegmento N na posição do Núcleo.



Fonte: d'Andrade (1994).

b) A difusão processa-se no Núcleo quando este não está seguido de um Ataque (final absoluta), ou então seguido de um Ataque preenchido lexicalmente;

c) A difusão faz-se no Ataque quando o Núcleo está seguido de um Ataque nulo e a palavra é derivada;

d) Não há difusão do auto-segmento N quando o Núcleo está seguido de um Ataque nulo e a palavra não é derivada (o auto segmento mantém-se flutuante, e como tal não tem realização fonética);

e) Nas palavras do tipo de *ano*, *seno* e *pino*, não há difusão porque o autossegmento N está ancorado na representação lexical.

Bisol (1999) distingue as regras do processo de nasalidade baseada em dois processos distintos: o de estabilidade, que trata da nasal do grupo VN, como flutuante, ocorrendo com marcador de classe, em final de palavra, gerando o ditongo nasal; e o de assimilação, que trata do N subespecificado, referido, por vezes, por

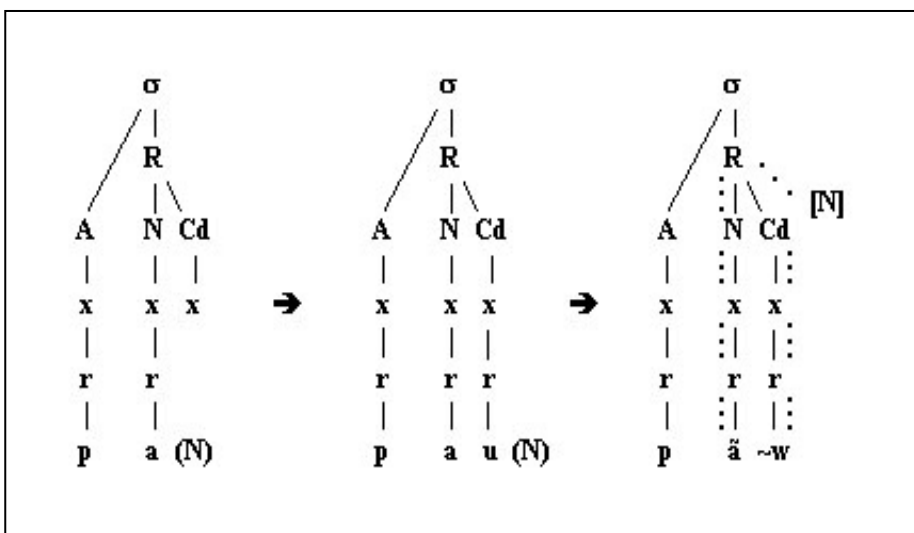
espraiamento, inserido nos demais contextos para o surgimento da vogal nasal. Em seu estudo, Bisol (1999) afirma que as vogais temáticas *a* e *o* são as únicas diretamente envolvidas com raízes nominais de terminação nasal, como nas palavras *irmão* e *irmã*. Além disso, em sua análise do processo de estabilidade, ela conclui que os ditongos nasais podem ser classificados como lexicais², ou seja, gerados no léxico, como em *limões*, e pós-lexicais, que são formados no pós-léxico, como na palavra *homem*.

Eis a regra de estabilidade que pauta o caso de ditongos lexicais:

(...) a hipótese é que a nasal, (...) em posição final de vocábulo, é desassociada por convenção, porque não recebe interpretação fonética, pois não possui traços articulatórios, resultando um suprasegmento nasal, flutuante (N), mas estável graças à estabilidade, um dos constructos da teoria autosegmental. Então, a vogal temática, como marcador de classe, ocupa a posição disponível da coda. E o traço nasal, reassociado à rima percola até atingir todos os segmentos terminais, ou seja, as vogais que a compõem” (Bisol, 1999).

A autora exemplifica através da palavra *pão*, ilustrada no Quadro 04:

Quadro 04- Processo de Estabilidade



Fonte: Bisol (1999).

² Segundo Mohanan (1986), os componentes lexicais estão ligados às regras que recorrem à informação morfológica do léxico. Já os pós-lexicais sofrem aplicações de regras entre palavras.

Caso não ocorra a reassociação da flutuante (N), a mesma será apagada durante o processo.

Quanto aos ditongos pós-lexicais, pode-se dizer que são regidos pela regra do espriamento. Bisol (1999) resume este tipo de nasalidade (por Estabilidade) como originada por inserção na rima de uma nasal flutuante e estável.

O processo de assimilação, por sua vez, consiste da seguinte regra: quando as nasais internas e finais, como em *canto* e *jovem*, respectivamente, tem realização fonética, isso significa que ambas permanecem *in situ*, na primeira, porque a nasal recebe os traços articulatorios da consoante seguinte ou da vogal precedente, e, na segunda, devido à superficialização decorrente ora de glide consonântico ora vocálico de acordo com os traços da vogal precedente. Não se tratando, portanto, de uma nasal flutuante, mas sim da expansão de N *in situ*, uma assimilação.

2.3 A nasalidade fonética

2.3.1 Pressupostos teóricos

À fonética cabe descrever o processo articulatorio da produção da nasalidade. Em outras palavras, Fonseca (1984) imputa à fonética a função de realizar o levantamento do material sonoro da língua em estudo.

Botelho (2007) descreve a nasalização fonética como aquela em que a vogal oral recebe uma leve nasalação por conta do contato com uma consoante da sílaba seguinte, como ocorre em “cana”, “pena”, “pepino”. Callou e Leite (2000), por sua vez, chamam este processo de produção de som nasal, pois além do abaixamento do véu palatino, há uma obstrução na cavidade bucal, causada pela aproximação dos dois articuladores. As autoras chamam de som nasalizado aquele produzido sem nenhuma obstrução na cavidade bucal, uma vez que o ar pode ecoar também pela boca.

Oliveira (2009) acrescenta, ainda, que a nasalidade fonética trata-se daquela que não estabelece distinção de significado, como o que acontece com as palavras *camelo* e *banana*, que podem ser pronunciadas de formas diferentes, porém sem implicar em diferentes significados.

Silva (1999), quando descreve a produção do som nasal, destaca que o abaixamento do véu palatino altera a configuração da cavidade bucal, tendo por consequência uma qualidade vocálica diferente da que as vogais orais possuem. A autora indica a utilização de um ~ (til) acima da vogal para marcar a nasalidade durante a transcrição, e apresenta o seguinte quadro com a lista das vogais nasais do português brasileiro, segundo a Tabela 04:

Tabela 04- Lista das vogais nasais do português brasileiro

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta		ĩ			u	
média		ẽ			o	
baixa			a			

Fonte: Silva (1999).

Câmara Jr (2008) qualifica esta tabela como sendo de uma visão gramatical, pois sua visão enquanto linguista é a de que ao lado do quadro de vogais orais exista, na verdade, em oposição, uma lista de vogais acompanhadas de ressonância nasal. Pois, segundo o seu ponto de vista, a nasalidade provém da vogal seguida de um arqúfonema nasal, o qual se realiza de acordo com o ambiente fonético, podendo ser labial, dental ou velar, se a consoante seguinte for, respectivamente, /p/, /d/ e /g/.

Lipski (1975) indica que a maioria dos estudos fonêmicos realizados sobre a nasalidade do português brasileiro está embasada no pensamento de Câmara Jr, porque na maioria dos casos em que a vogal nasal se mostra em oposição a uma

vogal oral, ela se apresenta seguida ortograficamente por uma consoante nasal ou está marcada com um ~ (til), indicando nasalidade.

2.4 A nasalidade no português brasileiro

Dedicamos esta sessão à apresentação do que já existe registrado de estudos científicos quanto a fenômenos referentes à nasalidade, no tocante às vogais nasais em outros estados e cidades brasileiras. Discorreremos aqui sobre os trabalhos de Barbosa (1995), Capistrano (2004), Costa (2005), Alves *et al* (2007) e Santos (2009), que descrevem a nasalidade nas respectivas localidades brasileiras: Manaus, Fortaleza, Goiás, Bahia e Maranhão.

Barbosa (1995) realizou uma pesquisa com o propósito de investigar a influência da fala amazonense no ensino de inglês. Em uma sessão sobre os fones nasais, a autora concluiu que na cidade de Manaus a incidência de nasalização ocorre quase em todos os casos de vogais antecederidas por uma consoante nasal, mesmo quando a consoante inicia a sílaba seguinte, sendo raro o não registro de nasalização de um som vocálico seguido de consoantes nasais.

Em seu trabalho, Capistrano (2004) se propõe a descrever a nasalidade do ponto de vista sociolinguístico, revelando a presença desta variante na cidade de Fortaleza e como é percebida pelos ouvintes. A pesquisa envolveu indivíduos do gênero masculino e feminino, entre 20 a 40 anos de idade, divididos em dois grupos, o de residentes da comunidade do Dendê e o de professores universitários.

De acordo com os dados da pesquisa com relação à análise fonética, tanto na fala espontânea como na leitura, houve uma grande incidência de vogais nasalizadas, tanto em posição tônica quanto pré-tônica, o que caracteriza a variante falada na cidade de Fortaleza. Com relação às vogais pré-tônicas antecederidas consoante nasal, a pesquisa revelou uma grande variação individual, não chegando a caracterizar de forma diferente os grupos. Neste contexto, durante a fala

espontânea, em ambos os grupos pesquisados de níveis socioeconômicos distintos, a maior parte dos sujeitos apresentou a nasalidade fonética.

A Pesquisa realizada em Goiás, mais precisamente em Corumbá de Goiás, por Costa (2005), discute a nasalidade em ocorrência na fala dos corumbaenses que participaram desta Pesquisa. Costa (2005) concluiu que o *a* tônico é sempre nasalizado se for seguido das consoantes nasais [m], [n] e [ŋ].

Alves *et al* (2007) realizaram um trabalho com o objetivo de produzir um inventário das palavras que se realizam com vogais nasais em ambientes não nasais em algumas cidades do interior da Bahia. A pesquisa constatou que os falantes dessas localidades realizam vogais nasais independentemente da presença de uma consoante nasal na adjacência.

Por fim, falemos do trabalho de Santos (2009), que propôs uma análise descritiva da nasalidade na comunidade de fala de Fortaleza dos Nogueiras, no Maranhão. O pesquisador observou a preservação da ressonância nasal nos fonemas vocálicos após a queda do fonema palatal, como em *galiã* > *galinha*; e o espriamento progressivo da ressonância nasal, como em *liã* > *linha*. Observou ainda que a nasalização regressiva atinge fonemas vocálicos de sílabas pré-tônicas imediatas.

3 A VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

A linguística, ciência que estuda a linguagem, possui subáreas, dentre elas a Sociolinguística, que é definida por Mollica e Braga (2004) como a ciência que “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.” E é por meio desses aspectos que se torna possível analisar as mudanças e evoluções sofridas pela língua.

Ao tratar de aspectos sociais, Labov (1991) destaca que a sociologia da linguagem é uma das áreas que tem sido incluída na sociolinguística. Segundo o autor, esta área tem o intuito de lidar com os fatores sociais de grande escala e sua mútua interação com línguas e dialetos.

Cagliari (2001) complementa, apontando que um dos papéis da sociolinguística é demonstrar problemas da variação linguística e da norma culta.

Para Labov (1991), a sociolinguística foca na língua em uso dentro da comunidade que a fala. Sua definição de língua é “uma forma de comportamento social.” Ou seja, ele postula que a língua deve ser estudada dentro do seu contexto social, pois é nele que as pressões sociais atuam sobre a língua.

Mollica e Braga (2004) afirmam, ainda, que dentre as muitas áreas de interesse da sociolinguística encontram-se o contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, multilinguismo, variação e mudança. Para este trabalho, no entanto, focaremos na área sociolinguística voltada para a variação, que, segundo a autora é um fenômeno universal, que pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes.

Ela diferencia variantes e variáveis da seguinte forma: variantes são as “diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”. Já as variáveis, que são consideradas

dependentes, dizem respeito ao uso não aleatório das variantes, influenciado por fatores de natureza social ou estrutural. E podem ser internas ou externas. Nas primeiras encontramos fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais. Nas variáveis externas encontramos fatores “inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social), os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva)”. Calvet (2002) complementa o assunto definindo a variável como um conjunto de modos diferentes de realizar a mesma coisa, como por meio de um signo ou fonema.

Mollica e Braga (2004) acrescentam que “a variação é estruturada de acordo com as propriedades sistêmicas das línguas e se implementa porque é contextualizada com regularidade”.

O que nos guia aos dois eixos onde pode ocorrer a variação linguística: o diatópico e o diastrático, que dizem respeito, respectivamente, às alternâncias que se expressam regionalmente, limitados em espaços físico-geográficos, e às alternâncias que se expressam de acordo com os diferentes estratos sociais.

Nas próximas sessões abordaremos as variáveis externas no eixo diastrático, que são os aspectos pertinentes a este trabalho.

3.1 A variável gênero/sexo

A diferença de fala entre homens e mulheres vai além do timbre da voz. Paiva (*apud* Mollica e Braga, 2004) afirma que as diferenças mais evidentes se encontram no plano lexical. Além disso, o uso de forma padrão e não-padrão da língua parece estar associado não só ao fator gênero/sexo, mas também à forma de construção social dos papéis femininos e masculinos.

Leite e Callou (2004) acrescentam que a variação de gênero é um fator condicionante da heterogeneidade linguística.

O trabalho pioneiro a fazer referência à correlação entre a variação linguística e a variação gênero/sexo foi realizado por Fischer (1958). Em sua pesquisa, ele apontou para a diferença entre a pronúncia velar ou dental do sufixo – ING do inglês: a de prestígio era utilizada em sua maioria pelas mulheres.

A opção pela forma de prestígio por parte de falantes femininos também foi constatada no âmbito fonológico, (Mollica e Paiva, 1991), em um estudo sobre a variável da vibrante nos grupos consonantais.

Paiva (*In*: Mollica, 1994) acrescenta: “Diversos outros estudos sobre processos variáveis do português apontam para o que poderíamos denominar uma maior consciência feminina do status social das formas linguísticas”.

Há, então, de se levar em consideração essa variável gênero/sexo, quando na análise sociolinguística de uma variável.

3.2 A variável idade

Se compararmos o português que falamos hoje com o português que era falado no Brasil colônia, perceberemos que o tempo tem grande influência na língua, assim como na relação tempo/idade.

Um estudo feito por Naro (*In*: Mollica & Braga, 2003) sobre o português falado no Rio de Janeiro apontou alguns fenômenos relacionados à variável idade, dentre eles, o uso de *nós* e *a gente*, em que constatou-se que os mais jovens evitam a forma *nós* e usam mais a forma *a gente*.

O autor considerou ainda que: “No caso dos fenômenos listados, e muitos outros, os falantes adultos tendem a preferir as formas antigas, criando uma situação estranha, pelo menos à primeira vista: existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo pai/filho), costumam falar de maneira distinta”.

Preti (2003) afirma que um locutor adulto apresenta mais variação em termos lexicais do que em qualquer outro aspecto, mas também salienta que fatores externos como o ambiente onde o falante vive e o seu grau de escolaridade influenciam sua forma de falar. Por exemplo, um locutor adulto proveniente de uma área rural provavelmente apresentará um vocabulário limitado, tanto quanto o de um locutor infantil.

Naro (*In*: Mollica & Braga, 2003) descreve duas correntes teóricas que buscam explicar a mudança da língua com o decorrer dos anos. A primeira, conhecida como clássica, “postula que o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir deste momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável”. Enquanto a corrente mais moderna considera que o falante modifica a sua língua no decorrer dos anos. Esta última está intrinsecamente ligada à variável idade e é nesta teoria que apoiaremos, caso seja comprovado que há a interferência desta variável na ocorrência do fenômeno investigado neste trabalho.

3.3 A variável escolaridade

Uma simples observação diária sem fins científicos já nos mostra claramente que diferentes graus de escolaridade influenciam no discurso do falante.

Segundo Votre (*apud* Mollica e Braga, 2004), o nível de escolaridade desempenha um papel crítico na configuração geral do domínio da língua padrão pelos informantes, embora existam outros fatores, como o contato com pessoas cultas, que também podem influenciar.

De acordo com o autor, pessoas que não pertencem a uma posição social privilegiada tendem a possuir um grau de escolaridade baixo. Em suas palavras, “as formas de expressão socialmente prestigiadas das pessoas consideradas superiores na escola socioeconômica (...) ocorrem em contextos mais formais, mais elitizadas,

entre interlocutores que se transformam em modelos e pontos de referência do bem falar e escrever”.

É instintivo afirmar que quanto maior for o contato do falante com a escola, maior a probabilidade de ele utilizar a língua padrão, pois, como descreve Ribeiro (2006), é papel da escola normatizar a língua. Preti (2003) acrescenta, ainda, que apenas por meio de frequência escolar um falante dominaria formas cultas da língua.

Votre (*apud* Mollica e Braga, 2004) destaca, ainda, o papel da escola como responsável por uma relevante parcela da tarefa socializadora que o uso de uma língua nacional requer. Porém, afirma que: “O domínio maior ou menor do registro culto da língua depende de muitas variáveis. Entre essas, destacam-se aqui o compartilhamento de experiências, a consciência do grau de prestígio atribuído a cada participante do processo interativo e o esforço de cada interlocutor em dar conta das tarefas comunicativas de modo a garantir êxito nos contextos em que quer figurar”. No entanto, não é descartável o papel irrefutável da escola enquanto formadora de falantes da norma culta da língua.

4 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido seguindo o método quali-quantitativo de pesquisa. Segundo Kaplan & Duchon (1988), as principais características dos métodos qualitativos são a perspectiva interpretativa de condução da pesquisa e a imersão do pesquisador no contexto.

Sendo assim, este trabalho se enquadra nos parâmetros metodológicos qualitativos, uma vez que a pesquisa foi desenvolvida com base em dados colhidos diretamente do contexto onde o fenômeno é produzido, além da interpretação desses dados realizada durante o processo de análise.

Por outro lado, este trabalho segue uma metodologia quantitativa, pois objetiva, também, quantificar a ocorrência do fenômeno tanto no âmbito fonético, quanto no âmbito sociolinguístico variacionista. A pesquisa quantitativa surge no cenário científico das ciências naturais no século dezenove.

Dörnyei (2007) destaca as seguintes características desse tipo de pesquisa: o uso de números; categorização prioritária; presença maior de variáveis; dados estatísticos, uso de linguagem estatística; procedimentos padrões para alcançar uma realidade objetiva e maior possibilidade de generalização e universalização.

Estudos, como os de Schofield & Anderson (In: Phinney & Rotheram, 1987), apontam para a combinação de estratégias qualitativas e quantitativas na metodologia de pesquisa, como uma forma de unir os pontos fortes de cada metodologia. Seguindo esta combinação metodológica de pesquisa, buscamos cumprir os seguintes passos:

1. Pesquisa bibliográfica;
2. Viagem para Barreirinha para a realização da coleta de dados;
3. Transcrição fonética dos dados coletados;
4. Tratamento acústico dos dados coletados;

5. Análise do material recolhido e descrição dos resultados em dados numéricos, quantificando a ocorrência do fenômeno.

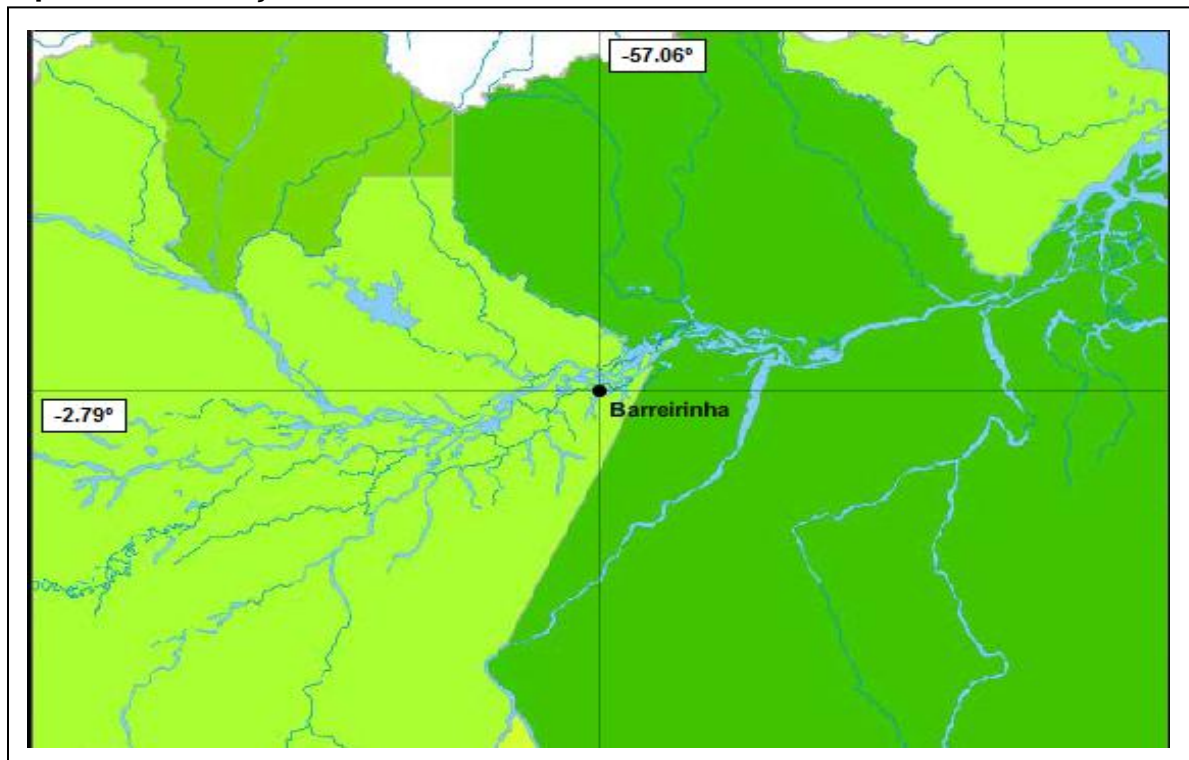
4.1 CENÁRIO DA PESQUISA

Segundo o site oficial do município, Barreirinha está localizada ao norte do município de Parintins e a leste do estado do Pará, a 331 km da capital do Amazonas, a cidade de Manaus.

De acordo com o censo do IBGE realizado em 2010, a população estimada era de 27.361 habitantes, sendo o vigésimo segundo município mais populoso do estado do Amazonas.

A localização de Barreirinha pode ser vista no Mapa 01:

Mapa 01- Localização de Barreirinha.



Fonte: IBGE

Em Barreirinha vive parte da comunidade indígena Sateré-Mawé. Segundo dados do *Diagnóstico Sociodemográfico Participativo da População Sateré-Mawé*, realizado nos anos 2002-2003 pela Universidade Federal do Amazonas, residiam nessa área indígena 7.375 pessoas, estendendo-se por cinco municípios – Aveiro e Itaituba, no Estado do Pará, e Barreirinha, Maués e Parintins, no Estado do Amazonas. Os Sateré-Mawé falam a língua Mawé, integrante única da família linguística de mesmo nome, pertencente ao tronco tupi.

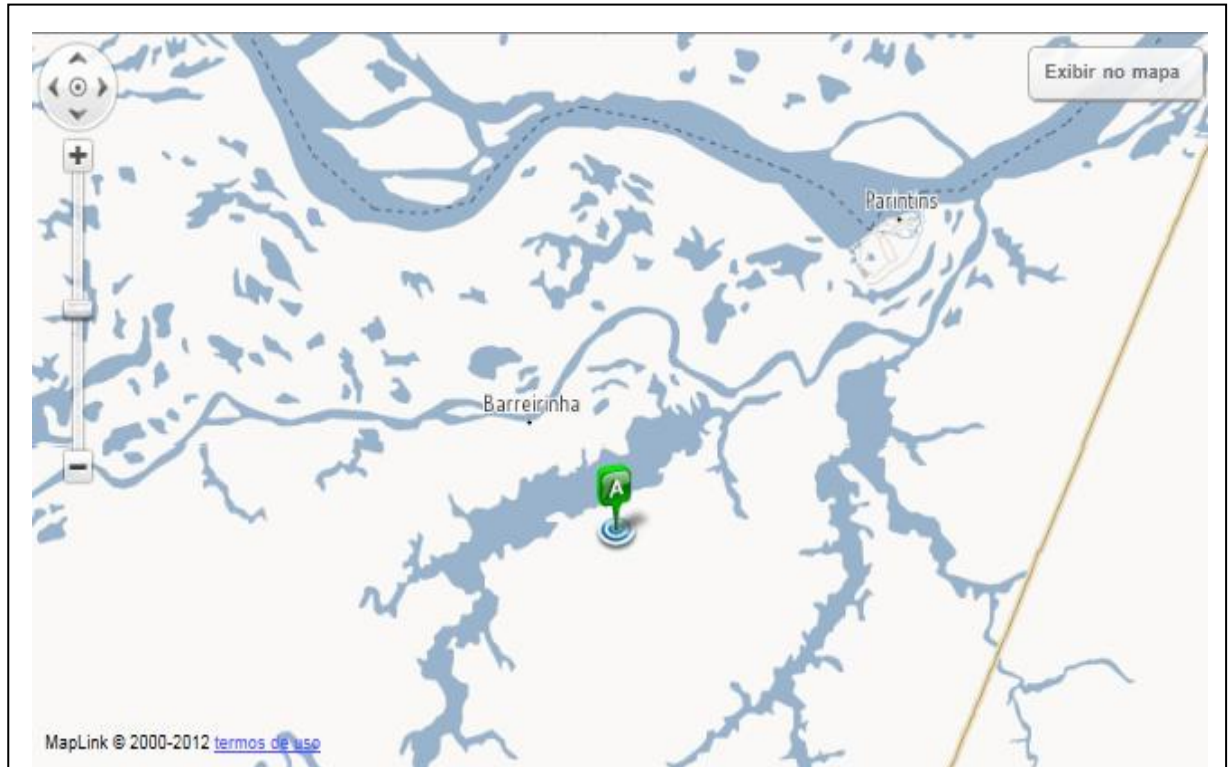
No setor primário da economia local, destacam-se o plantio de arroz, abacaxi, cacau, laranja, feijão, entre alguns legumes, a criação de bovinos e suínos com a produção de carne e leite.

A pesca, por sua vez, não exprime forte caráter econômico local, servindo apenas para consumo dos moradores da região. A indústria de Barreirinha é provida da usina de arroz e de uma fábrica de brinquedos de madeira. Já o setor terciário, ligado a serviços, engloba comércio em geral e serviço de hotéis e pensões.

Barreirinha possui, ainda, as seguintes comunidades e distritos: Ariau, Brasília do Estácio, Freguesia do Andirá, Santa Tereza do Matupiri, Acurucaua, Boa Fé, Boas Novas do Caraná, Cristo Redentor, Santa Vitória do Coatá, Ipiranga, Jabotituba, Lago Grande, Lírio do Vale, Manda Brasa, Mangueirão e Indígena Umirituba.

A realização deste trabalho se concentrou no distrito de Freguesia do Andirá, um local com 866 habitantes, localizado na orla do Rio Andirá, a aproximadamente 52km de distância de Barreirinha, como vemos no ponto A do Mapa 02:

Mapa 02- Localização de Freguesia do Andirá.



Fonte: www.mapalink.com.br

4.2 Caracterização sociológica dos informantes

Foram entrevistados dezoito moradores da Freguesia do Andirá, sendo nove homens e nove mulheres de três grupos de faixa etária:

- 1º grupo- de quatorze a vinte e cinco anos;
- 2º grupo- de trinta a cinquenta e cinco anos;
- 3º grupo- acima de 60 anos.

Cada falante está sendo representado neste trabalho por um código que se inicia com g1b, g2b ou g3b, correspondendo ao grupo de faixa etária a que pertencem respectivamente. E, em seguida, aparece o código F01, F02, F03, M01, M02, M03, correspondendo ao gênero de cada falante e a ordem dos dados coletados.

Na Tabela 05, expomos os dados sociológicos que dizem respeito à origem, ocupação e escolaridade de cada falante:

Tabela 05- Tabela sociológica dos informantes entrevistados.

Falante	Idade	Origem	Ocupação	Escolaridade
g1bF01_	20	Freguesia do Andirá	Dona de casa	Ensino Médio completo
g1bF02	14	Barreirinha	Estudante	8º ano do Ensino Fundamental
g1bF03	13	Freguesia do Andirá	Estudante	9º ano do Ensino Fundamental
g1bM01	15	Não registrado	Estudante	8º ano do Ensino Fundamental
g1bM02	14	Freguesia do Andirá	Estudante	8º ano do Ensino Fundamental
g1bM03	15	Barreirinha	Estudante	6º ano do Ensino Fundamental
g2bF01_	36	Santa Tereza do Matupiri	Dona de casa	Ensino Médio completo
g2bF02	36	Maués (Mora em Freguesia desde os 8 anos)	Agricultora	Ensino Médio completo
g2bF03	35	Freguesia do Andirá	Agricultora	Ensino Médio completo
g2bM01	41	Freguesia do Andirá	Agricultor	9º ano do Ensino Fundamental
g2bM02	32	Freguesia do Andirá	Comerciante	Pós-médio
g2bM03	34	Freguesia do Andirá	Professor	Ensino Médio completo

g3bF01	86	Freguesia do Andirá	Agricultora	Primário incompleto
g3bF02	65	Freguesia do Andirá	Merendeira	1º ano do Ensino Médio
g3bF03	67	Freguesia do Andirá	Agricultora	Primário incompleto
g3bM01	86	Paraná do Moura	Agricultor	Primário incompleto
g3bM02	70	Freguesia do Andirá	Agricultor	Primário completo
g3bM03	79	Freguesia do Andirá	Agricultor	Primário incompleto

Fonte: Santos (2013).

4.3 A coleta de dados

Assim que a equipe de pesquisadores, formada pelos orientadores e pela orientanda da pesquisa, chegou ao município de Barreirinha, no dia 28 de fevereiro de 2012, uma parte caminhou pelas principais ruas e escolas para fazer a percepção auditiva a fim de confirmar a existência do fenômeno a ser investigado. Como o fenômeno não foi percebido naquela localidade e com a obtenção da informação de que no distrito de Freguesia do Andirá ele ocorreria, a equipe tomou providências para que no dia seguinte atravessasse o rio Andirá e se estabelecesse naquele distrito.

Em Freguesia do Andirá, iniciamos o contato com as pessoas mais idosas, ou seja, pertencentes ao terceiro grupo de faixa etária da localidade, através de conversas informais para realizarmos a percepção auditiva, que culminou com a constatação da existência do fenômeno. Partimos, então, em busca de informantes de cada faixa etária específica e iniciamos a coleta de dados.

O corpus foi desenvolvido de modo a contemplar vogais quem em seus ambientes fonológicos eram precedidas de fonemas consonantais nasais, o bilabial

/m/, em posições tônica e átona inicial, medial e final, o alveolar /n/ e o palatal /ɲ/, em posições tônica e átona inicial e medial, e o velar /ŋ/. O que resultou em um total de setenta vocábulos (ver Anexo A), sendo que, por falha técnica, um vocábulo não foi registrado na coleta.

Para que a entrevista pudesse fluir com naturalidade e facilidade para os informantes, criamos um documento com slides contendo figuras relacionadas aos vocábulos que esperávamos ouvir dos informantes. Esses slides foram apresentados individualmente aos informantes por meio de um computador portátil. Caso um vocábulo não pudesse ser representado por uma figura, desenvolvemos perguntas que levassem os informantes a pronunciar o vocábulo esperado. Cada entrevista durou em média trinta minutos. Devido à simplicidade do local, a se tratar de ambientes externos, a coleta foi realizada sem isolamento acústico, ocorrendo, ora em uma sala próxima a salas de aulas, ora no quintal, varanda e dentro das casas dos informantes.

Para minimizar a interferência de ruídos durante a gravação, foi utilizado um microfone supercardioide, marca Yoga, modelo Ht320. O microfone foi conectado a um gravador marca Marantz, modelo PMD660. O formato de gravação utilizado foi o PCM, com amostragem de 44.100 Hz

4.4 Instrumental de análise

4.4.1 O Software Praat e a Fonética Experimental

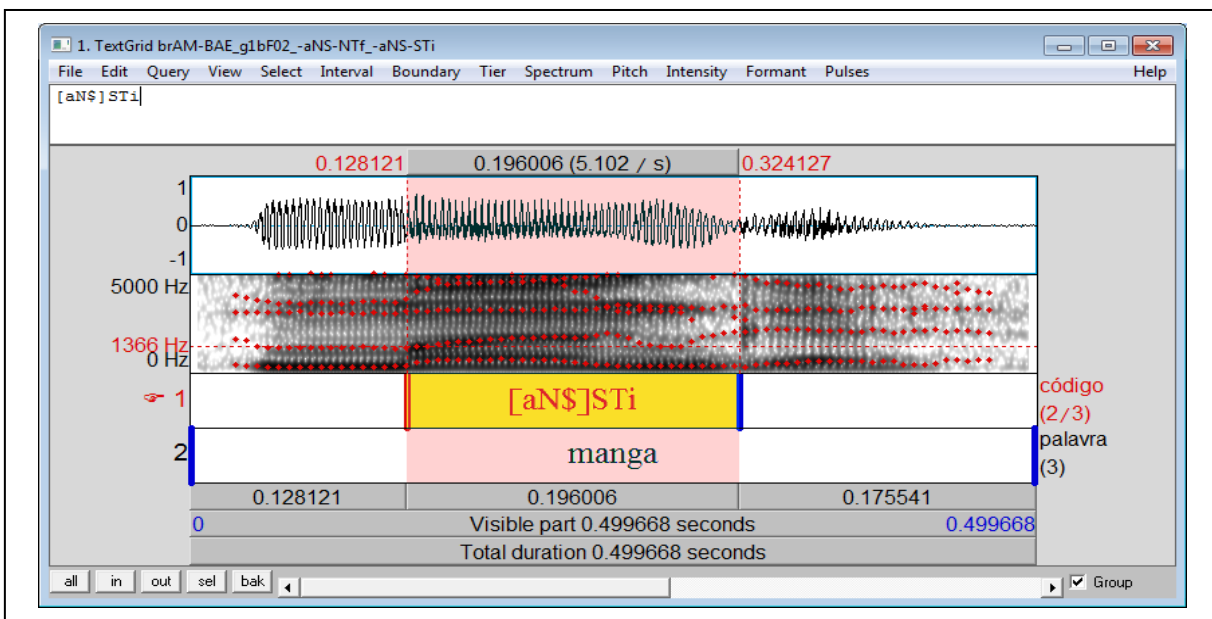
O Praat é um software utilizado para análise e síntese da fala, desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink, do *Institute of Phonetic Sciences*, da Universidade de Amsterdã. Seu foco é a análise do som como ondas, focando em parâmetros como frequência, comprimento, decibéis, etc.

Uma vez que um som é gravado e salvo em um computador e seu arquivo é aberto no Software Praat, abre-se uma janela com um espectrograma, que é uma representação espectro-temporal do som. A direção horizontal do espectrograma representa o tempo, a direção vertical representa a frequência.

No espectrograma, é possível ver os formantes. Um formante é a intensidade do pico no espectro de um som. Tecnicamente, os formantes são bandas de frequência que concentram a maior parte da energia sonora de um som.

Na Figura 01, é possível observar o espectrograma, em cores graduais de cinza, gerado pela enunciação da palavra *manga* e os formantes em pontos avermelhados, abaixo das ondas sonoras, no topo, representando a pressão do som como uma função de tempo:

Figura 01- Recorte da janela do Praat Software, apresentando ondas sonoras no topo, espectrograma, em escalas de cinza, e formantes, em pontos avermelhados, abaixo.



Fonte: Santos (2013).

O Software Praat é um dos instrumentos utilizados em estudos que envolvem a Fonética Experimental. Silva (1999), afirma que a Fonética Instrumental, outro nome para Experimental, “compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais.”

Callou e Leite (2000) destacam que foi graças à aliança da fonética experimental na área da fisiologia e da acústica dos sons, que tornou-se possível o progresso atual da fonética articulatória. Segundo a autora,

O grande avanço da fonética experimental deu-se no século XIX com o uso do palato artificial que permite determinar quais são as partes do palato tocadas pela língua na produção de um som e, sobretudo, com a invenção do quimiógrafo por Karl Ludwig. O quimiógrafo permite registrar não só os diferentes movimentos articulatorios da língua, lábios, abóbada palatina, respiração, mas também as qualidades quantitativas e musicais por meio de uma curva facilmente analisável, traçada num papel preto.

Além desses avanços acima citados, a linguista também aponta para o avanço computadorizado, através de programas que aprimoram a análise do contínuo sonoro.

4.4.2 Detalhamento do instrumental de análise

Os arquivos coletados foram segmentados e nomeados de acordo com a codificação correspondente a cada ambiente fonológico, conforme Anexo II. Os arquivos foram, então, renomeados e salvos de acordo com o script desenvolvido. A segmentação dos arquivos se deu manualmente e sua renomeação, com inserção de TextGrids (camadas de texto para anotação) e fronteiras entre fones, se deu de forma automatizada, por meio da utilização de script desenvolvido por Cirineu Stein para esse fim específico. O alinhamento sonoro, posteriormente, foi feito manualmente.

A parte de análise iniciou-se com o julgamento de ocorrência do fenômeno combinando a técnica de oitiva com a análise espectrográfica, utilizando-se o programa Praat.

Os dados foram julgados quanto à ocorrência do fenômeno em cada vocábulo, sendo divididos, após julgados em grupos que representam essa ocorrência por meio dos códigos: SIM, para a ocorrência plena do fenômeno, NÃO, para a não ocorrência do fenômeno, M, para a ocorrência do fenômeno em metade do ambiente

do fonológico, SC, para a ocorrência plena do fenômeno seguida de produção da consoante nasal, NC, para a não ocorrência do fenômeno seguida da produção da consoante nasal e MC, para a ocorrência do fenômeno em metade da duração do ambiente fonológico seguida da produção da consoante nasal. As tabelas elaboradas abordando o julgamento de ocorrência do fenômeno encontram-se no Anexo C.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Identificação do fenômeno

Como mencionado no capítulo referente à metodologia empregada, a análise dos dados iniciou-se com o julgamento de ocorrência do fenômeno combinando a técnica de oitiva com a análise espectrográfica, utilizando-se o programa do Software Praat.

O fenômeno que está no foco de investigação deste trabalho trata-se da produção de vogais de forma oral em ambientes fonológicos onde, por uma regra fonológica usual do português brasileiro, espera-se som nasalizado. Assim, a técnica de oitiva identificou as palavras que foram pronunciadas com a produção deste fenômeno, e, para confirmar o que se constatou oitivamente, recorreremos ao espectrograma reproduzido no programa Praat para verificar se, efetivamente, as palavras identificadas com a produção do fenômeno possuíam representação espectrográfica compatível com a produção de vogal oral em detrimento de vogal nasalizada.

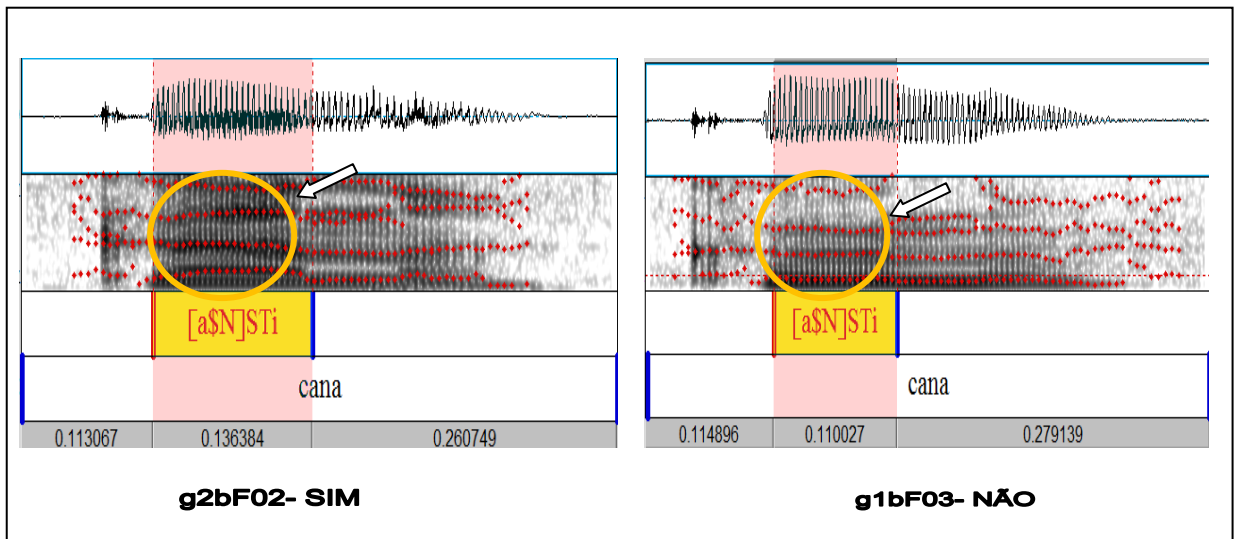
A representação espectrográfica de um som de vogal oral, de um lado, dá-se com a manifestação de uma coloração cinza escuro em todos os formantes, ao longo de toda a duração do segmento, devido à concentração de energia exclusivamente na cavidade oral durante a enunciação desta palavra.

Por outro lado, um som de vogal nasalizada é representado com a manifestação de uma coloração cinza claro ao longo dos formantes, pois o fluxo de ar divide-se entre as cavidades oral e nasal do informante, o que produz uma diminuição na concentração de energia na cavidade oral, refletida na tonalidade mais clara do cinza.

No ambiente fonológico [v\$N]ST, vogal em fronteira silábica seguida de nasal na sílaba posterior, em posição de sílaba tônica, destacamos o exemplo da palavra *cana*, em que contabilizamos 5 (cinco) ocorrências de produção do fenômeno.

Na Figura 02, ilustramos o espectrograma com a realização do fenômeno e ao lado o espectrograma sem a realização do fenômeno na mesma palavra, pronunciada respectivamente pelos informantes g2bF02 e g1bF03:

Figura 02- Par espectrográfico da vogal /a/ em ambiente [v\$N]ST. Nota-se coloração cinza em tom escuro no espectrograma à esquerda, ilustrando som de vogal oral, e coloração de cinza em claro no espectrograma à direita, ilustrando som de vogal nasalizada.

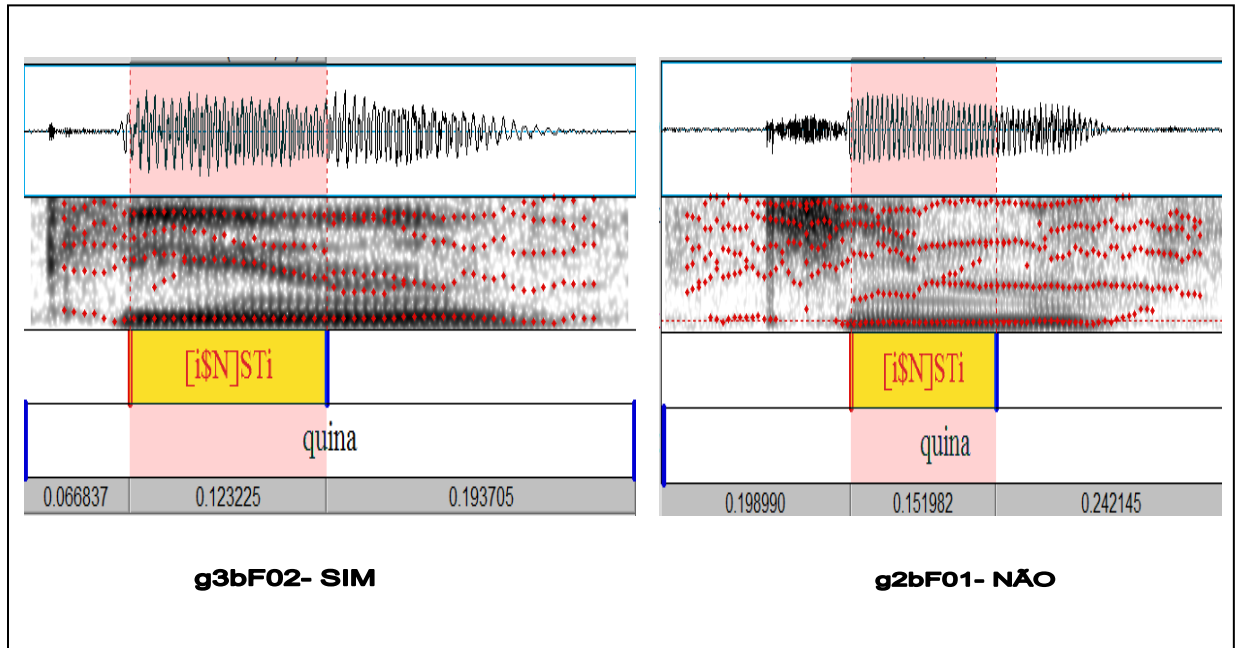


Fonte: Santos (2013).

Em caráter ilustrativo, apresentaremos os pares espectrográficos desenvolvidos durante a fase de análise dos dados, contemplando as demais vogais /i/, /e/ e /u/³, no ambiente [v\$N]ST, em posição inicial, da Figura 03 à Figura 05. E, na sequência, os pares espectrográficos desse ambiente, contemplando todas as vogais em posição medial:

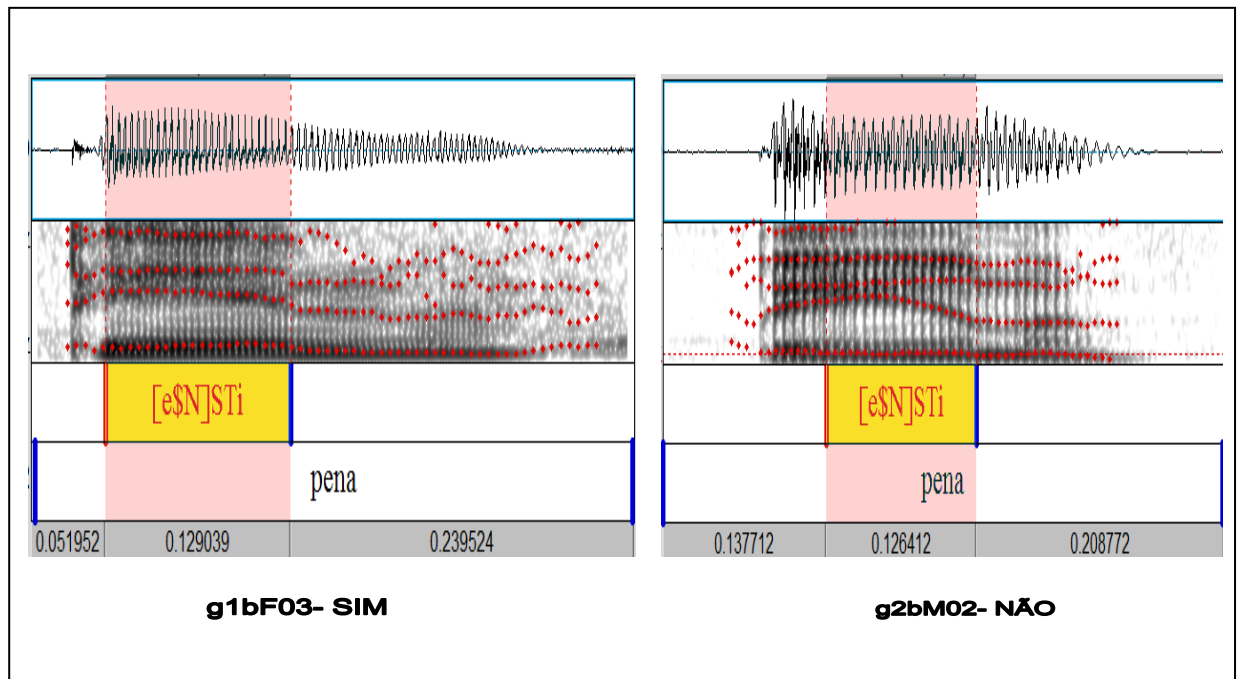
³ Por problemas técnicos, a palavra *goma*, referente ao código [o\$N]STi, não foi gravada.

Figura 03- Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [v\$N]STi.



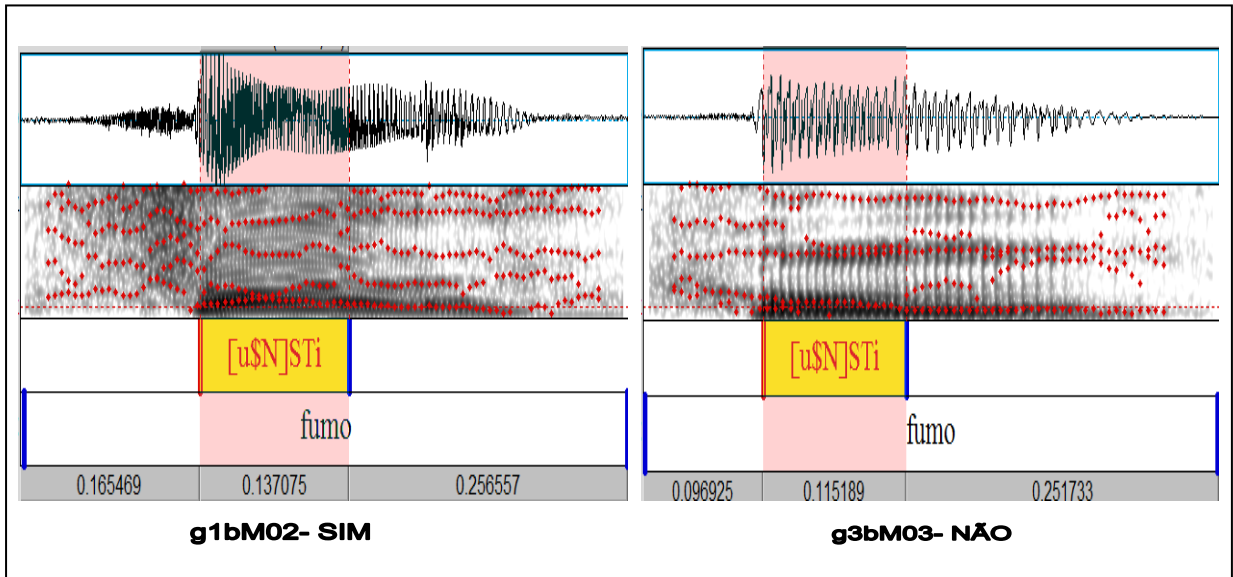
Fonte: Santos (2013).

Figura 04- Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [v\$N]STi.



Fonte: Santos (2013).

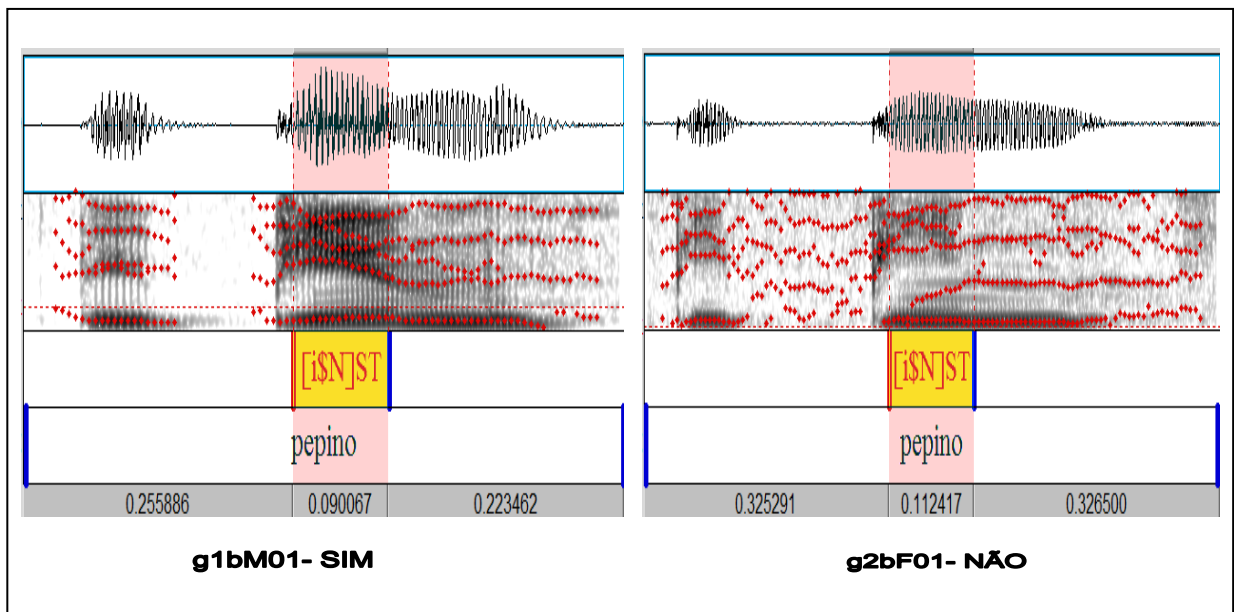
Figura 05: Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [v\$N]STi.



Fonte: Santos (2013).

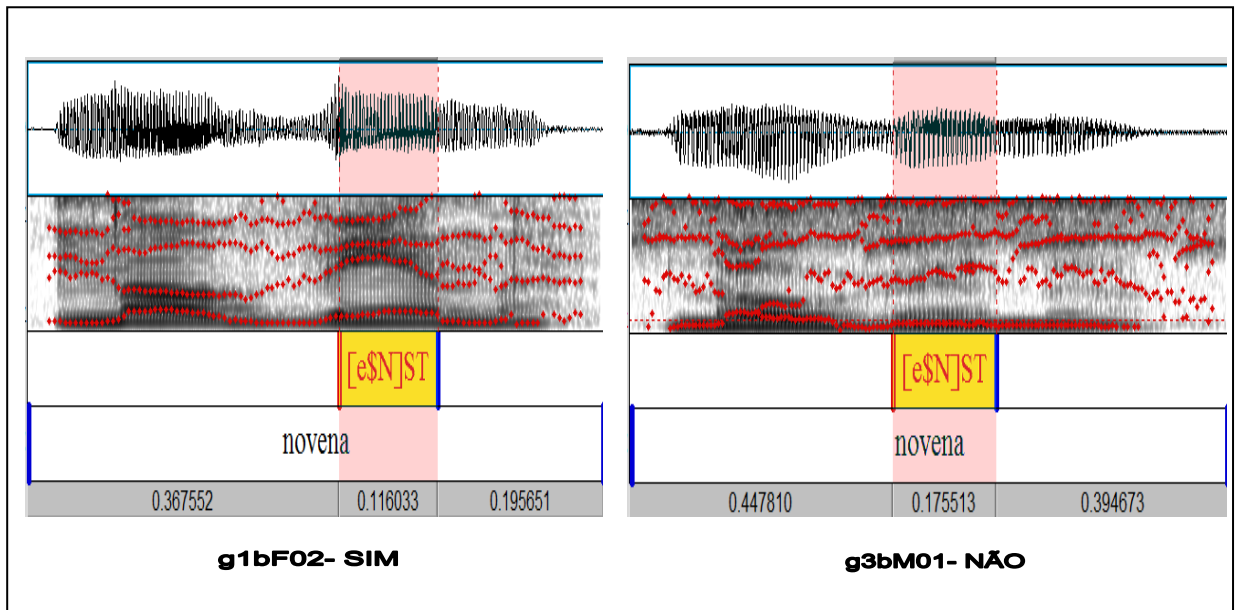
No ambiente fonológico [v\$N]STm desenvolveram-se os pares espectrográficos ilustrados da Figura 06 à Figura 10:

Figura 06- Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [v\$N]STm.



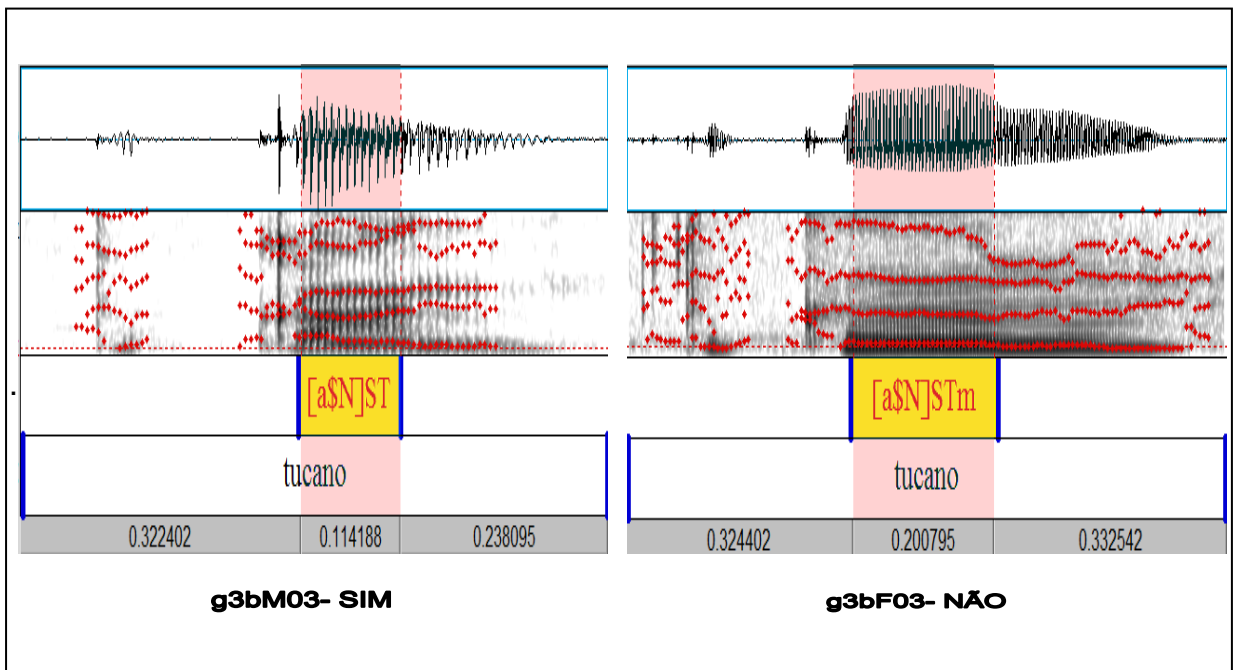
Fonte: Santos (2013).

Figura 07- Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [v\$N]STm.



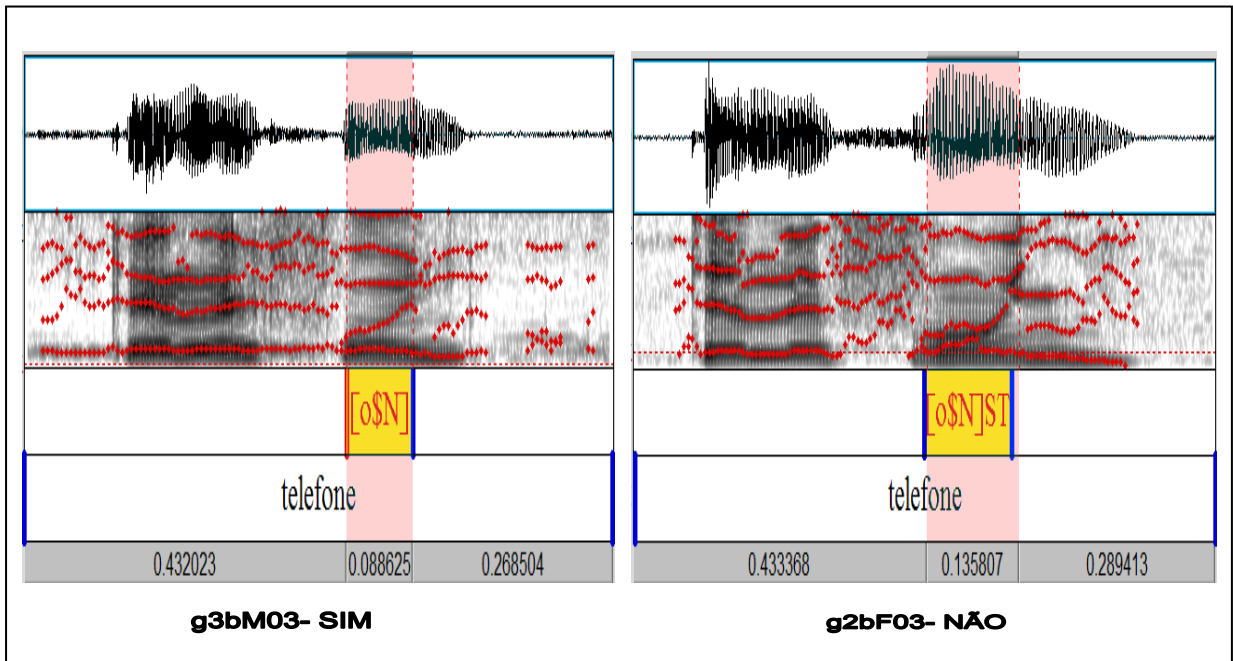
Fonte: Santos (2013).

Figura 08- Par espectrográfico da vogal /a/ em ambiente [v\$N]STm



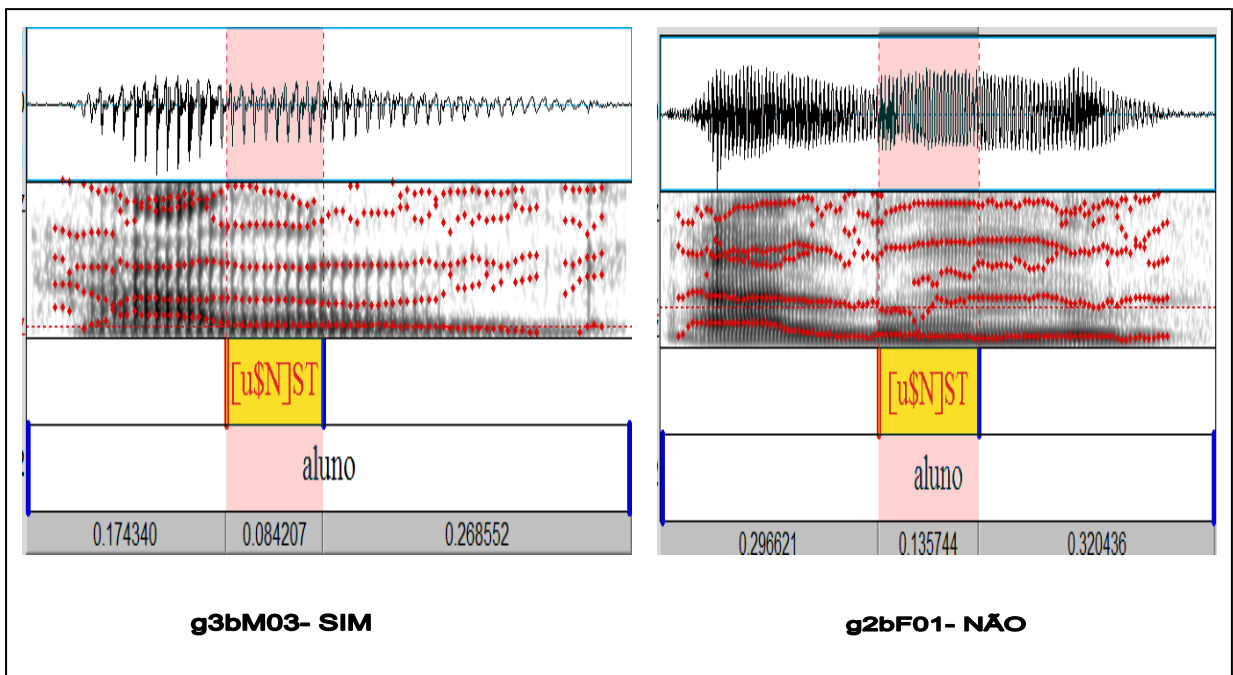
Fonte: Santos (2013).

Figura 09- Par espectrográfico da vogal /o/ em ambiente [v\$N]STm.



Fonte: Santos (2013).

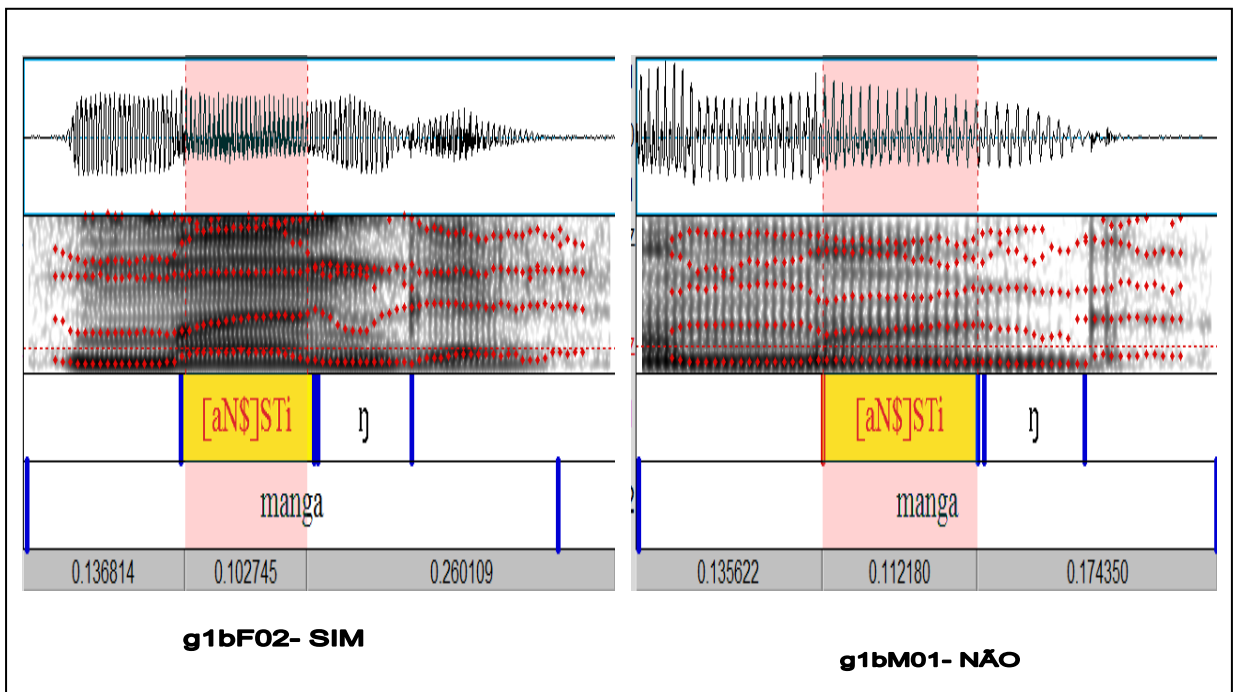
Figura 10- Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [v\$N]STm.



Fonte: Santos (2013).

Para o ambiente fonológico [vN\$]ST, vogal seguida de consoante nasal na mesma sílaba em posição tônica, iniciaremos a exemplificação de ilustração de ocorrência do fenômeno com a palavra *manga*, que contabilizou 2 (duas) ocorrências de produção do fenômeno. Na Figura 11, ilustramos o espectrograma com a realização do fenômeno, à esquerda, e ao lado o espectrograma sem a realização do fenômeno nessa palavra, pronunciada respectivamente pelos informantes g1bF02 e g1bM01.

Figura 11- Par espectrográfico da vogal /a/ em ambiente [vN\$]STi.



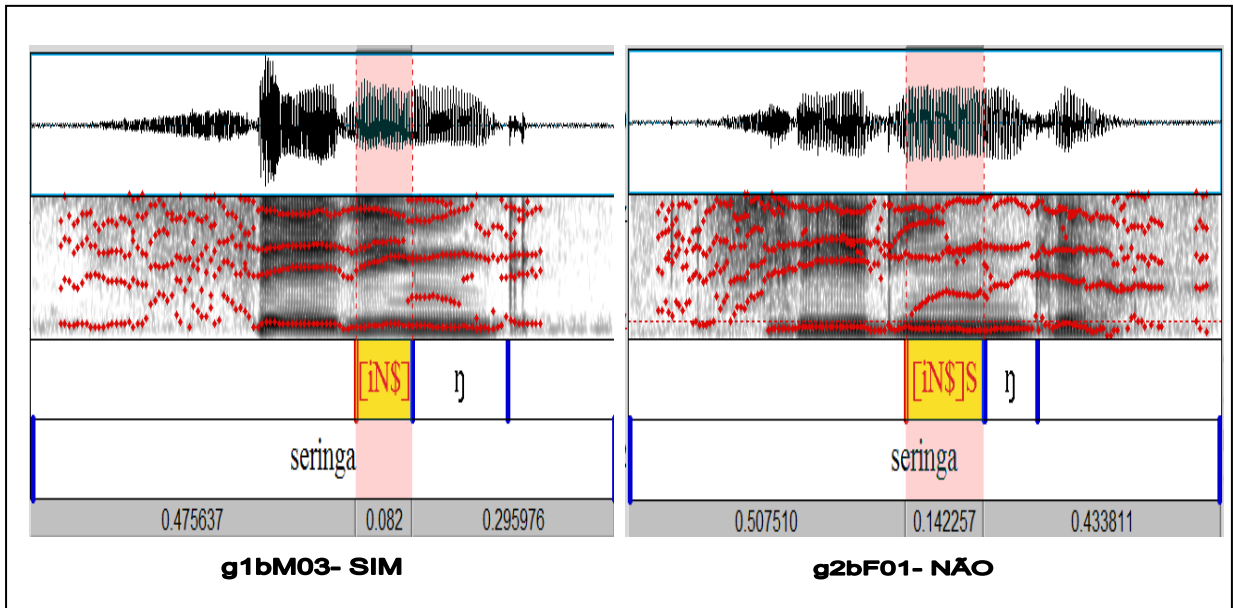
Fonte: Santos (2013).

Não foram registradas ocorrências do fenômeno com as vogais /i/, /e/, /o/ e /u/ em ambiente [vN\$]STi.

Da Figura 12 à Figura 14, ilustraremos os pares espectrográficos desenvolvidos, abrangendo as vogais /i/, /e/, e /o/⁴, em ambiente [vN\$]STm.

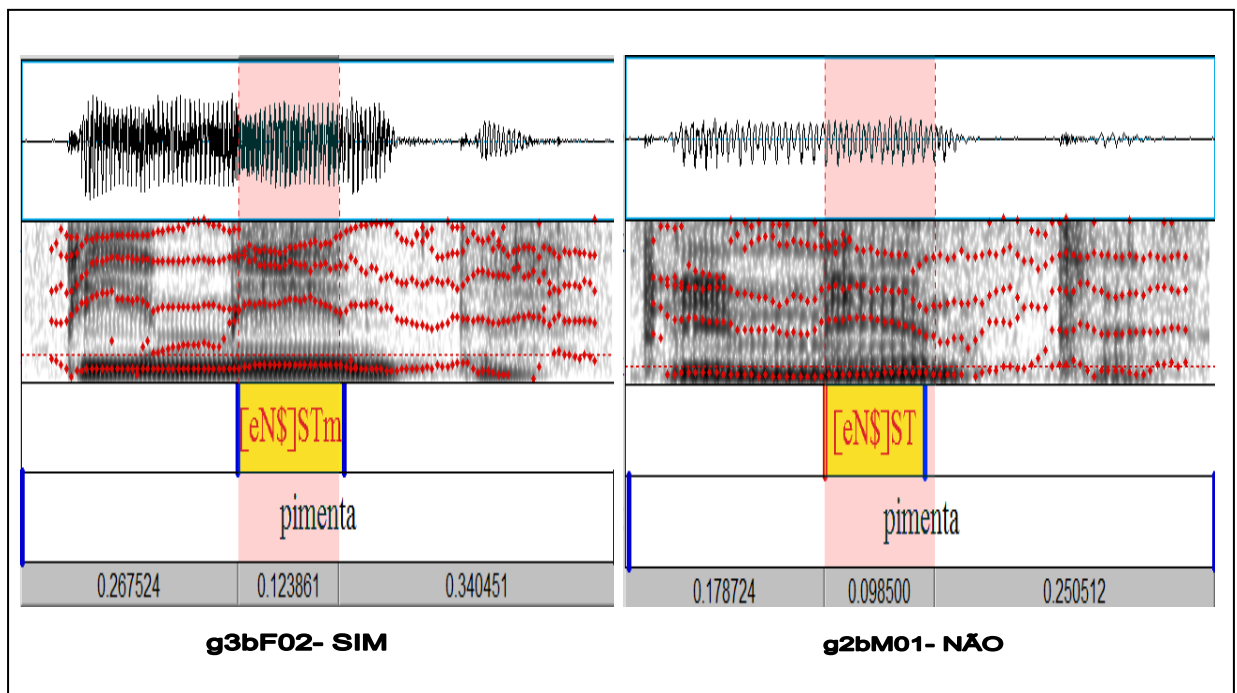
⁴ Não houve ocorrência do fenômeno com as vogais /a/ e /u/ em ambiente [vN\$]STm.

Figura 12- Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [vN\$]STm.



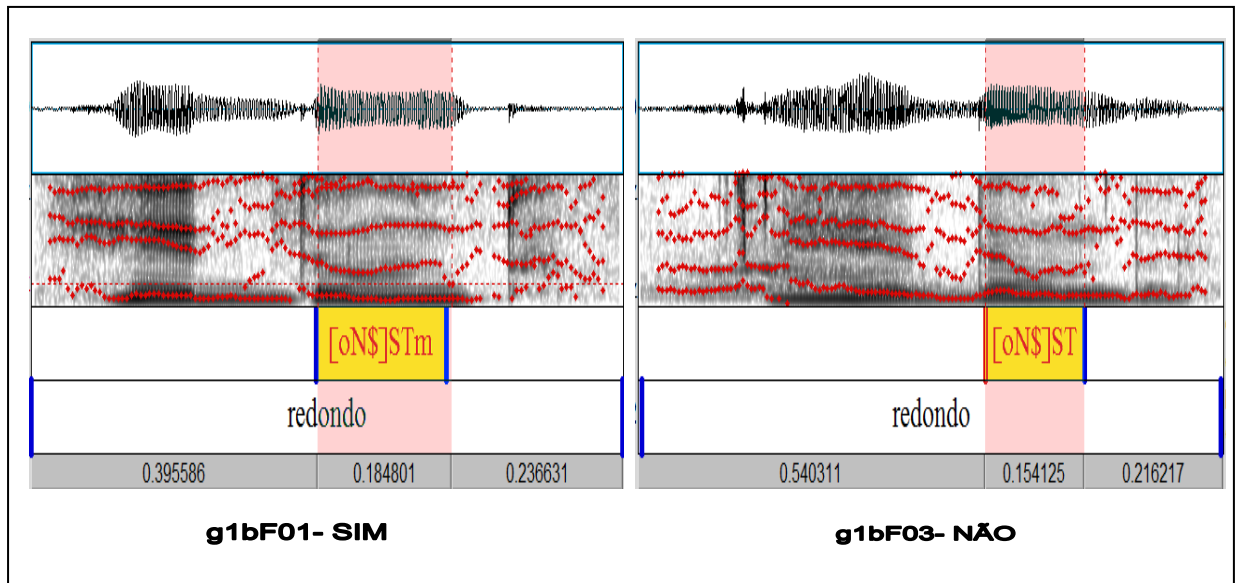
Fonte: Santos (2013).

Figura 13- Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [vN\$]STm.



Fonte: Santos (2013).

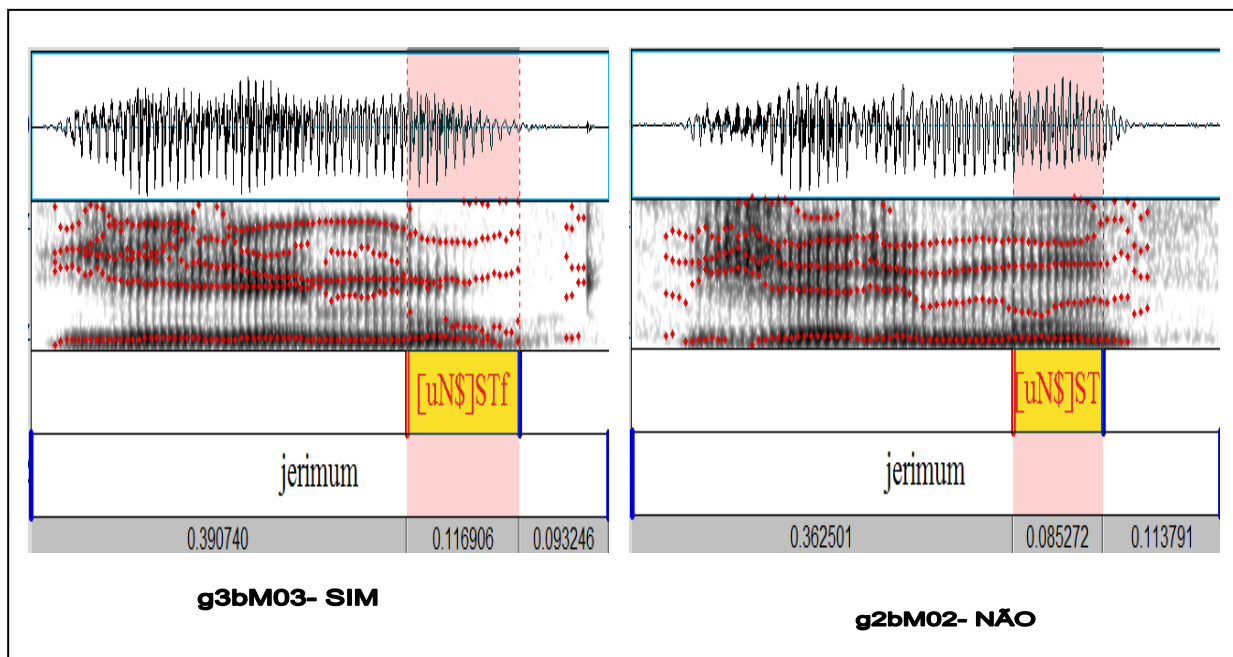
Figura 14- Par espectrográfico da vogal /o/ em ambiente [vN\$]STm.



Fonte: Santos (2013).

Na Figura 15, apresentaremos apenas o par espectrográficos da vogal /u/ em ambiente [vN\$]STf, pois não houve ocorrência do fenômeno com as vogais /i/, /e/, /a/ e /o/ neste ambiente.

Figura 15- Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [vN\$]STf.

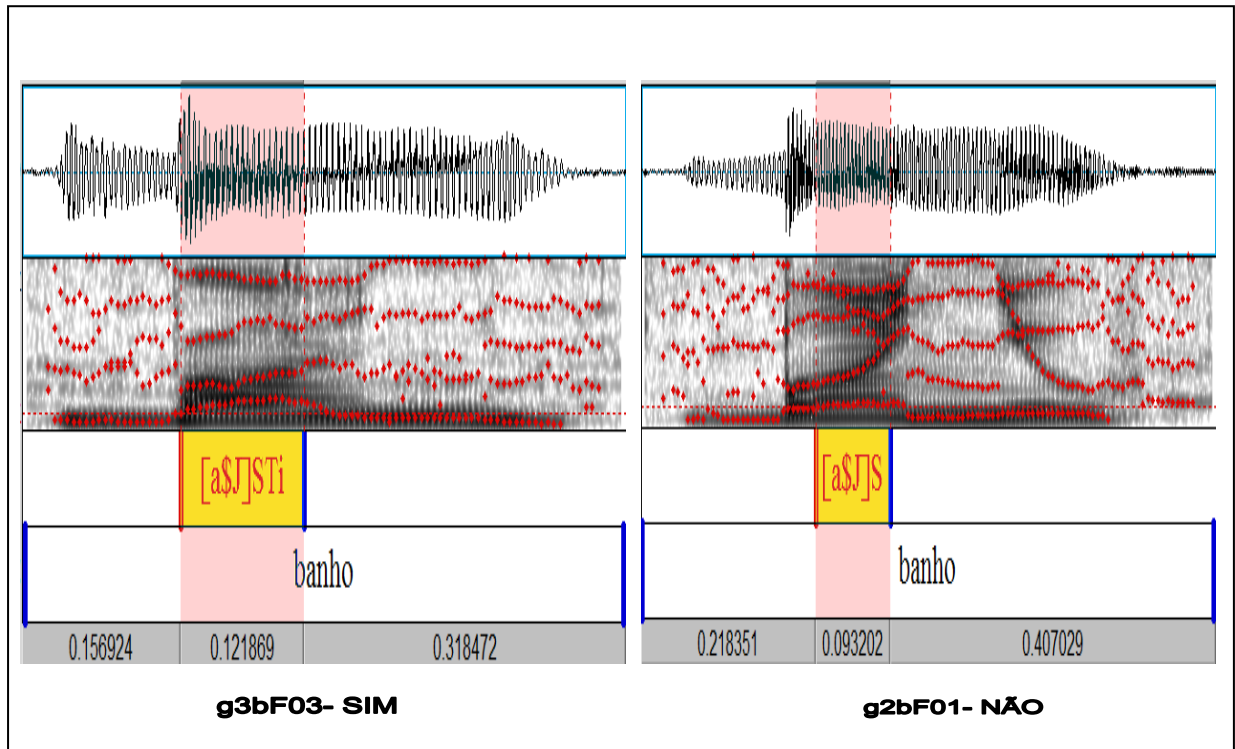


Fonte: Santos (2013).

O ambiente fonológico [v\$J]ST, vogal em fronteira silábica seguida de palatal /ɲ/ na sílaba seguinte em posição tônica, será inicialmente exemplificado com a ilustração de ocorrência do fenômeno na palavra *banho*, que contabilizou 12 (doze) ocorrências de produção do fenômeno.

Na Figura 20, ilustramos o par espectrográfico da vogal /a/ em ambiente [v\$J]STi:

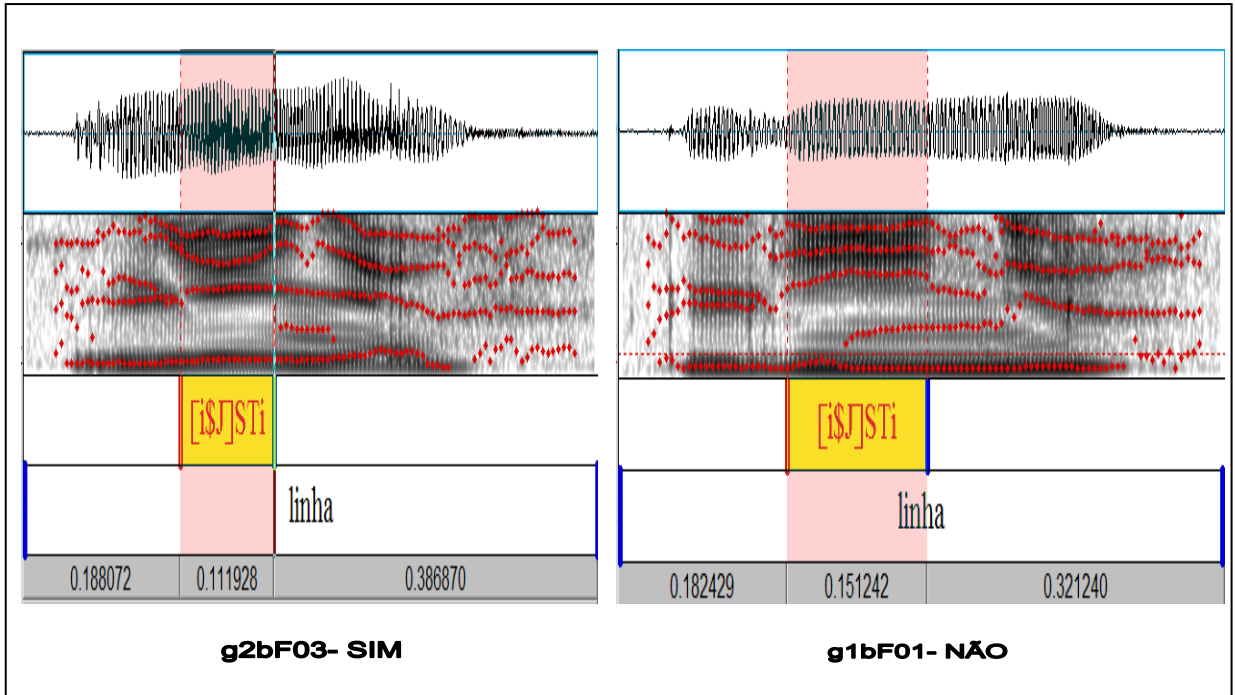
Figura 16- Par espectrográfico da vogal /a/ em ambiente [v\$J]STi.



Fonte: Santos (2013).

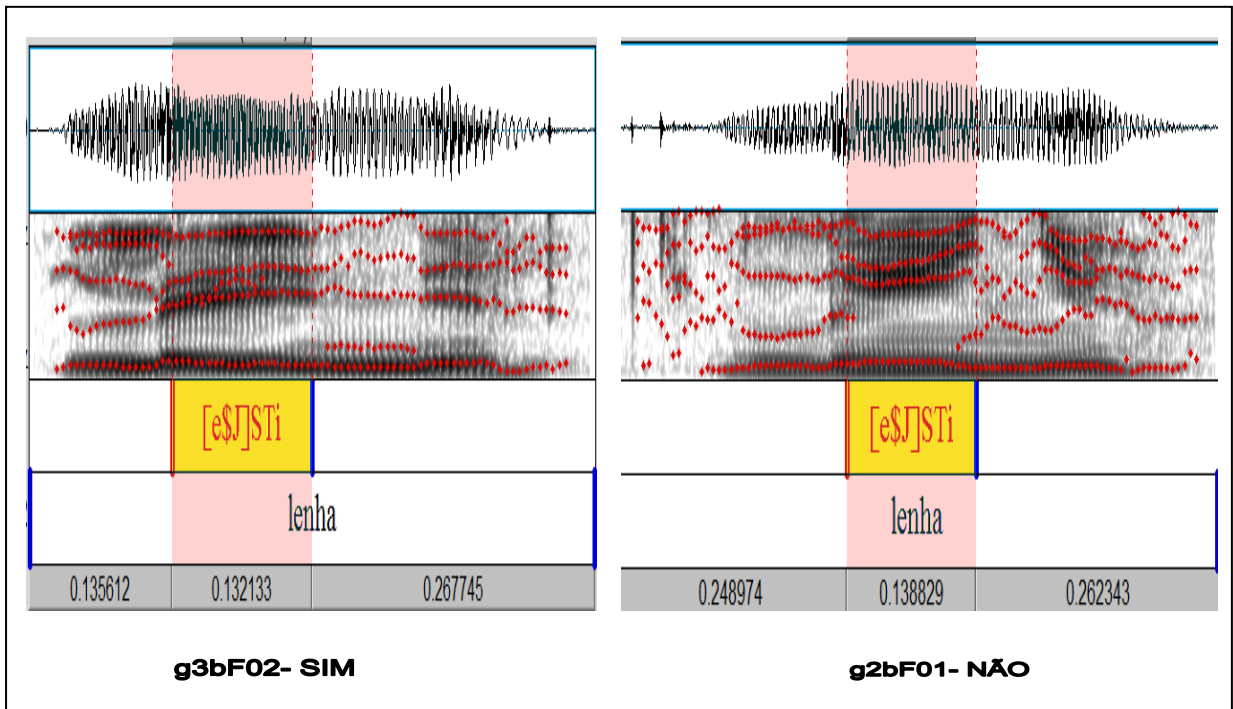
Para as vogais /i/, /e/, /o/ e /u/, neste ambiente, [v\$J]STi, apresentamos os pares espectrográficos representados da Figura 17 à Figura 20:

Figura 17- Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [v\$J]STi.



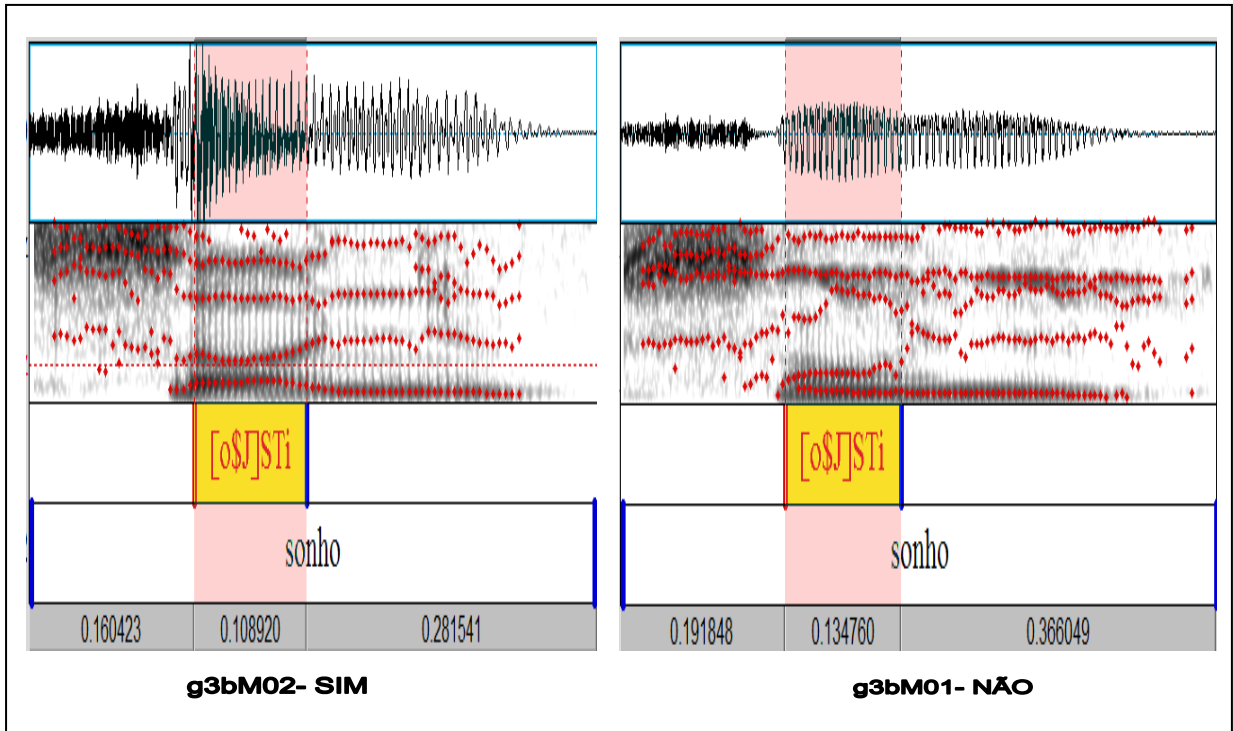
Fonte: Santos (2013).

Figura 18- Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [v\$J]STi.



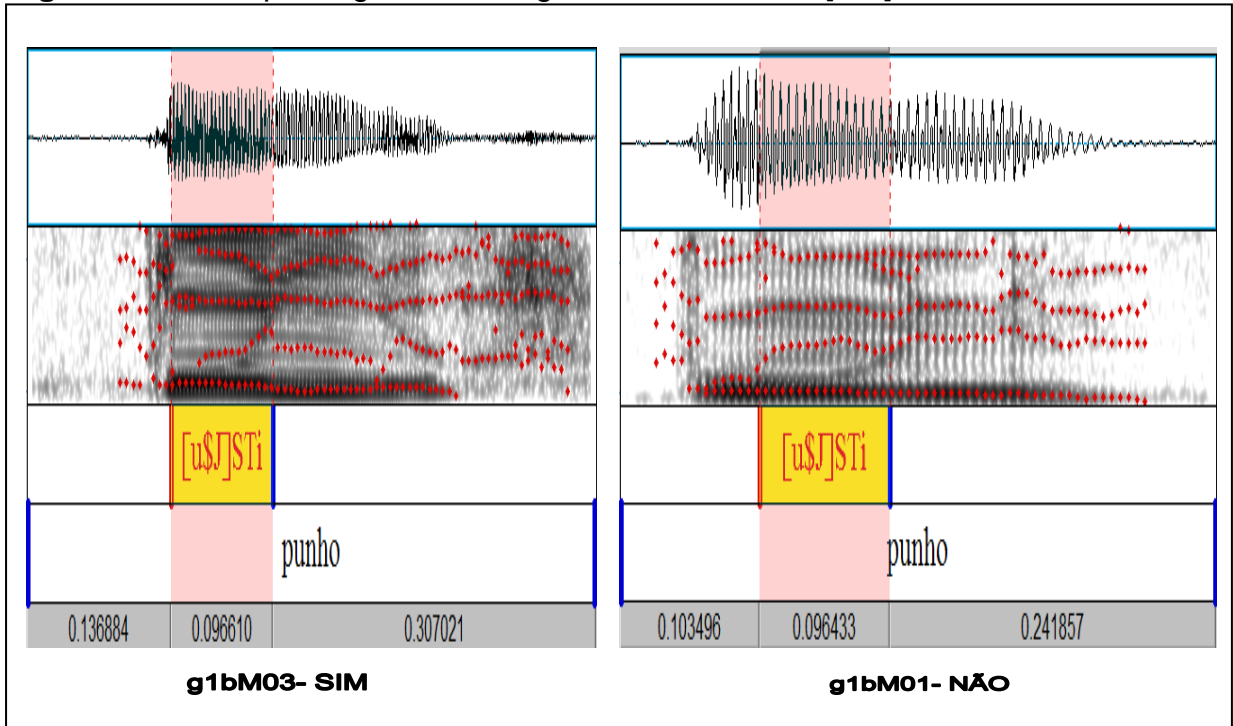
Fonte: Santos (2013).

Figura 19- Par espectrográfico da vogal /o/ em ambiente [v\$J]STi.



Fonte: Santos (2013).

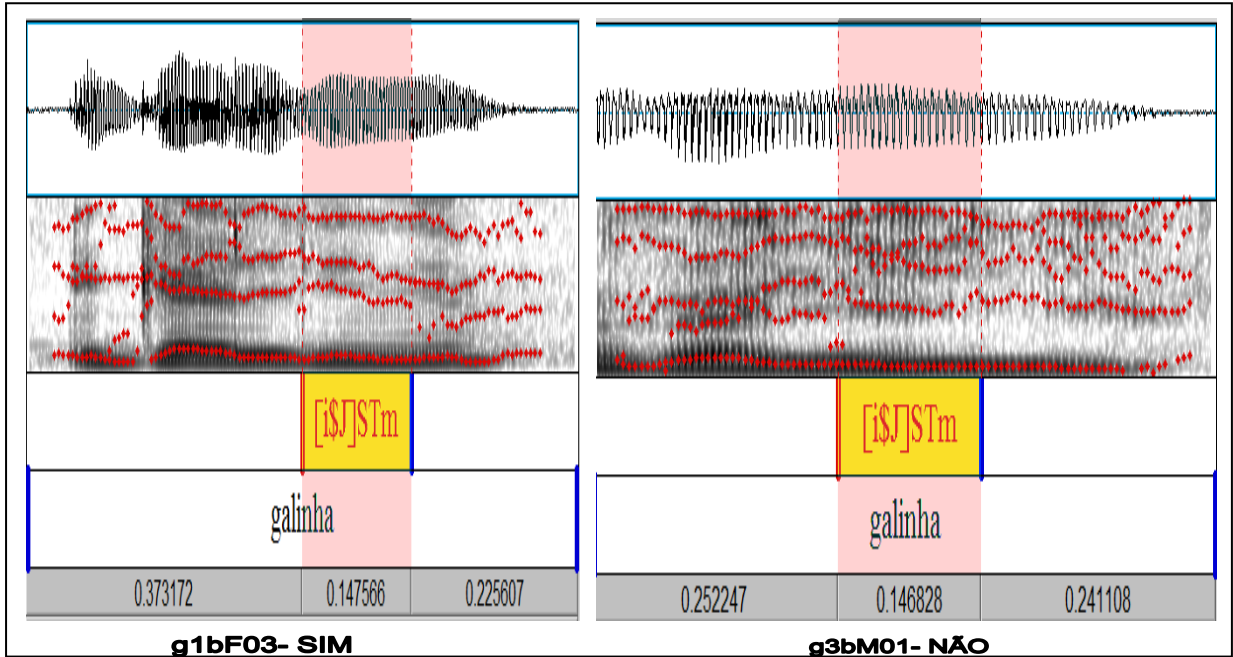
Figura 20- Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [v\$J]STi.



Fonte: Santos (2013).

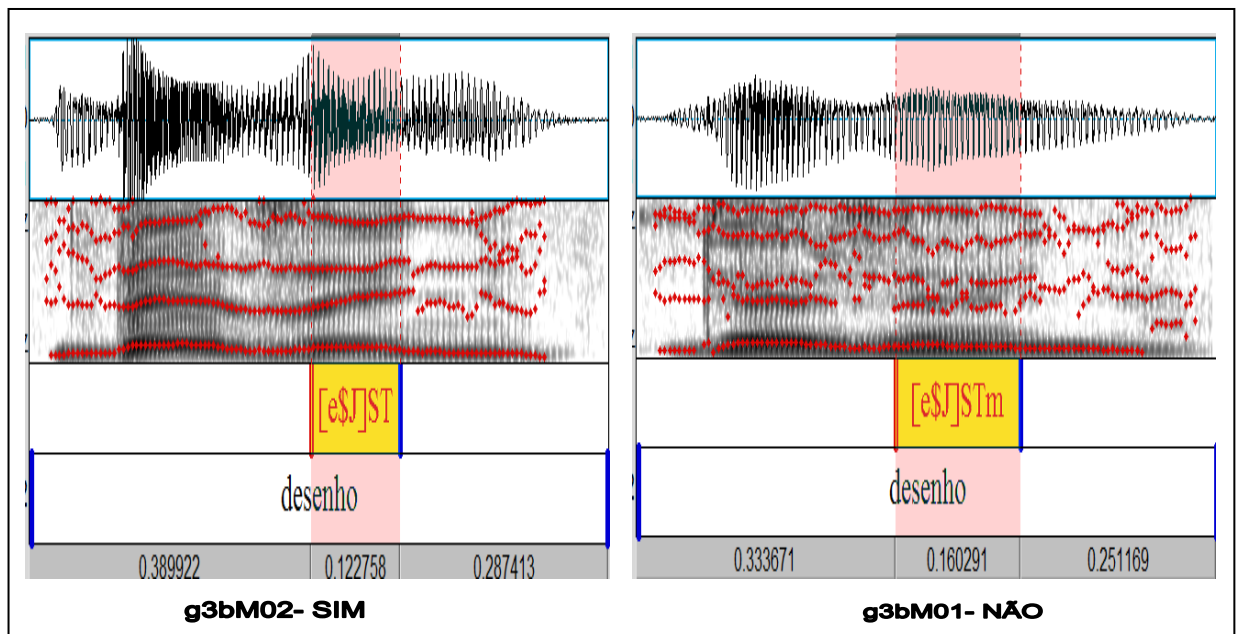
Da Figura 21 à Figura 24, apresentaremos os pares espectrográficos desenvolvidos com as vogais /i/, /e/, /o/ e /u/⁵ em ambiente [v\$J]STm.

Figura 21- Par espectrográfico da vogal /i/ em ambiente [v\$J]STm.



Fonte: Santos (2013).

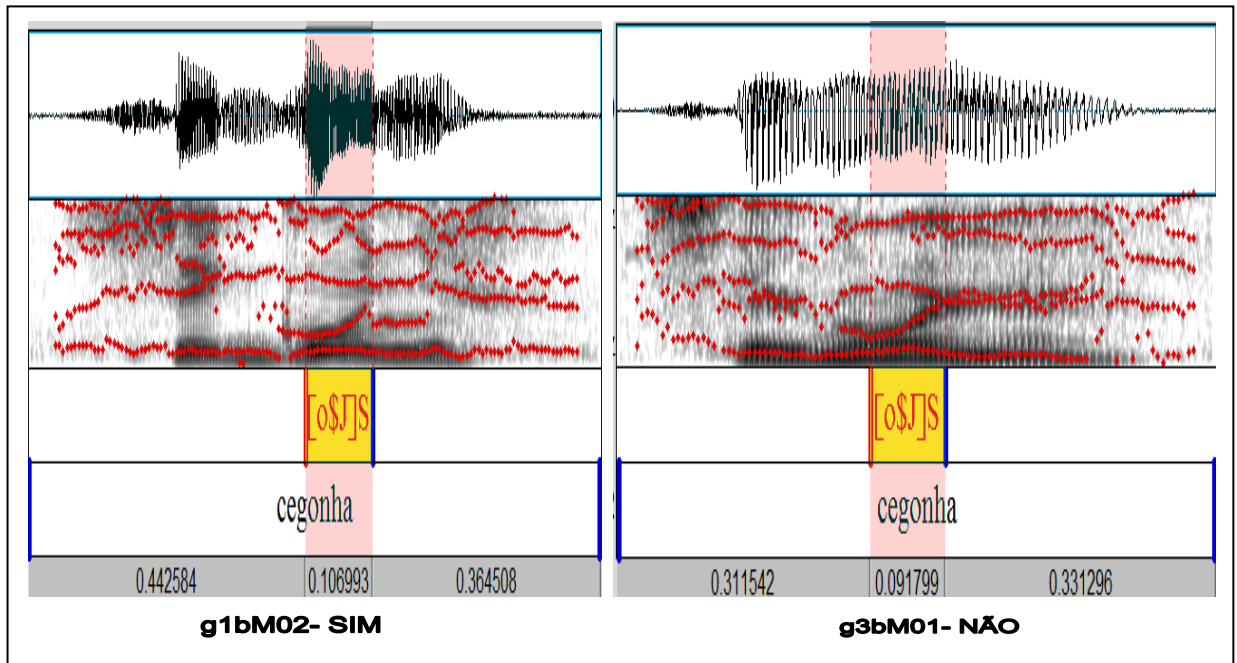
Figura 22- Par espectrográfico da vogal /e/ em ambiente [v\$J]STm.



Fonte: Santos (2013).

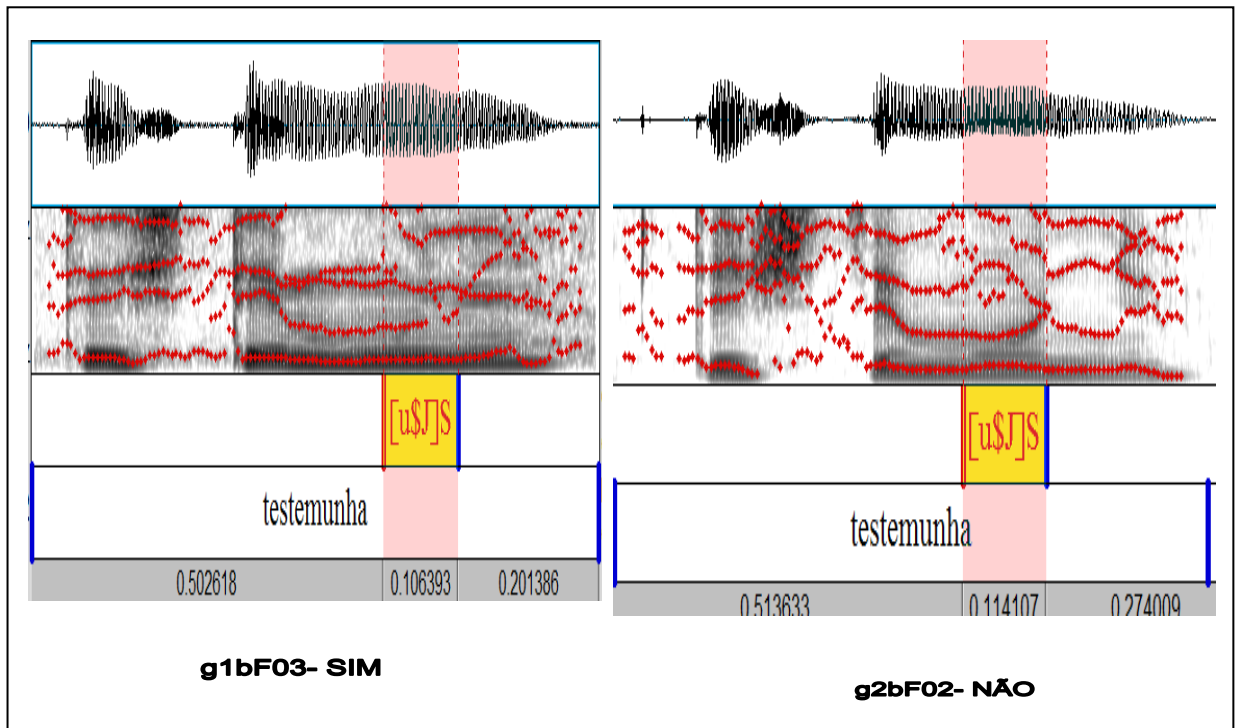
⁵ Houve 100% (cem por cento) de ocorrência do fenômeno com a palavra *aranha* [a\$J]STm.

Figura 23- Par espectrográfico da vogal /o/ em ambiente [v\$J]STm.



Fonte: Santos (2013).

Figura 24- Par espectrográfico da vogal /u/ em ambiente [v\$J]STm.



Fonte: Santos (2013).

Como descrito no capítulo de instrumental de análise deste trabalho, devido à riqueza na variedade de produção do fenômeno, os dados coletados foram julgados e classificados obedecendo aos seguintes códigos:

SIM → para a ocorrência plena do fenômeno;

NÃO → para a não ocorrência do fenômeno;

M → para a ocorrência do fenômeno em metade do ambiente do fonológico;

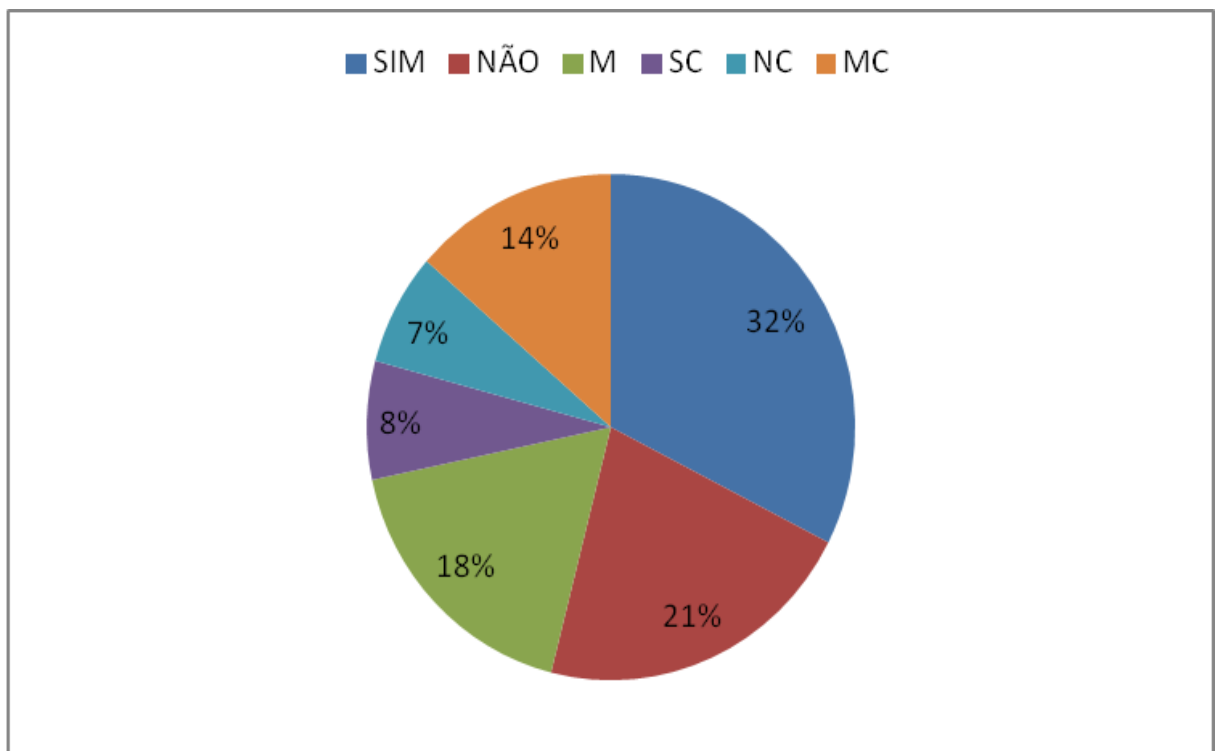
SC → para a ocorrência plena do fenômeno seguida de produção da consoante nasal;

NC → para a não ocorrência do fenômeno seguida da produção da consoante nasal; e

MC → para a ocorrência do fenômeno em metade do ambiente fonológico seguida da produção da consoante nasal.

O Gráfico 01 representa a porcentagem da variação de ocorrência:

Gráfico 01- Gráfico de variações de ocorrência: SIM, NÃO, M, SC, NC e MC.

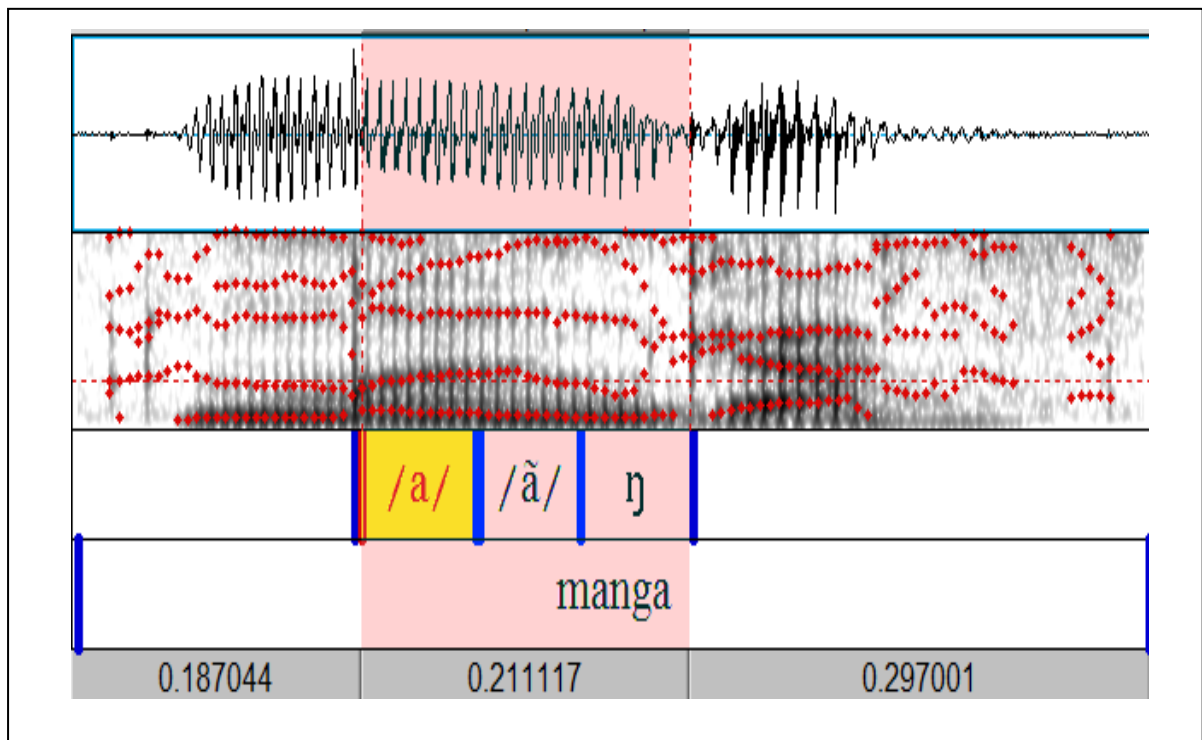


Fonte: Santos (2013).

Ilustraremos, por meio de exemplos, as variações de ocorrência M, SC, NC e MC para que este trabalho apresente de forma completa como ocorreu a análise dos dados. Enfatizamos, no entanto, que o foco deste trabalho, por questões de curto tempo para a sua conclusão e da demanda de um aprofundamento maior na descrição e análise destas variações, se limitará às variáveis SIM e NÃO.

Na palavra *manga*, pronunciada pelo informante g3bM02, houve a ocorrência do fenômeno em metade do ambiente fonológico [vN\$]ST, como demonstra a Figura 25:

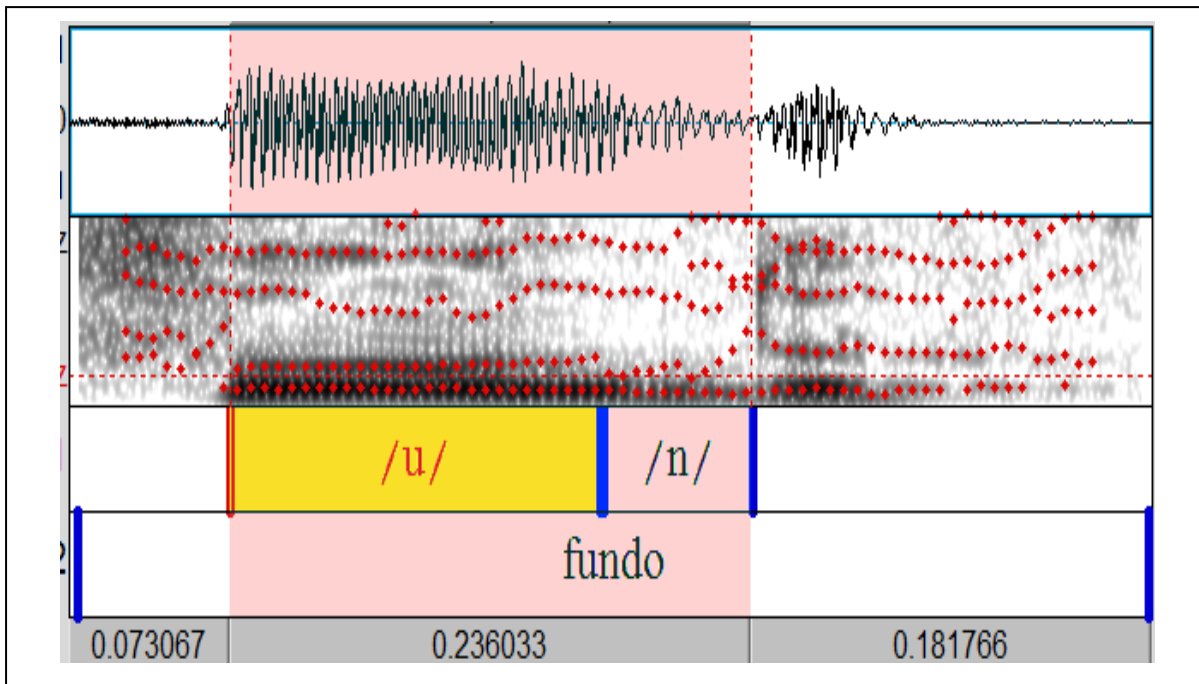
Figura 25- Exemplo da variação de ocorrência M.



Fonte: Santos (2013).

Houve a ocorrência plena do fenômeno seguida de produção da consoante nasal na palavra *fundo*, pronunciada pelo informante g3bF02, como demonstra a Figura 26:

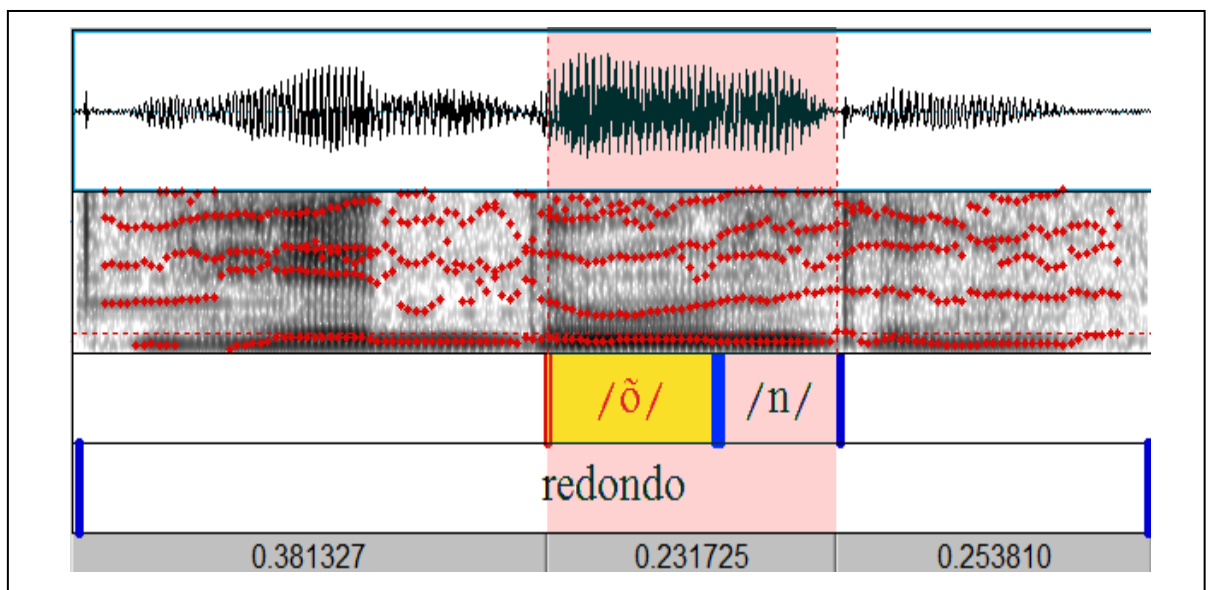
Figura 26- Exemplo da variação de ocorrência SC.



Fonte: Santos (2013).

Na palavra *redondo*, houve a não ocorrência do fenômeno seguida da produção da consoante nasal, pronunciada pelo informante g2bF01, como ilustra a Figura 27:

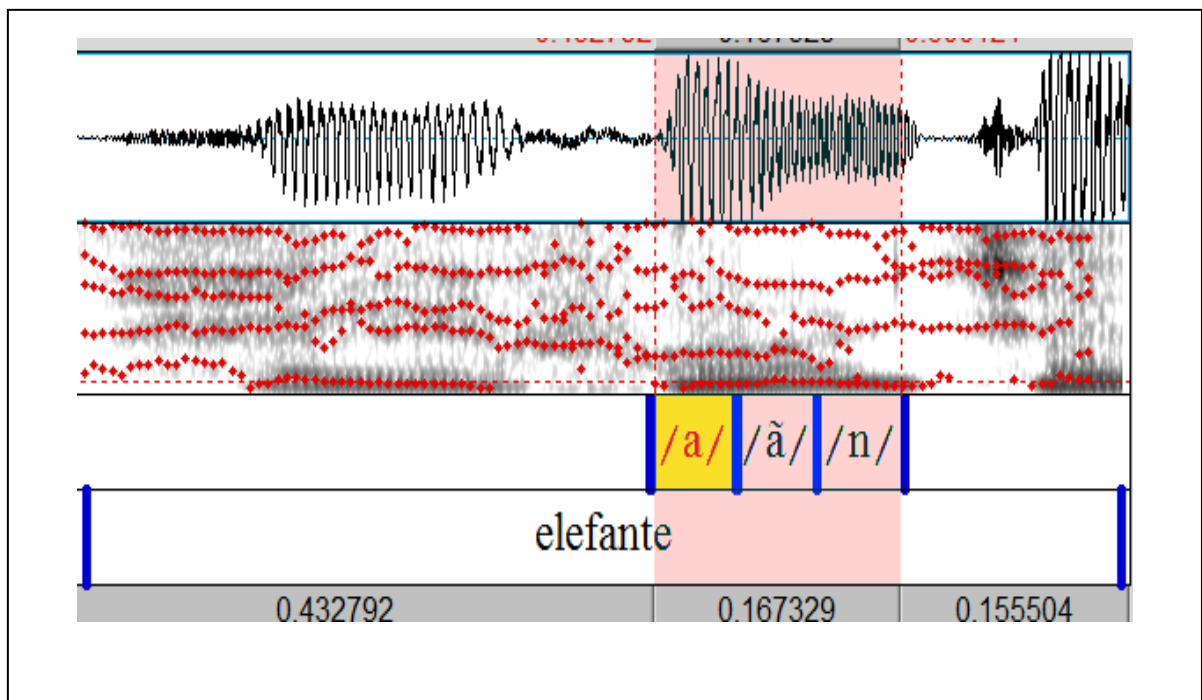
Figura 27- Exemplo da variação de ocorrência NC.



Fonte: Santos (2013).

Por fim, ilustraremos a variável MC, através da palavra *elefante* onde houve ocorrência do fenômeno em metade do ambiente fonológico, seguido da produção da consoante nasal. Esta variável foi observada na produção do informante g3bM01, como representa a Figura 28:

Figura 28- Exemplo da variação de ocorrência MC.



Fonte: Santos (2013).

Para a exploração da análise dos dados fonéticos, cujo objetivo é quantificar a ocorrência do fenômeno em cada ambiente fonológico testado, utilizaremos apenas os dados dos 32% (trinta e dois por cento) constatados de ocorrência do fenômeno, com a variação de ocorrência SIM.

5.2 Análise dos dados fonéticos

Ainda neste capítulo, apresentaremos as análises dos dados fonéticos, bem como dos dados sociolinguísticos coletados para este trabalho. Iniciaremos a

exposição de análise pelos dados fonéticos, levando-se em consideração os seguintes aspectos:

- a) o ambiente fonológico- [v\$N], [vN\$] e [v\$J], onde **v** corresponde à vogal, **\$** à fronteira da sílaba, **N** à consoante nasal /n/ ou /m/ e **J** à palatal /ɲ/;
- b) a tonicidade da sílaba- tônica ou não-tônica;
- c) a posição da ocorrência do fenômeno na palavra- se em sílaba inicial, média ou final.

Cada vocábulo utilizado no corpus recebeu um código que contemplou cada aspecto descrito anteriormente, como, por exemplo, [u\$J]NTi, referente à palavra *punhal*, onde se lê: vogal /u/ em posição inicial não tônica seguida de fronteira silábica com palatal /ɲ/, ou [aN\$]STi, referente ao vocábulo *manga*, onde se lê: vogal /a/ seguida de consoante nasal na mesma sílaba, em posição inicial tônica.

Destacamos, porém, que o interesse do fenômeno ocorrente em Barreirinha encontra-se na não nasalização de vogais seguidas de consoante nasal na mesma sílaba ou em fronteira silábica com consoante nasal /n/ ou /m/ e palatal /ɲ/, pois, como descreve Câmara Jr (1984), espera-se um som nasalizado quando vogais orais estão em sílaba tônica precedentes de consoante nasal na sílaba seguinte.

Devido à relevância científica que tais dados trazem para este trabalho, iniciaremos a exposição dos dados fonéticos colhidos com os ambientes fonológicos em posição de sílaba tônica.

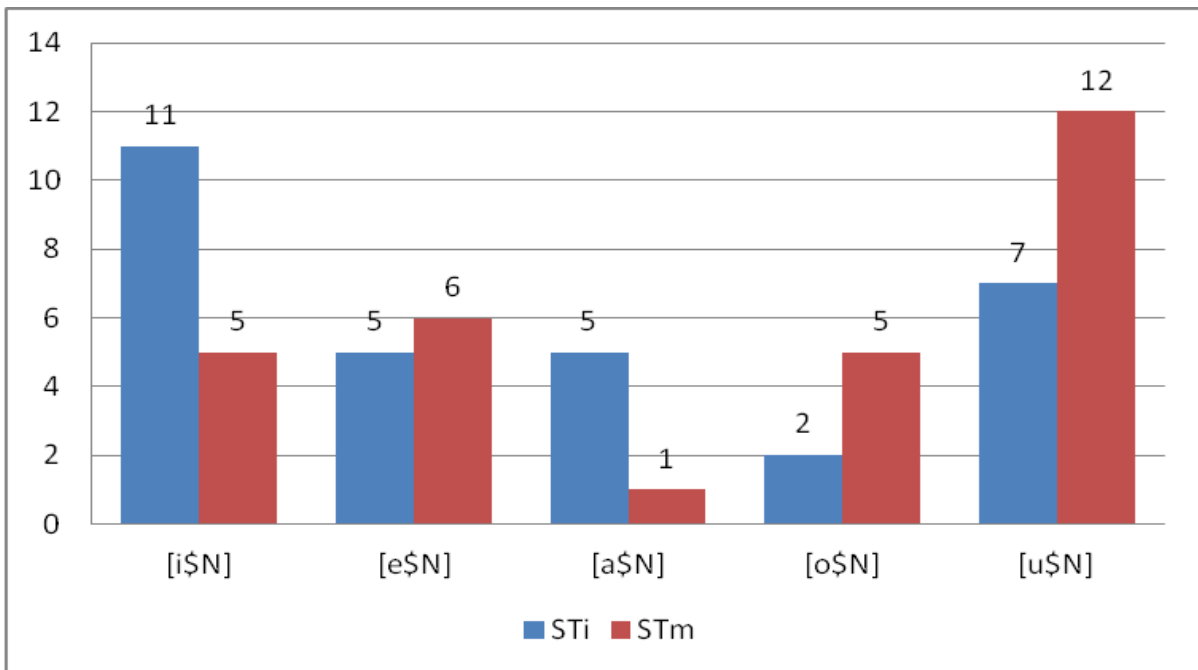
5.2.1 Análise dos dados fonéticos em sílaba tônica

Quanto ao aspecto de ambiente fonológico [v\$N], gerado considerando as cinco vogais, /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, cada uma em sílaba tônica, em posição inicial e medial, abrangendo 10 (dez) vocábulos distintos, pronunciados por 18 (dezoito) informantes diferentes, este aspecto resultaria em um total máximo de 36 (trinta e seis) possíveis ocorrências do fenômeno para cada vogal considerada no ambiente

[v\$N]ST, segundo a fórmula: [i x v] informantes x variáveis de posição da sílaba tônica (18 x 2).

Obtivemos os seguintes resultados ilustrados no Gráfico 02:

Gráfico 02- Ocorrência do fenômeno em ambiente [v\$N]ST.



Fonte: Santos (2013).

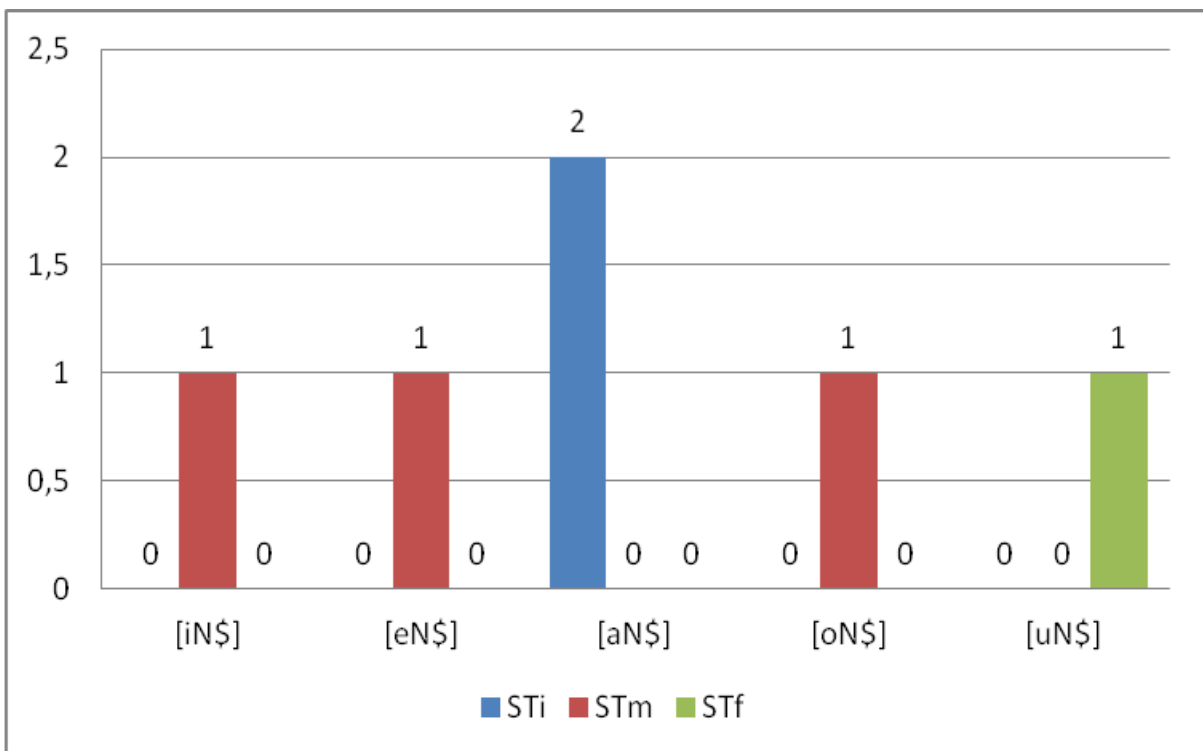
Os dados do Gráfico 02 indicam que há maior incidência de ocorrência do fenômeno no ambiente fonológico [v\$N]ST, dentro de um total de 59 (cinquenta e nove) ocorrências deste ambiente em sílaba tônica, tanto inicial quanto medial, contabilizadas nos dados do gráfico, quando a vogal é a vogal alta posterior /u/, com 19 (dezenove) ocorrências, seguido da segunda maior incidência, quando a vogal é a vogal alta anterior /i/, com 16 (dezesesseis) ocorrências, prosseguindo para as vogais /e/ e /o/, com 11 (onze) e 7 (sete) ocorrências cada, e finalizando com uma menor incidência do fenômeno, quando a vogal é a vogal baixa /a/, com 6 (seis) ocorrências.

Quanto à posição silábica, observa-se no Gráfico 03 uma maior ocorrência do fenômeno nesse ambiente fonológico em STi, ou seja, em sílaba tônica inicial, com

30 (trinta) ocorrências do total de 59 (cinquenta e nove), seguida por STm, sílaba tônica medial, com 29 (vinte e nove) ocorrências;

Quanto ao aspecto de ambiente fonológico [vN\$], gerado considerando, também, as cinco vogais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, cada uma em sílaba tônica, em posição inicial, medial e final, abrangendo 15 (quinze) vocábulos distintos, pronunciados por 18 (dezoito) informantes diferentes, este aspecto resultaria em um total máximo de 54 (cinquenta e quatro) possíveis ocorrências do fenômeno para cada vogal considerada no ambiente [vN\$]ST, segundo a fórmula [i x v], (18 x 3). Obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 03- Ocorrência do fenômeno em ambiente [vN\$]ST.



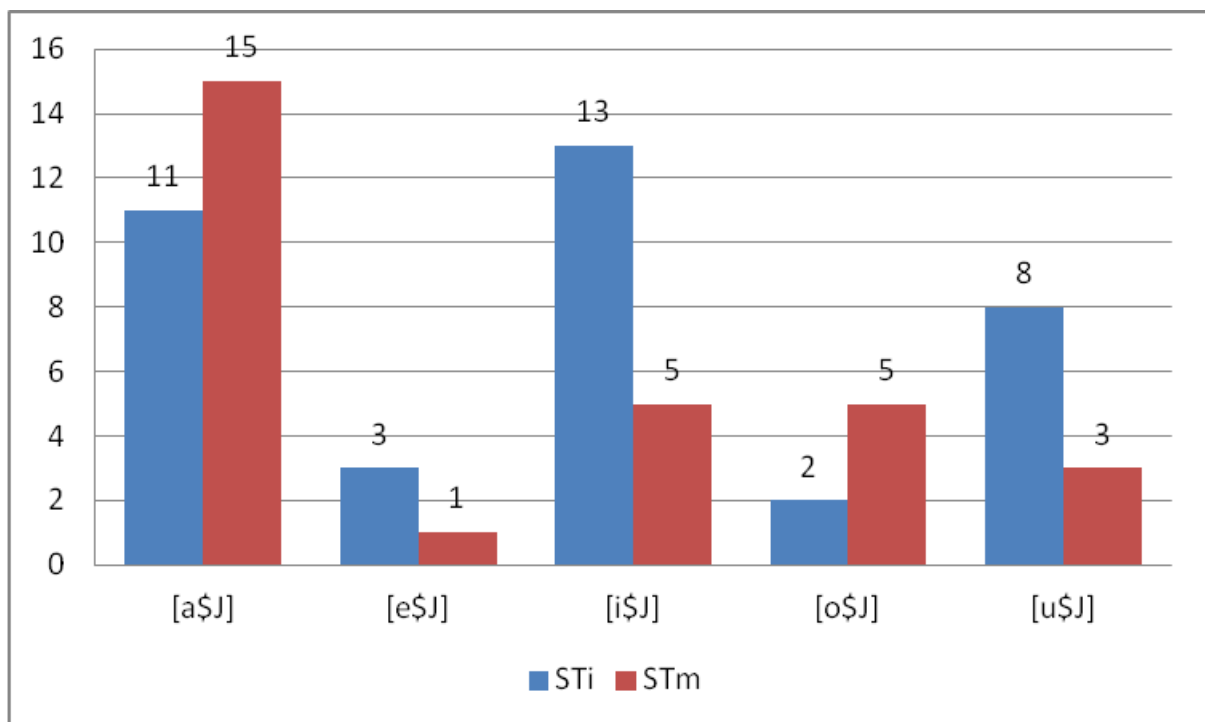
Fonte: Santos (2013).

O Gráfico 03 demonstra que há maior incidência de ocorrência do fenômeno no ambiente fonológico [vN\$]ST, dentro de um total de 6 (seis) ocorrências do fenômeno neste ambiente em posição inicial, medial e final, contabilizadas nos dados do gráfico, quando a vogal é a vogal baixa /a/, com 2 (duas) ocorrências, seguida das demais vogais, a vogal alta anterior /i/, a vogal média anterior /e/, a

vogal média posterior /o/ e a vogal alta posterior /u/, cada uma com 1 (uma) ocorrência registrada do fenômeno. Também apresenta maior incidência do fenômeno quando o ambiente [vN\$]ST está em posição medial, com 3 (três) ocorrências, seguida pelas posições inicial e final, com 1 (uma) ocorrência cada.

Considerando-se o aspecto de ambiente fonológico [v\$J], gerado considerando as cinco vogais, /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, cada uma em sílaba tônica, em posição inicial e medial, abrangendo 10 (dez) vocábulos distintos, pronunciados por 18 (dezoito) informantes diferentes, este aspecto resultaria em um total máximo de 36 (trinta e seis) possíveis ocorrências do fenômeno para cada vogal considerada no ambiente [v\$J]ST, segundo a fórmula [i x v], (18 x 2), com o seguinte resultado:

Gráfico 04- Ocorrência do fenômeno em ambiente [v\$J]ST.



Fonte: Santos (2013).

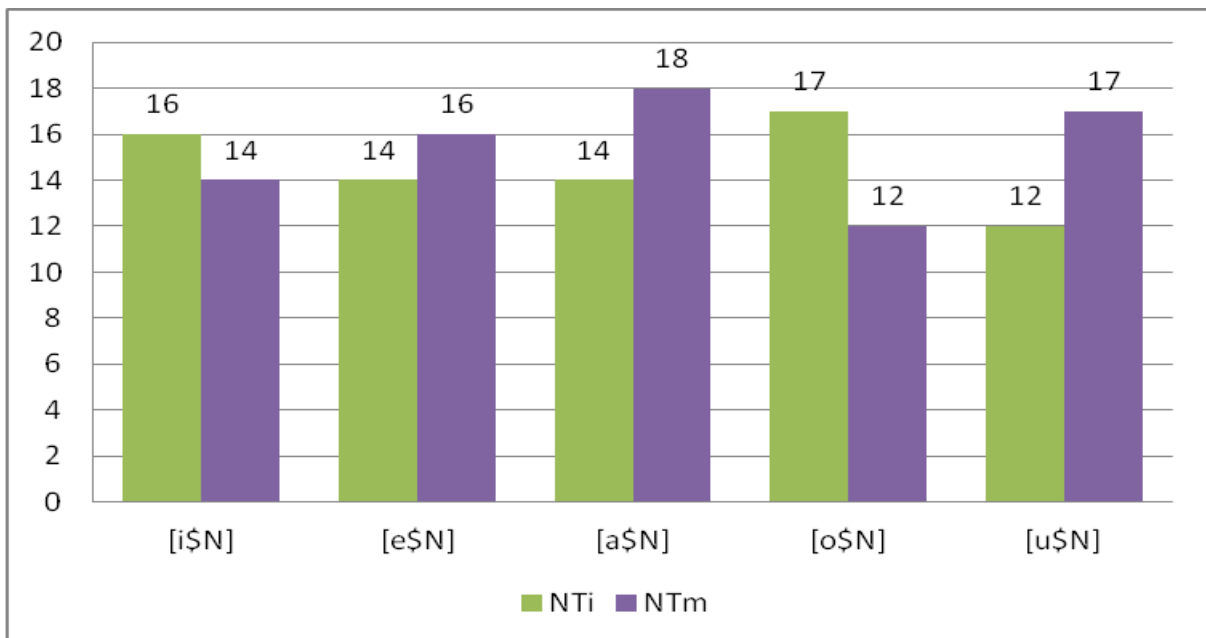
De acordo com o Gráfico 04, há maior incidência de ocorrência do fenômeno no ambiente fonológico [v\$J]ST, num total de 66 (sessenta e seis) ocorrências do fenômeno neste ambiente em sílabas inicial e medial; quando a vogal é a vogal

baixa /a/, com 26 (vinte e seis) ocorrências, seguido da segunda maior incidência; quando a vogal é a vogal alta anterior /i/, com 18 (dezoito) ocorrências, seguida respectivamente pelas vogais /u/ e /o/, com 11 (onze) e 9 (nove) ocorrências cada, e finalizando com uma menor incidência do fenômeno; quando a vogal é a vogal média anterior /e/, com 4 (quatro) ocorrências. A posição silábica em que se destaca o fenômeno é a STi, sílaba tônica inicial, com 37 (trinta e sete) ocorrências seguida por STm, sílaba tônica medial, com 29 (vinte e nove) ocorrências.

5.2.2 Análise dos dados fonéticos em sílaba não-tônica

No ambiente [v\$N], considerando-se as cinco vogais, cada uma em sílaba não-tônica, em posição inicial e medial, abrangendo 10 (dez) vocábulos distintos, pronunciados por 18 (dezoito) informantes diferentes, este aspecto resultaria em um total máximo de 36 (trinta e seis) possíveis ocorrências do fenômeno para cada vogal considerada no ambiente [v\$N]NT, segundo a fórmula [i x v], a saber:

Gráfico 05- Ocorrência do fenômeno em ambiente [v\$N]NT.



Fonte: Santos (2013).

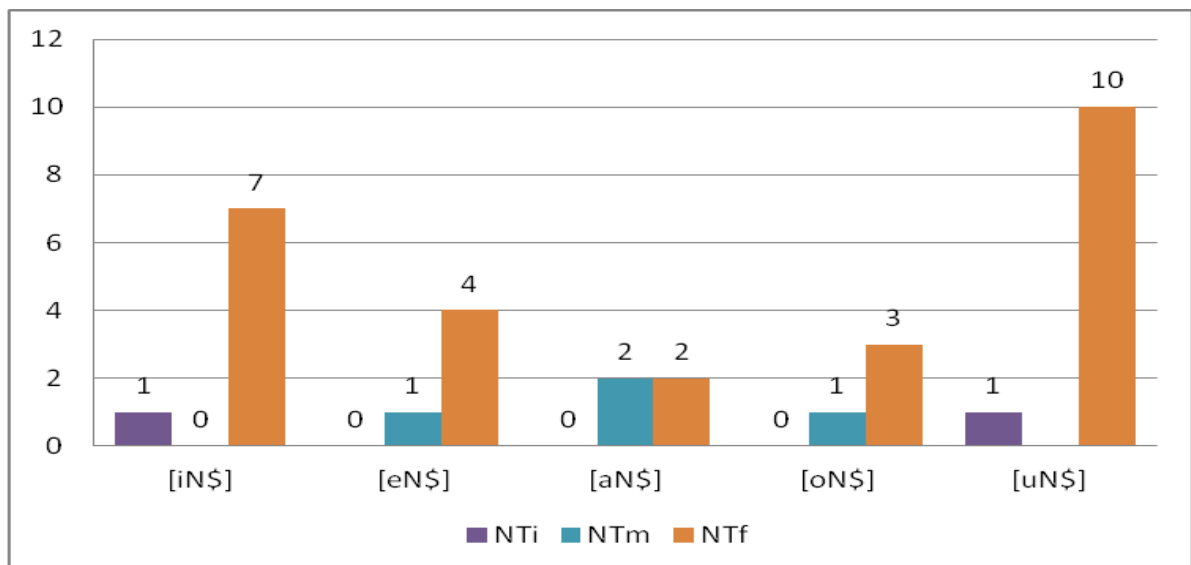
Os dados do Gráfico 05 indicam que há maior incidência de ocorrência do fenômeno, ou seja, da não nasalização, no ambiente fonológico [v\$N], dentro de um

total de 150 (cento e cinquenta) ocorrências do fenômeno nesse ambiente em sílaba não-tônica, tanto inicial quanto medial, contabilizadas nos dados do gráfico, quando a vogal é a vogal baixa /a/, com 32 (trinta e duas) ocorrências, seguido da segunda maior incidência, quando a vogal é a vogal alta anterior /i/ ou a vogal média anterior /e/, ambas com 30 (trinta) ocorrências, e finalizando com uma menor incidência do fenômeno, quando a vogal é a vogal alta /u/ ou média posterior /o/, ambas com 29 (vinte e nove) ocorrências.

Quanto à posição silábica, observa-se no Gráfico 06 uma maior ocorrência do fenômeno neste ambiente fonológico em NTm, ou seja, em sílaba não-tônica medial, com 77 (setenta e sete) ocorrências, seguida por NTi, sílaba não-tônica inicial, com 73 (setenta e três) ocorrências.

Quanto ao aspecto de ambiente fonológico [vN\$], gerado considerando, também, as cinco vogais /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, cada uma em sílaba não-tônica, em posição inicial, medial e final, abrangendo 15 (quinze) vocábulos distintos, pronunciados por 18 (dezoito) informantes diferentes, este aspecto resultaria em um total máximo de 54 (cinquenta e quatro) possíveis ocorrências do fenômeno para cada vogal considerada no ambiente [vN\$]NT, segundo a fórmula $[i \times v]$. Com o resultado abaixo:

Gráfico 06- Ocorrência do fenômeno em ambiente [vN\$]NT.

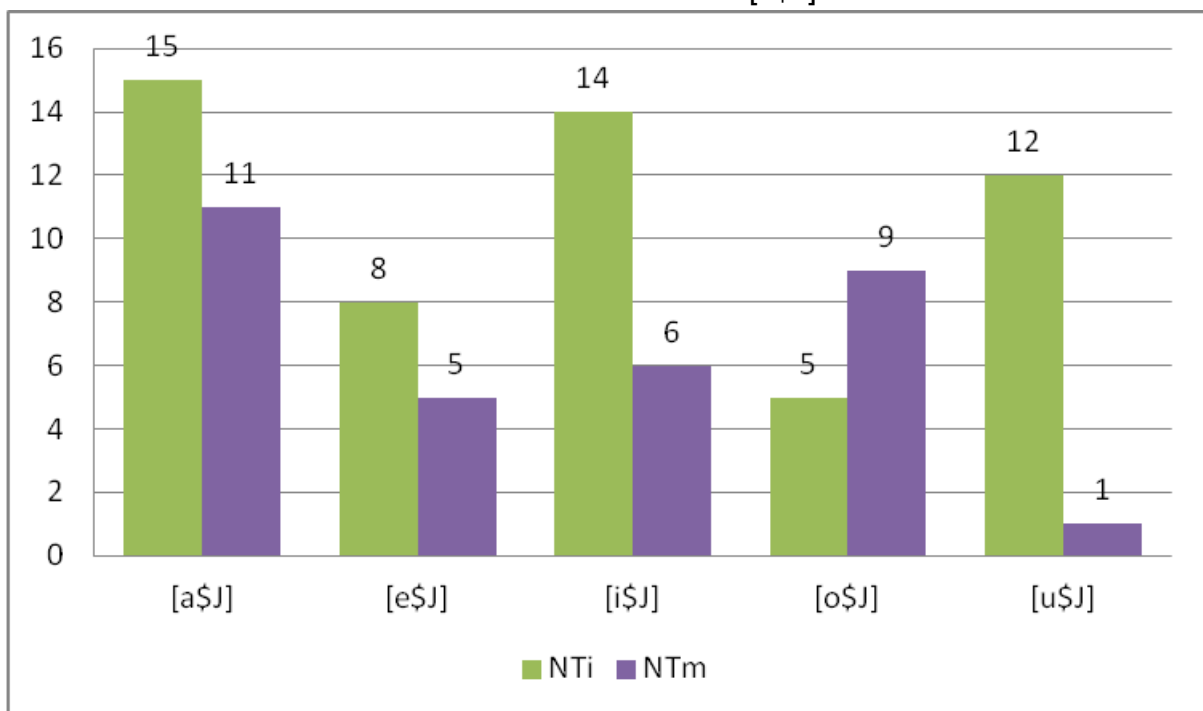


Fonte: Santos (2013)

O Gráfico 06 demonstra que há maior incidência de ocorrência do fenômeno no ambiente fonológico [vN\$]NT, dentro de um total de 32 (trinta e duas) ocorrências do fenômeno nesse ambiente em posição inicial, medial e final, contabilizadas nos dados do gráfico, quando a vogal é a vogal alta posterior /u/, com 11 (onze) ocorrências, seguida pela vogal alta anterior /i/, com 08 (oito) ocorrências, seguida pela vogal média anterior /e/, com 05 (cinco) ocorrências, depois, a vogal baixa /a/ e a vogal média posterior /o/, ambas com 04 (quatro) ocorrências. O gráfico também apresenta maior incidência do fenômeno quando o ambiente [vN\$]NT está em posição final, com 26 (vinte e seis) ocorrências, seguida pelas posições inicial e medial, cada uma com 04 (quatro) e 02 (duas) ocorrências, respectivamente.

Considerando-se o aspecto de ambiente fonológico [v\$J], gerado abrangendo as cinco vogais, /i/, /e/, /a/, /o/, /u/, cada uma em sílaba tônica, em posição inicial e medial, abrangendo 10 (dez) vocábulos distintos, pronunciados por 18 (dezoito) informantes diferentes, este aspecto resultaria em um total máximo de 36 (trinta e seis) possíveis ocorrências do fenômeno para cada vogal considerada no ambiente [v\$J]NT, segundo a fórmula [i x v], com o resultado abaixo:

Gráfico 07- Ocorrência do fenômeno em ambiente [v\$J]NT.



De acordo com o Gráfico 07, há maior incidência de ocorrência do fenômeno no ambiente fonológico [v\$J]NT, dentro de um total de 86 (oitenta e seis) ocorrências do fenômeno nesse ambiente, em posição inicial e medial, contabilizadas nos dados do gráfico, quando a vogal é a vogal baixa /a/, com 26 (vinte e seis) ocorrências, seguido da segunda maior incidência, quando a vogal é a vogal alta anterior /i/, com 20 (vinte) ocorrências, seguida respectivamente pelas vogais /o/, com 14 (catorze) ocorrências, e finalizando com uma menor incidência do fenômeno, quando a vogal é a vogal média anterior /e/ ou a vogal alta posterior /u/, ambas com 13 (treze) ocorrências.

A posição silábica em que se destaca o fenômeno é a NTi, sílaba não-tônica inicial, com 54 (cinquenta e quatro) ocorrências, seguida por NTm, sílaba não-tônica medial, com 32 (trinta e duas) ocorrências.

5.3 Análise dos dados sociolinguísticos

Os aspectos sociolinguísticos utilizados para análise neste trabalho, que serão quantificados graficamente, correspondem às variáveis de gênero e idade. Não utilizamos os dados correspondentes à variável escolaridade dos informantes para este fim, pois não colhemos dados suficientes para tal análise, devido às limitações de acesso à localidade, referente à transporte e recursos financeiros, bem como, limitações em relação ao tempo que possuímos para a conclusão desta pesquisa.

Porém, registramos que a variável escolaridade é de suma importância para que possamos constatar a legitimidade do fenômeno, como uma ocorrência genuína da comunidade do Andirá, sem a intervenção do Português ensinado nas escolas. E apresentaremos as considerações que conseguimos formar quanto a essa variável, baseadas nos dados que coletamos, neste capítulo de análise.

5.3.1 Análise dos dados da variável gênero/sexo

Cada grupo de gênero, masculino e feminino, contou com 9 (nove) informantes, pois foram entrevistados 3 (três) homens e (três) mulheres de 3 (três) grupos de idade distintos, organizando-se sob os seguintes códigos:

a) Informantes do gênero masculino:

g1bM01, g1bM02, g1bM03

g2bM01, g2bM02, g2bM03

g3bM01, g3bM02 e g3bM03

b) Informantes do gênero feminino:

g1bF01, g1bF02, g1bF03

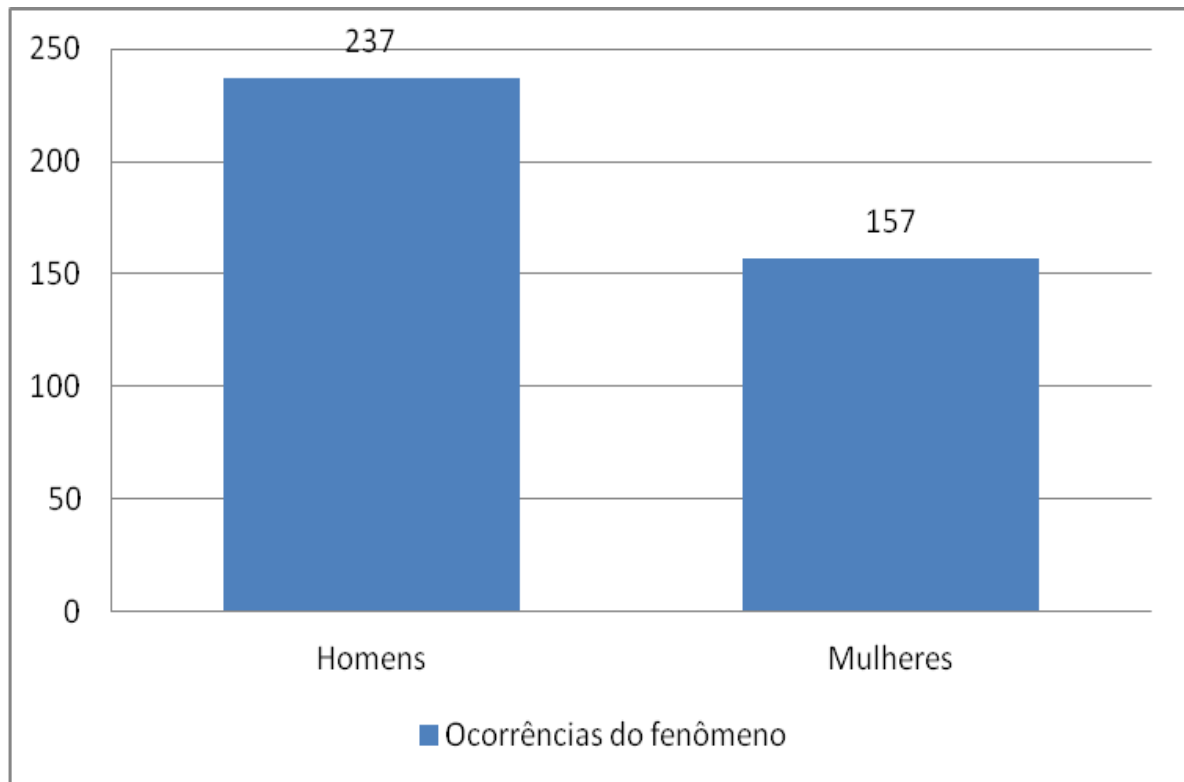
g2bF01, g2bF02, g2bF03

g3bF01, g3bF02 e g3bF03

Levando-se em consideração a quantidade de informantes entrevistados de cada gênero e a quantidade de vocábulos, que foi 69 (sessenta e nove), utilizados na coleta, o número máximo de produção do fenômeno para cada gênero seria de 621 (seiscentos e vinte e um).

O Gráfico 08 faz a projeção do total de produção do fenômeno por cada gênero.

Gráfico 08- Ocorrências do fenômeno na variável gênero.



Fonte: Santos (2013).

O Gráfico 08 demonstra que há maior incidência do fenômeno entre falantes do gênero masculino, com 237 (duzentos e trinta e sete) produções do fenômeno, contra 157 (cento e cinquenta e sete) produções por parte dos informantes do gênero feminino.

Estes dados confirmam que falantes femininos geralmente optem pela forma de prestígio, ou seja pela forma padrão da língua no âmbito fonológico, como constatado por Mollica, Paiva & Pinto (1958).

Ressaltando que, a forma padrão com a qual estamos contrastando o fenômeno registrado em Barreirinha, diz respeito à produção de som nasalizado em vogais em ambientes fonológicos, que, por convenções usuais da fonologia do português brasileiro, devem sofrer uma leve nasalização.

5.3.2 Análise dos dados da variável idade

A variável idade contemplou três grupos de faixa etária, jovens, adultos e idosos, com o intuito de ressaltar a distinção no uso da língua por informantes de idades distintas, confirmando as constatações de Naro (In: Mollica & Braga, 2003) e Preti (2003) realizadas em suas pesquisas, abordadas no capítulo sobre variação sociolinguística deste trabalho.

Os grupos da variável idade foram organizados da seguinte forma:

a) 1º Grupo:

Jovens – 06 (seis) informantes de 14 (catorze) a 25 (vinte e cinco) anos de idade, sendo 03 (três) do gênero feminino e 03 (três) do gênero masculino.

b) 2º Grupo:

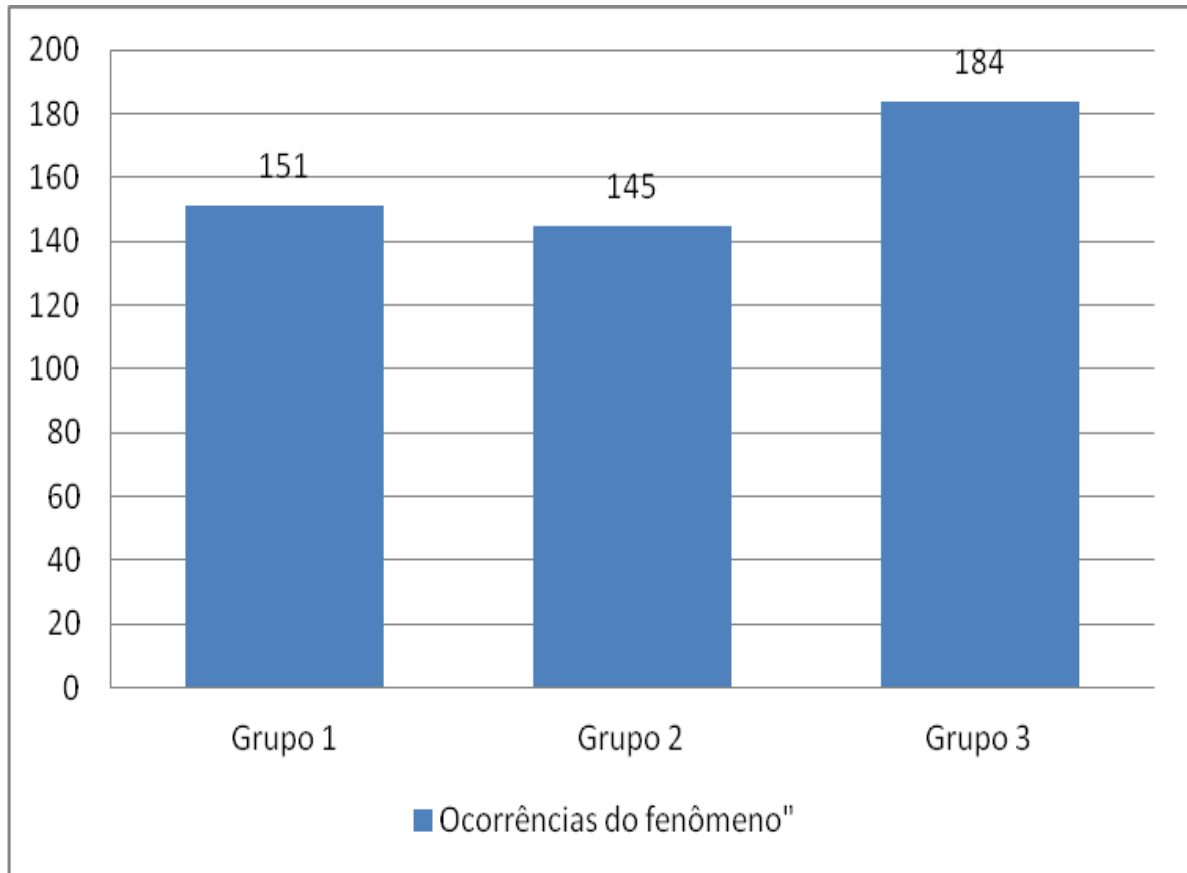
Adultos – 06 (seis) informantes de 30 (trinta) a 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, sendo 03 (três) do gênero feminino e 03 (três) do gênero masculino.

c) 3º Grupo:

Idosos – 06 (seis) informantes acima de 60 (sessenta) anos de idade, sendo 03 (três) do gênero feminino e 03 (três) do gênero masculino.

Para cada grupo de faixa etária da variável idade, esperava-se uma produção total do fenômeno em 207 (duzentos e sete) ocorrências.

O Gráfico 09 ilustra a ocorrência do fenômeno na variável idade:

Gráfico 09: Ocorrência do fenômeno na variável idade.

Fonte: Santos (2013).

Os dados do Gráfico 09 apresentam maior incidência do fenômeno no Grupo 3, da faixa etária do idosos, que corresponde à faixa etária acima de 60 (sessenta) anos de idade, com um total de 184 (cento e oitenta e quatro) produções do fenômeno, seguida pelo Grupo 1, da faixa etária dos jovens, informantes entre 14 (catorze) e 25 (vinte e cinco) anos de idade, com 151 (cento e cinquenta e uma) produções do fenômeno e concluindo com a menor incidência no Grupo 2, faixa etária do adultos, compreendendo informante entre 30 (trinta) e 55 (cinquenta e cinco) anos de idade, com um total de 145 (cento e quarenta e cinco) produções do fenômeno.

Estes dados vão de encontro com o que Naro (In: Mollica e Braga, 2003), afirma em relação da produção de uma fala mais distinta dos demais por parte de falantes mais adultos, pois estes tendem a optar pela utilização de formas mais antigas, o que nos leva a considerar que este fenômeno vem ocorrendo nesta

comunidade desde certo período do passado. Ou seja, não é um fenômeno novo, que esteja surgindo na nova geração desta comunidade.

5.3.3 Análise da variável escolaridade

Como explicado no início deste capítulo, a variável escolaridade não será quantificada graficamente por falta de dados suficientes, a ponto de colher registros de, pelo menos, metade dos representantes de cada grupo de idade, com um nível de escolaridade diferente. Por exemplo, do Grupo 1 da variável idade, 03 (três) informantes com baixa escolaridade e 03 (três) escolarizados, e assim sucessivamente com os demais grupos de idade, afim de produzir dados que pudessem ser quantificados de forma simétrica. Porém, descreveremos os dados referentes à escolaridade coletados nesta pesquisa.

Dividimos a variável escolaridade em dois grupos:

a) Grupo A:

Informantes com baixa escolaridade: analfabetos ou com nível de escolaridade até o curso primário.

b) Grupo B:

Informantes escolarizados: Com escolaridade do curso de Ensino Fundamental até o curso pós-Médio.

Dos 18 (dezoito) informantes entrevistados, 13 (treze) estão no Grupo B da variável escolaridade e 05 (cinco) estão no Grupo A desta variável. Sendo que, estes últimos estão concentrados no Grupo 03 da variável idade, referente à faixa etária dos idosos.

O que podemos considerar, tendo como base os dados levantados, é que há uma relação entre o baixo nível de escolaridade e a produção do fenômeno por

parte do grupo de idosos, pois foi este grupo que apresentou maior produção. Estes dados são concernentes com os que afirmam Ribeiro (2006) e Preti (2003), que relacionam a frequência escolar com o domínio das formas cultas da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo diacrônico que realizamos quanto à nasalidade em sua ocorrência no latim, no português arcaico e no português moderno, verificamos que a nasalidade percebida na fala dos informantes de Freguesia do Andirá, se assemelha à nasalidade que ocorria no português arcaico descrito por Bueno (1967), em uma variação produzida em Lisboa-Coimbra na época dos cancioneros portugueses.

Observamos, também, que não há registro da ocorrência de tal fenômeno em pesquisas que tratam da nasalidade vocálica em outras cidades e outros estados brasileiros, apresentados no capítulo sobre a nasalidade no português brasileiro abordado neste trabalho.

Quanto à fonologia e a fonética do fenômeno encontrado, percebemos que a nasalidade encontrada não segue as regras fonológicas do português brasileiro, e, ainda, que não segue o princípio da nasalidade fonética, onde a vogal oral recebe uma leve nasalação por conta do contato com uma consoante da sílaba seguinte.

A análise dos dados fonéticos demonstrou que há maior incidência de ocorrência do fenômeno, no ambiente fonológico [v\$N]NT, com 150 (cento e cinquenta) ocorrências do fenômeno. Valorizamos este dado, pois, apesar de ser uma produção que se enquadra nas regras usuais da fonologia do português brasileiro, que concerne à não nasalização de vogais orais quando estas se encontram em limite de sílaba, seguidas de consoante nasal na sílaba posterior e se encontram em posição não tônica na palavra, mesmo assim, este dado vai rumo à direção oposta do que foi registrado na pesquisa de Barbosa (1998), que concluiu que na cidade de Manaus a incidência de nasalização ocorre quase em todos os casos de vogais antecidas por uma consoante nasal, mesmo quando a consoante inicia a sílaba seguinte, sendo raro o não registro de nasalização de um som vocálico seguido de consoantes nasais. Registramos, então, através deste trabalho, uma variação da nasalidade no português falado no estado do Amazonas.

Seguindo este mesmo princípio, o da variação da nasalidade no Amazonas, destacamos que o ambiente fonológico [v\$J]NT, assumiu a segunda colocação no número de ocorrências do fenômeno, com um total de 86 (oitenta e seis).

O dado que destacamos como um fenômeno de variação da nasalidade em nível de contexto linguístico brasileiro, é a ocorrência da não nasalização no ambiente fonológico [v\$J]ST, que ocupou a terceira colocação do ranque das ocorrências, com 66 (sessenta e seis) produções do fenômeno, seguido pela quarta colocação ocupada pelo ambiente [v\$N]ST, com 59 (cinquenta e nove) ocorrências.

Os ambientes fonológicos [vN\$]NT e [vN\$]ST, ocuparam, respectivamente, a quinta e a sexta colocação, com 32 (trinta e duas) e 6 (seis) ocorrências, cada. A hipótese que podemos levantar para explicar a ocorrência do fenômeno investigado aponta para a origem dos habitantes que ocupam o distrito de Freguesia do Andirá. Pela presença de índios Sateré-Mawé na localidade, presume-se que muitos moradores, principalmente os fundadores da comunidade, sejam descendentes desta etnia. O que aponta para uma investigação histórica, para um trabalho futuro na região, onde poderá ser investigada a nasalidade produzida pelos Sateré-Mawé, e ainda, se a comunidade teve contato com algum grupo de colonizador europeu durante a sua formação, e, então, investigar a nasalidade produzida nessas línguas europeias, também, cruzando os dados para que se alcance a origem do fenômeno.

As vogais orais desempenharam papel determinante para a ocorrência do fenômeno nos ambientes fonológicos testados. Concluímos que há maior incidência de ocorrência do fenômeno quando a vogal alta anterior /i/ está presente no ambiente fonológico, com um total de 108 (cento e oito) ocorrências, seguida pela vogal alta posterior /u/, com 84 (oitenta e quatro) ocorrências, em terceira colocação no ranque de ocorrência está a vogal baixa central /a/, com 82 (oitenta e duas) ocorrências, e, na quarta e na quinta colocação, aparecem no ranque de ocorrências, a vogal média anterior /e/ e a vogal média posterior /i/, com, respectivamente, 64 (sessenta e quatro) e 62 (sessenta e duas) ocorrências cada.

Com esses dados, podemos concluir que a altura das vogais influencia na produção da nasalidade na comunidade investigada. Concluímos que, quanto mais a

língua se aproximar da extremidade alta , quando na produção de vogais altas, maior há a probabilidade de realização do fenômeno, ou seja, da não nasalização.

Quanto aos aspectos sociolinguísticos analisados, concluímos que, os informantes do gênero feminino foram os que menos produziram o fenômeno. Nossa hipótese de justificativa para este dado baseia-se nas afirmações de autores como Mollica, Paiva & Pinto (1958), que apontam para a conservação da forma culta da língua por informantes desse gênero.

Quanto à variável idade, destacamos que, em um panorama geral, analisando os três grupos etários juntos, o futuro do comportamento e da existência do fenômeno não é possível de ser traçado com exatidão.

Esta inexatidão se dá pelo fato de existirem duas evidências constatadas na análise destes dados. A primeira é que, analisando os grupos 1 e 2, jovens e adultos, que apresentaram 151 (cento e cinquenta e uma) e 145 (cento e quarenta e cinco) ocorrências cada, percebemos que o fenômeno está em processo de transformação para uma decadência de sua ocorrência. A segunda é que, analisando os grupos 2 e 3, adultos e idosos, que apresentaram 145 (cento e quarenta e cinco) e 184 (cento e oitenta e quatro) ocorrências cada, verificamos que a ocorrência do fenômeno é recorrente e que se perpetua pela faixa etária seguinte.

Por hora, a hipótese que podemos levantar com base na grande produção do fenômeno no grupo 3, a faixa etária dos idosos, é de que este fenômeno não é um fenômeno recente, e sim algo que vem sendo realizado já há algumas décadas. Levantamos esta hipótese, embasados nos estudos de Naro (In: Mollica & Braga, 2004), e outros autores.

A explicação e o levantamento de hipóteses que expliquem o decréscimo de ocorrência do fenômeno do grupo 1 ao grupo 2, demandam mais investigações, que devem ocorrer com o retorno ao cenário de pesquisa e outras entrevistas. O que poderá ocorrer quando esta pesquisa tiver continuidade em uma elaboração de tese de doutorado.

Os dados referentes ao nível de escolaridade dos informantes são pertinentes, pois, como detectamos na análise dos dados da variável escolaridade, apenas o Grupo 3 da variável idade apresentou número quase absoluto de informantes com baixa escolaridade, e, por se tratar de pessoas com pouco contato com a forma padrão da língua portuguesa ensinada nas escolas, mantiveram a língua da forma que seus antepassados a produziam, e apresentaram maior ocorrência de produção do fenômeno.

Acreditamos que este trabalho tenha sido apenas a descoberta e comprovação da existência de um fenômeno que toma a posição de uma variação da nasalidade tanto no português falado no Amazonas, quanto no português falado em outras áreas do território brasileiro, e é apenas, o início de uma série de estudos e investigações que podem ser realizados para que este fenômeno seja devidamente registrado, explicado e divulgado científica e academicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro: Copyright, 2002.
- ALVES, C. de J., CAVALCANTE, L. D., PACECO, V. **Vogais nasais em ambientes não nasais em alguns dialetos baianos: dados preliminares.** Pesquisa em Estudo da Linguagem III, Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007. P 87-92.
- BACK, E. São fonemas as vogais nasais do Português? **Construtora**, n.4, p. 297-318, 1973.
- BARBOSA, L. P. **Fonologia- a fala amazonense e sua influência no ensino de inglês.** Manaus: UA, 1995.
- BISOL, L. A nasalidade, um velho tema. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada.** São Paulo, v. 14, n. especial, p. 24-46, 1999.
- BOTELHO, J. M., A nasalidade das vogais em português. **SOLETRAS-** Ano VII, Nº 14. São Gonçalo: UERJ, jul./dez.2007.
- BUENO, F., S. **A formação histórica da língua portuguesa.** 3 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1967.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística.** 10 ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- CALLOU, D. e LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia.**-7ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- CALVET, L. Variações diastráticas, diatópicas e diacrônicas: o exemplo da gíria. In: **Sociolingüística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 4ª ed., 2002
- CAMARA JR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** 14 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CAMARA JR, J. M. **Problema de linguística descritiva.** 14 ed. Petrópolis: Vozes, 19991.
- CAMARA JR, J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa.** Petrópolis: Vozes, 2008.
- CAPISTRANO, K. O. Estudo da nasalidade na cidade de Fortaleza, numa perspectiva perceptual e fonética. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n. jan/dez, p. 60-67, 2004
- COSTA, S. A. R. **Uma abordagem lingüístico-histórico da nasalidade em Corumbá de Goiás.** 57f. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) - Universidade Federal de Goiás, 2005

COUTINHO, I. L. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

D'ANDRADE, E. **Temas de Fonologia**. Lisboa: Colibri, 1994.

DÖRNEYEI, Z. **Research Methods in Applied Linguistics**. Oxford University Press, 2007.

FARIA, E. **Fonética histórica do Latim**. 2 ed. Biblioteca Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FISCHER, J. L. **Social influence on the choice of a linguistic variant**. World, 1958.

FONSECA, O. **Vogais nasais do português: pressupostos e discussão**. Alfa, São Paulo, 1984.

HEAD, B. **A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro**. PhD. Dissertation. The University of Texas in Austin, 1964.

KAPLAN, B. & DUCHON, D. Combining qualitative and quantitative methods in information systems research: a case study. **MIS Quarterly**, v. 12, n. 4, p. 571-586, Dec. 1988.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. 11 ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1991.

LEITE, Y. e CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

LIPSKI, J. M. Brazilian Portuguese vowel nasalization: secondary aspects. **CJL/RCL** 20:1.P. 59-77, 1975.

MELO, G. C. de. **Iniciação à Filologia Portuguesa**. 3 ed. – Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.

MOHANAN, K. P. (1986) – The Theory of Lexical Phonology. **Dordrecht, Reidel**. Disponível em <http://www.unice.fr/dsl/tobweb/interfacelib.htm>. Acesso em 18 de maio de 2012.

MOLLICA, M. C. e BRAGA, L. B (orgs.). **Introdução à Sociolinguística- O Tratamento da Variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOLLICA, M. C.; PAIVA, M. C. **Restrições estruturais atuando na relação entre [l] > [r] e [r] > 0 em grupos consonantais em Português**. In: Boletim da Associação Brasileira de Linguística, n.11, 1991.

NARO, A. J. **O dinamismo das línguas**. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

- NOBILING, O. **Cantigas de Joan Garcia de Guillade**. Erlangem, 1907.
- OLIVEIRA, D. da H. **Fonética e Fonologia**. Ufpb, 2009.
- PAIVA, M. C. de. A **variável gênero/sexo**. In: MOLLICA, M. C. (Org). **Introdução à Sociolingüística variacionista**. Cadernos Didáticos UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994, p. 69-73.
- PONTES, E. **Estrutura do verbo no português coloquial**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- PRETI, D. Sociolinguística: **Os Níveis da Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira**. 9 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- RIBEIRO, S.R. **Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense**. 2006, 111 f. Dissertação (Pós graduação em Letras). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba.
- SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa**. 3.a ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília; Instituto Nacional do Livro, 1979.
- SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.
- WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português**. Instituto Nacional do Livro, 1961.
- SCHOFIELD, J. W. & ANDERSON, K. (1987). **Combining quantitative and qualitative components of research on ethnic identity and intergroup relations**. In: PHINNEY, J. S. & ROTHERAM M. J. **Children ethnic socialization: Pluralism and development**. London: Sage, 1987.

ANEXOS

ANEXO A - LISTA DE PALAVRAS UTILIZADAS NO CORPUS

1	manga	49	fumaça
2	elefante	50	tribunal
3	Detran	51	banho
4	pente	52	aranha
5	pimenta	53	lenha
6	Santarém	54	desenho
7	pinga	55	linha
8	seringa	56	galinha
9	capim	57	sonho
10	ponta	58	cegonha
11	redondo	59	punho
12	batom	60	testemunha
13	fundo	61	canhoto
14	defunto	62	calcanhar
15	jerimum	63	penhasco
16	pancada	64	desenhado
17	melancia	65	linhaça
18	cantam	66	galinheiro
19	encalhada	67	sonhável
20	calendário	68	desavergonhado
21	margem	69	punhal
22	pintura	70	testemunhar
23	espingarda		
24	ebômim		
25	controle		
26	apontador		
27	Adílson		
28	fundilho		
29	apontar		
30	álbum		
31	cana		
32	tucano		
33	pena		
34	novena		
35	quina		
36	pepino		
38	telefone		
39	fumo		
40	aluno		
41	canil		
42	guaraná		
43	penugem		
44	ordenado		
45	pinote		
46	alfinete		
47	boné		
48	cotonete		

ANEXO B - CODIFICAÇÃO DOS AMBIENTES FONOLÓGICOS

testemunhar	[u\$J]NTm
punhal	[u\$J]NTi
desavergonhado	[o\$J]NTm
sonhável	[o\$J]NTi
galinheiro	[i\$J]NTm
linhaça	[i\$J]NTi
desenhado	[e\$J]NTm
penhasco	[e\$J]NTi
calcanhar	[a\$J]NTm
canhoto	[a\$J]NTi
testemunha	[u\$J]STm
punho	[u\$J]STi
cegonha	[o\$J]ST
sonho	[o\$J]STi
galinha	[i\$J]STm
linha	[i\$J]STi
desenho	[e\$J]STm
lenha	[e\$J]STi
aranha	[a\$J]STm
banho	[a\$J]STi
tribunal	[u\$N]NTm
fumaça	[u\$N]NTi
cotonete	[o\$N]NTm
boné	[o\$N]NTi
alfinete	[i\$N]NTm
pinote	[i\$N]NTi
ordenado	[e\$N]NTm
penugem	[e\$N]NTi
guaraná	[a\$N]NTm
canil	[a\$N]NTi
aluno	[u\$N]STm
fumo	[u\$N]STi
telefone	[o\$N]STm
pepino	[i\$N]STm
quina	[i\$N]STi
novena	[e\$N]STm
pena	[e\$N]STi
tucano	[a\$N]STm
cana	[a\$N]STi
álbum	[u\$N]NTf
apontar	[u\$N]NTm
fundilho	[u\$N]NTi
Adílson	[o\$N]NTf
apontador	[o\$N]NTm
controle	[o\$N]NTi
ebômim	[i\$N]NTf
espingarda	[i\$N]NTm
pintura	[i\$N]NTi
margem	[e\$N]NTf
calendário	[e\$N]NTm
encalha	[e\$N]NTi

cantam	[aN\$]NTf
melancia	[aN\$]NTm
pancada	[aN\$]NTi
jerimum	[uN\$]STf
defunto	[uN\$]STm
fundo	[uN\$]STi
batom	[oN\$]STf
redondo	[oN\$]STm
ponta	[oN\$]STi
capim	[iN\$]STf
seringa	iN\$]STm
pinga	[iN\$]STi
Santarém	[eN\$]STf
pimenta	[eN\$]STm
pente	[eN\$]STi
Detran	[aN\$]STf
elefante	[aN\$]STm
manga	[aN\$]STi

ANEXO C- TABELAS DE JULGAMENTO DE OCORRÊNCIA DO FENÔMENO

TABELA DO SIM (Parte 1)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
(a)	cana	[a\$N]STi	0	0	0%	1	1	33%	1	2	50%	22%	44%
	canil	[a\$N]NTi	0	3	50%	2	3	83%	3	3	100%	55%	100%
	tucano	[a\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	1	16%	0%	11%
	guaraná	[a\$N]NTm	3	3	100%	3	3	100%	3	3	100%	100%	100%
(e)	pena	[e\$N]STi	1	0	16%	1	1	33%	0	2	33%	22%	44%
	penugem	[e\$N]NTi	2	2	66%	3	2	83%	3	2	83%	88%	66%
	novena	[e\$N]STm	2	1	50%	1	0	16%	0	2	33%	33%	33%
	ordenado	[e\$N]NTm	3	3	100%	3	3	100%	2	2	66%	88%	88%
(i)	quina	[i\$N]STi	2	1	50%	2	3	83%	2	1	50%	66%	55%
	pinote	[i\$N]NTi	3	2	83%	2	3	83%	3	3	100%	88%	88%
	pepino	[i\$N]STm	0	2	33%	0	1	16%	1	1	33%	11%	44%
	alfinete	[i\$N]NTm	2	3	83%	3	2	83%	2	2	66%	77%	77%
(o)	goma	[o\$N]STi											
	boné	[o\$N]NTi	3	3	100%	2	3	83%	3	3	100%	88%	100%
	telefone	[o\$N]STm	0	1	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
	cotonete	[o\$N]NTm	1	1	33%	2	3	83%	3	2	83%	66%	66%
(u)	fumo	[u\$N]STi	0	2	33%	1	1	33%	1	2	50%	22%	55%
	fumaça	[u\$N]NTi	2	1	50%	1	2	50%	3	3	100%	66%	66%
	aluno	[u\$N]STm	2	3	83%	0	3	50%	2	2	66%	44%	88%
	tribunal	[u\$N]NTm	2	3	83%	3	3	100%	3	3	100%	88%	100%
			Grupo 1			Grupo 2			Grupo 3			Total	
	[V\$J]		MULHERE'OMEN			MULHERE'OMEN			MULHERE'OMEN			MULHERE'OMEN	
(a)	banho	[a\$J]STi	0	2	33%	2	2	66%	2	3	83%	44%	77%
	canhoto	[a\$J]NTi	1	3	66%	2	3	83%	3	3	100%	66%	100%
	aranha	[a\$J]STm	2	2	66%	2	3	83%	3	3	100%	77%	88%
	calcanhar	[a\$J]NTm	0	3	50%	1	2	50%	3	2	83%	44%	77%
(e)	lenha	[e\$J]STi	1	1	33%	0	0	0%	0	1	16%	11%	22%
	penhasco	[e\$J]NTi	0	2	33%	2	0	33%	2	2	66%	44%	44%
	desenho	[e\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	1	16%	0%	11%
	desenhado	[e\$J]NTm	0	1	16%	0	1	16%	1	2	50%	11%	44%
(i)	linha	[i\$J]STi	1	3	66%	2	3	83%	2	2	66%	55%	88%
	linhaça	[i\$J]NTi	2	3	83%	3	3	100%	2	1	50%	77%	77%
	galinha	[i\$J]STm	1	2	50%	0	2	33%	1	1	33%	22%	55%
	galinheiro	[i\$J]NTm	2	1	50%	2	1	50%	1	0	16%	55%	22%
(o)	sonho	[o\$J]STi	0	1	16%	0	0	0%	0	1	16%	0%	22%
	sonhável	[o\$J]NTi	0	0	0%	1	1	33%	2	1	50%	33%	22%
	cegonha	[o\$J]STm	1	1	33%	0	0	0%	2	1	50%	33%	22%
	desavergor	[o\$J]NTm	2	1	50%	2	2	66%	0	1	16%	44%	44%
(u)	punho	[u\$J]STi	0	2	33%	1	2	50%	1	2	50%	22%	66%
	punhal	[u\$J]NTi	2	3	83%	1	1	33%	2	3	83%	55%	77%
	testemunh:	[u\$J]STm	1	1	33%	0	1	16%	0	0	0%	11%	22%
	testemunh:	[u\$J]NTm	0	1	16%	0	0	0%	0	0	0%	0%	11%

TABELA DO SIM (Parte 2)

			Grupo 1			Grupo 2			Grupo 3			Total	
	[vN\$]		M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	manga	[aN\$]STi	1	0	16%	0	0	0%	1	0	16%	22%	0%
	pancada	[aN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	elefante	[aN\$]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	melancia	[aN\$]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	2	33%	0%	22%
	Detran	[aN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	cantam	[aN\$]NTf	2	0	33%	0	0	0%	0	0	0%	22%	0%
(e)	pente	[eN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	encalha	[eN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pimenta	[eN\$]STm	0	0	0%	0	0	0%	1	0	16%	11%	0%
	calendário	[eN\$]NTm	0	0	0%	0	1	16%	0	0	0%	0%	11%
	Santarém	[eN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	margem	[eN\$]NTf	1	1	33%	0	1	16%	1	0	16%	22%	22%
(i)	pinga	[iN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pintura	[iN\$]NTi	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
	seringa	[iN\$]STm	0	1	16%	0	0	0%	0	0	0%	0%	1%
	espingarda	[iN\$]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	capim	[iN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	ebômime	[iN\$]NTf	2	1	50%	1	1	33%	2	0	33%	55%	22%
(o)	ponta	[oN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	controle	[oN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	redondo	[oN\$]STm	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
	apontador	[oN\$]NTm	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
	batom	[oN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	Adilson	[oN\$]NTf	0	2	33%	0	0	0%	1	0	16%	11%	22%
(u)	fundo	[uN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	fundilho	[uN\$]NTi	0	1	16%	0	0	0%	0	0	0%	0%	11%
	defunto	[uN\$]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	afundar	[uN\$]NTm											
	jerimum	[uN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	0	1	0%	0%	11%
	álbum	[uN\$]NTf	2	3	83%	1	1	33%	1	2	50%	44%	66%
	apontar*		0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%

TABELA DO NÃO (Parte 1)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
	[V\$N]		M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	cana	[a\$N]STi	2	2	66%	1	0	16%	0	0	0%	33%	22%
	canil	[a\$N]NTi	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
	tucano	[a\$N]STm	2	0	33%	2	1	50%	2	0	33%	66%	11%
	guaraná	[a\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(e)	pena	[e\$N]STi	0	0	0%	1	1	33%	1	1	33%	22%	22%
	penugem	[e\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	novena	[e\$N]STm	1	0	16%	0	0	0%	0	1	16%	11%	11%
	ordenado	[e\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(i)	quina	[i\$N]STi	0	0	0%	1	0	16%	1	0	16%	22%	0%
	pinote	[i\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pepino	[i\$N]STm	1	0	16%	1	0	16%	0	0	0%	22%	0%
	alfinete	[i\$N]NTm	0	0	0%	0	1	16%	0	1	16%	0%	22%
(o)	goma	[o\$N]STi											
	boné	[o\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	telefone	[o\$N]STm	2	1	50%	3	2	83%	2	1	50%	77%	44%
	cotonete	[o\$N]NTm	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
(u)	fumo	[u\$N]STi	0	1	16%	1	1	33%	1	1	33%	22%	22%
	fumaça	[u\$N]NTi	0	1	16%	2	1	50%	0	0	0%	22%	22%
	aluno	[u\$N]STm	0	0	0%	1	0	16%	1	0	16%	22%	0%
	tribunal	[u\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
	[V\$J]		M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	banho	[a\$J]STi	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
	canhoto	[a\$J]NTi	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
	aranha	[a\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	calcanhar	[a\$J]NTm	0	0	0%	2	0	33%	0	0	0%	22%	0%
(e)	lenha	[e\$J]STi	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
	penhasco	[e\$J]NTi	0	1	16%	0	2	33%	1	0	16%	11%	33%
	desenho	[e\$J]STm	1	1	33%	1	3	66%	1	2	50%	33%	66%
	desenhado	[e\$J]NTm	0	1	16%	0	2	33%	1	1	33%	11%	44%
(i)	linha	[i\$J]STi	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
	linhaça	[i\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	1	2	50%	11%	22%
	galinha	[i\$J]STm	1	0	16%	1	0	16%	1	2	50%	33%	22%
	galinheiro	[i\$J]NTm	0	2	33%	1	2	50%	2	3	83%	33%	77%
(o)	sonho	[o\$J]STi	3	2	83%	3	3	100%	1	2	50%	77%	77%
	sonhável	[o\$J]NTi	0	2	33%	1	2	50%	0	0	0%	16%	44%
	cegonha	[o\$J]STm	2	0	33%	2	1	50%	0	1	16%	44%	22%
	desavergor	[o\$J]NTm	0	0	0%	1	1	33%	1	1	33%	22%	22%
(u)	punho	[u\$J]STi	1	1	33%	1	0	16%	0	0	0%	22%	11%
	punhal	[u\$J]NTi	0	0	0%	0	1	16%	0	0	0%	0%	11%
	testemunh:	[u\$J]STm	2	2	66%	2	2	66%	3	2	83%	77%	66%
	testemunh:	[u\$J]NTm	3	2	83%	3	3	100%	3	3	100%	100%	88%

TABELA DO NÃO (Parte 2)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
[VN\$]			M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	manga	[aN\$]STi	1	1	33%	3	0	50%	0	0	0%	44%	11%
	pancada	[aN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	elefante	[aN\$]STm	0	0	0%	2	1	50%	0	0	0%	22%	11%
	melancia	[aN\$]NTm	0	2	33%	1	0	16%	0	0	0%	11%	22%
	Detran	[aN\$]STf	1	1	33%	1	1	33%	0	0	0%	22%	22%
	cantam	[aN\$]NTf	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
(e)	pente	[eN\$]STi	0	1	16%	0	1	16%	0	0	0%	0%	22%
	encalha	[eN\$]NTi	1	2	50%	3	3	100%	1	3	66%	55%	88%
	pimenta	[eN\$]STm	2	1	50%	1	2	50%	1	1	33%	44%	44%
	calendário	[eN\$]NTm	0	1	16%	0	0	0%	0	0	0%	0%	11%
	Santarém	[eN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	1	0	16%	11%	0%
	margem	[eN\$]NTf	0	1	16%	1	1	33%	1	2	50%	22%	44%
(i)	pinga	[iN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pintura	[iN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	seringa	[iN\$]STm	0	0	0%	1	0	16%	0	1	16%	11%	11%
	espingarda	[iN\$]NTm	0	0	0%	0	0	0%	2	1	50%	22%	11%
	capim	[iN\$]STf	0	0	0%	1	2	50%	0	2	33%	11%	44%
	ebômim	[iN\$]NTf	0	2	33%	0	2	33%	0	2	33%	0%	66%
(o)	ponta	[oN\$]STi	3	2	83%	0	2	33%	1	0	16%	44%	44%
	controle	[oN\$]NTi	1	0	16%	0	1	16%	0	0	0%	11%	11%
	redondo	[oN\$]STm	2	0	33%	0	0	0%	0	0	0%	22%	0%
	apontador	[oN\$]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	batom	[oN\$]STf	1	0	16%	1	1	33%	1	2	50%	33%	33%
	Adílson	[oN\$]NTf	1	0	16%	1	3	66%	2	2	66%	44%	55%
(u)	fundo	[uN\$]STi	3	1	66%	1	1	33%	0	1	16%	44%	33%
	fundilho	[uN\$]NTi	1	0	16%	0	1	16%	0	0	0%	11%	11%
	defunto	[uN\$]STm	1	1	33%	0	1	16%	0	1	16%	11%	33%
	afundar	[uN\$]NTm											
	jerimum	[uN\$]STf	1	2	50%	1	2	50%	1	1	33%	33%	55%
	álbum	[uN\$]NTf	0	0	0%	1	0	16%	0	1	16%	11%	11%
		apontar*	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%

TABELA DO M (Parte 1)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
[V\$N]			M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	cana	[a\$N]STi	1	1	33%	1	2	50%	2	1	50%	44%	44%
	canil	[a\$N]NTi	2	0	33%	1	0	16%	0	0	0%	33%	0%
	tucano	[a\$N]STm	1	3	66%	1	2	50%	1	2	50%	33%	77%
	guaraná	[a\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(e)	pena	[e\$N]STi	2	3	83%	0	1	16%	2	0	33%	44%	44%
	penugem	[e\$N]NTi	1	1	33%	0	1	16%	0	1	16%	11%	22%
	novena	[e\$N]STm	0	2	33%	2	3	83%	3	0	50%	55%	55%
	ordenado	[e\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	1	1	33%	11%	11%
(i)	quina	[i\$N]STi	0	2	33%	0	0	0%	0	2	33%	0%	44%
	pinote	[i\$N]NTi	0	1	16%	1	0	16%	0	0	0%	11%	11%
	pepino	[i\$N]STm	2	1	50%	2	2	66%	2	2	66%	66%	55%
	alfinete	[i\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	1	0	16%	11%	0%
(o)	goma	[o\$N]STi											
	boné	[o\$N]NTi	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
	telefone	[o\$N]STm	1	1	33%	0	1	16%	1	2	50%	22%	44%
	cotonete	[o\$N]NTm	1	2	50%	1	0	16%	0	1	16%	22%	33%
(u)	fumo	[u\$N]STi	3	0	50%	1	1	33%	1	0	16%	55%	11%
	fumaça	[u\$N]NTi	1	1	33%	0	0	0%	0	0	0%	11%	11%
	aluno	[u\$N]STm	1	0	16%	2	0	33%	0	1	16%	33%	11%
	tribunal	[u\$N]NTm	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
[V\$J]			M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	banho	[a\$J]STi	3	1	66%	0	1	16%	1	0	16%	44%	22%
	canhoto	[a\$J]NTi	2	0	33%	0	0	0%	0	0	0%	22%	0%
	aranha	[a\$J]STm	1	1	33%	1	0	16%	0	0	0%	22%	11%
	calcanhar	[a\$J]NTm	3	0	50%	0	1	16%	0	1	16%	33%	22%
(e)	lenha	[e\$J]STi	2	2	66%	2	3	83%	2	2	66%	66%	77%
	penhasco	[e\$J]NTi	3	0	50%	1	1	33%	0	1	16%	44%	22%
	desenho	[e\$J]STm	2	2	66%	2	0	33%	2	0	33%	66%	22%
	desenhadc	[e\$J]NTm	3	1	66%	3	0	50%	1	0	16%	77%	11%
(i)	linha	[i\$J]STi	1	0	16%	1	0	16%	1	1	33%	33%	11%
	linhaça	[i\$J]NTi	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
	oalinha	[i\$J]STm	1	1	33%	2	1	50%	1	0	16%	44%	22%
	galinheiro	[i\$J]NTm	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
(o)	sonho	[o\$J]STi	0	0	0%	0	1	16%	2	0	33%	22%	11%
	sonhável	[o\$J]NTi	3	1	66%	1	1	33%	1	2	50%	55%	44%
	cegonha	[o\$J]STm	0	2	33%	1	1	33%	1	1	33%	22%	44%
	desavergor	[o\$J]NTm	1	2	50%	0	0	0%	2	1	50%	33%	33%
(u)	punho	[u\$J]STi	2	0	33%	1	1	33%	2	1	50%	55%	22%
	punhal	[u\$J]NTi	1	0	16%	2	1	50%	1	0	16%	44%	11%
	testemunh:	[u\$J]STm	0	0	0%	1	0	16%	0	1	16%	11%	11%
	testemunh:	[u\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%

TABELA DO M (Parte 2)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
[vN\$]			M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	manga	[aN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	1	16%	0%	11%
	pancada	[aN\$]NTi	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
	elefante	[aN\$]STm	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
	melancia	[aN\$]NTm	0	0	0%	0	1	16%	0	0	0%	0%	11%
	Detran	[aN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	cantam	[aN\$]NTf	0	1	16%	0	0	0%	0	0	0%	0%	11%
(e)	pente	[eN\$]STi	0	0	0%	1	1	33%	0	0	0%	11%	11%
	encalha	[eN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pimenta	[eN\$]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	calendário	[eN\$]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	1	16%	0%	11%
	Santarém	[eN\$]STf	0	0	0%	0	1	16%	0	0	0%	0%	11%
	margem	[eN\$]NTf	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(i)	pinga	[iN\$]STi	1	1	33%	0	1	16%	1	1	33%	22%	33%
	pintura	[iN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	seringa	[iN\$]STm	0	0	0%	1	1	33%	1	0	16%	22%	11%
	espingarda	[iN\$]NTm	0	2	33%	0	1	16%	0	0	0%	0%	33%
	capim	[iN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	1	0	16%	11%	0%
	ebômim	[iN\$]NTf	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(o)	ponta	[oN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	controle	[oN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	redondo	[oN\$]STm	0	0	0%	1	0	16%	0	1	16%	11%	11%
	apontador	[oN\$]NTm	0	0	0%	0	1	16%	0	0	0%	0%	11%
	batom	[oN\$]STf	1	1	33%	0	0	0%	0	0	0%	11%	11%
	Adílson	[oN\$]NTf	0	0	0%	0	0	0%	0	1	16%	0%	11%
(u)	fundo	[uN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	fundilho	[uN\$]NTi	1	0	16%	0	0	0%	0	1	16%	11%	11%
	defunto	[uN\$]STm	1	1	33%	0	0	0%	0	0	0%	11%	11%
	afundar	[uN\$]NTm											
	jerimum	[uN\$]STf	0	1	16%	0	0	0%	0	0	0%	0%	11%
	álbum	[uN\$]NTf	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	apontar*		0	0	0%	0	1	16%	0	0	0%	0%	11%

TABELA DO SC (Parte 1)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
[V\$N]			M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	cana	[a\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	canil	[a\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	tucano	[a\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	guaraná	[a\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(e)	pena	[e\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	penugem	[e\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	novena	[e\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	ordenado	[e\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(i)	quina	[i\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pinote	[i\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pepino	[i\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	alfinete	[i\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(o)	goma	[o\$N]STi											
	boné	[o\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	telefone	[o\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	cotonete	[o\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(u)	fumo	[u\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	fumaça	[u\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	aluno	[u\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	tribunal	[u\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
[V\$J]			M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	banho	[a\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	canhoto	[a\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	aranha	[a\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	calcanhar	[a\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(e)	lenha	[e\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	penhasco	[e\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	desenho	[e\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	desenhad	[e\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(i)	linha	[i\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	linhaça	[i\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	galinha	[i\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	galinheiro	[i\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(o)	sonho	[o\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	sonhável	[o\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	cegonha	[o\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	desavergo	[o\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(u)	punho	[u\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	punhal	[u\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	testemunh	[u\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	testemunh	[u\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%

TABELA DO SC (Parte 2)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
	[N\$]		M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	manga	[aN\$]STi	0	1	16%	0	2	33%	1	1	33%	11%	44%
	pancada	[aN\$]NTi	0	1	16%	1	0	16%	2	3	83%	33%	44%
	elefante	[aN\$]STm	0	1	16%	0	0	0%	1	1	33%	11%	22%
	melancia	[aN\$]NTm	1	0	16%	0	1	16%	2	1	50%	33%	22%
	Detran	[aN\$]STf	1	1	33%	0	0	0%	0	1	16%	11%	22%
	cantam	[aN\$]NTf	0	1	16%	0	1	16%	0	0	0%	0%	22%
(e)	pente	[eN\$]STi	1	0	16%	0	0	0%	1	0	16%	22%	0%
	encalha	[eN\$]NTi	0	1	16%	0	0	0%	0	0	0%	0%	11%
	pimenta	[eN\$]STm	1	0	16%	0	0	0%	0	1	16%	11%	11%
	calendáric	[eN\$]NTm	2	1	50%	0	1	11%	0	1	16%	22%	33%
	Santarém	[eN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	1	0	0%	11%	0%
	marginem	[eN\$]NTf	2	1	50%	0	1	16%	1	1	33%	33%	33%
(i)	pinga	[iN\$]STi	1	1	33%	1	2	50%	0	2	33%	22%	55%
	pintura	[iN\$]NTi	1	0	16%	1	3	66%	2	1	50%	44%	44%
	seringa	[iN\$]STm	1	1	33%	0	1	16%	1	0	16%	22%	22%
	espingard	[iN\$]NTm	1	0	16%	0	2	33%	0	1	16%	11%	22%
	seringa	[iN\$]STm	1	1	33%	0	1	16%	1	0	16%	22%	22%
	espingard	[iN\$]NTm	1	0	16%	0	2	33%	0	1	16%	11%	22%
	capim	[iN\$]STf	1	1	33%	0	1	16%	1	0	16%	22%	22%
	ebômim	[iN\$]NTf	0	0	0%	1	0	16%	1	0	16%	22%	0%
(o)	ponta	[oN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	1	0	16%	11%	0%
	controle	[oN\$]NTi	1	0	16%	0	0	0%	3	1	66%	44%	11%
	redondo	[oN\$]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	apontador	[oN\$]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	1	16%	0%	11%
	batom	[oN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	1	0	16%	11%	0%
	Adílson	[oN\$]NTf	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
(u)	fundo	[uN\$]STi	0	0	0%	0	0	0%	1	0	16%	11%	0%
	fundilho	[uN\$]NTi	1	1	33%	0	2	33%	1	1	33%	22%	44%
	defunto	[uN\$]STm	0	0	0%	0	0	0%	1	0	16%	11%	0%
	afundar	[uN\$]NTm											
	jerimum	[uN\$]STf	1	0	16%	0	1	16%	1	1	33%	22%	22%
	álbum	[uN\$]NTf	0	0	0%	0	1	16%	1	0	16%	11%	11%
	apontar*		1	0	16%	0	1	16%	2	1	50%	33%	22%

TABELA DO NC (Parte 1)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
	[V\$N]		M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	cana	[a\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	canil	[a\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	tucano	[a\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	guaraná	[a\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(e)	pena	[e\$N]STi	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
	penugem	[e\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	novena	[e\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	ordenado	[e\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(i)	quina	[i\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pinote	[i\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pepino	[i\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	alfinete	[i\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(o)	goma	[o\$N]STi											
	boné	[o\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	telefone	[o\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	cotonete	[o\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(u)	fumo	[u\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	fumaça	[u\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	aluno	[u\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	tribunal	[u\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
	[V\$J]		M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	banho	[a\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	canhoto	[a\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	aranha	[a\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	calcanhar	[a\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(e)	lenha	[e\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	penhasco	[e\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	desenho	[e\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	desenhado	[e\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(i)	linha	[i\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	linhaça	[i\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	galinha	[i\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	galinheiro	[i\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(o)	sonho	[o\$J]STi	0	0	0%	0	0%	0%	0	0	0%	0%	0%
	sonhável	[o\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	cegonha	[o\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	desavergo	[o\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(u)	punho	[u\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	punhal	[u\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	testemunh	[u\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	testemunh	[u\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%

TABELA DO NC (Parte 2)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
[VN\$]			M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	manga	[aN\$]STi	1	0	16%	0	1	16%	1	0	16%	22%	11%
	pancada	[aN\$]NTi	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
	elefante	[aN\$]STm	1	1	33%	0	1	16%	1	0	16%	22%	22%
	melancia	[aN\$]NTm	1	0	16%	0	1	16%	0	0	0%	11%	11%
	Detran	[aN\$]STf	0	0	0%	1	1	33%	1	0	16%	22%	11%
	cantam	[aN\$]NTf	0	0	0%	0	0	0%	1	0	16%	11%	0%
(e)	pente	[eN\$]STi	1	0	16%	1	0	16%	1	0	16%	33%	0%
	encalha	[eN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	2	0	33%	22%	0%
	pimenta	[eN\$]STm	0	1	16%	2	1	50%	1	0	16%	33%	22%
	calendário	[eN\$]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	1	16%	0%	11%
	Santarém	[eN\$]STf	0	0	0%	3	0	50%	1	0	16%	44%	0%
	margem	[eN\$]NTf	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
(i)	pinga	[iN\$]STi	1	0	16%	0	0	0%	1	0	16%	22%	0%
	pintura	[iN\$]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	seringa	[iN\$]STm	1	0	16%	0	0	0%	0	1	16%	11%	11%
	espincard:	[iN\$]NTm	1	1	33%	1	0	16%	0	0	0%	22%	11%
	seringa	[iN\$]STm	1	0	16%	0	0	0%	0	1	16%	11%	11%
	espingard:	[iN\$]NTm	1	1	33%	1	0	16%	0	0	0%	22%	11%
	capim	[iN\$]STf	0	1	16%	1	0	16%	1	1	33%	22%	22%
	ebômim	[iN\$]NTf	1	0	16%	1	0	16%	0	0	0%	22%	0%
(o)	ponta	[oN\$]STi	0	0	0%	1	1	33%	1	1	33%	22%	22%
	controle	[oN\$]NTi	1	0	16%	2	0	33%	0	0	0%	33%	0%
	redondo	[oN\$]STm	0	1	16%	1	1	33%	0	1	16%	11%	33%
	apontador	[oN\$]NTm	1	0	16%	2	1	50%	1	0	16%	44%	11%
	batom	[oN\$]STf	0	0	0%	1	2	50%	1	1	33%	22%	33%
	Adílson	[oN\$]NTf	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
(u)	fundo	[uN\$]STi	0	0	0%	0	2	33%	1	1	33%	11%	33%
	fundilho	[uN\$]NTi	0	0	0%	1	0	16%	1	0	16%	22%	0%
	defunto	[uN\$]STm	1	0	16%	2	1	50%	1	0	16%	44%	11%
	afundar	[uN\$]NTm											
	jerimum	[uN\$]STf	1	0	16%	2	0	33%	1	0	16%	44%	0%
	álbum	[uN\$]NTf	1	0	16%	0	0	0%	0	0	0%	11%	0%
	apontar*		0	0	0%	0	0	0%	1	1	33%	11%	11%

TABELA DO MC (Parte 1)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
	[V\$N]		M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	cana	[a\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	canil	[a\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	tucano	[a\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	guaraná	[a\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(e)	pena	[e\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	penugem	[e\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	novena	[e\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	ordenado	[e\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(i)	quina	[i\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pinote	[i\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	pepino	[i\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	alfinete	[i\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(o)	goma	[o\$N]STi											
	boné	[o\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	telefone	[o\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	cotonete	[o\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(u)	fumo	[u\$N]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	fumaça	[u\$N]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	aluno	[u\$N]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	tribunal	[u\$N]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
	[V\$J]		M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	banho	[a\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	canhoto	[a\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	aranha	[a\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	calcanhar	[a\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(e)	lenha	[e\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	penhasco	[e\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	desenho	[e\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	desenhad	[e\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(i)	linha	[i\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	linhaça	[i\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	qalinha	[i\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	galinheiro	[i\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(o)	sonho	[o\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	sonhável	[o\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	cegonha	[o\$J]STm	0	0	0%	0	1	16%	0	0	0%	0%	11%
	desavergo	[o\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
(u)	punho	[u\$J]STi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	punhal	[u\$J]NTi	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	testemunh	[u\$J]STm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	testemunh	[u\$J]NTm	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%

TABELA DO MC (Parte 2)

AMBIENTE FONOLÓGICO			GRUPO 1			GRUPO 2			GRUPO 3			TOTAL	
[V\$]			M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H	TOTAL	M	H
(a)	manga	[aN\$]STi	0	1	16%	0	0	0%	0	1	16%	0%	22%
	pancada	[aN\$]NTi	2	2	66%	1	3	66%	1	0	16%	44%	55%
	elefante	[aN\$]STm	1	1	33%	1	1	33%	1	2	33%	33%	44%
	melancia	[aN\$]NTm	1	1	33%	2	0	33%	1	0	16%	44%	11%
	Detran	[aN\$]STf	1	1	33%	1	1	33%	2	2	66%	44%	44%
	cantam	[aN\$]NTf	0	1	16%	2	2	66%	2	2	66%	44%	55%
(e)	pente	[eN\$]STi	1	2	50%	1	1	33%	1	3	66%	33%	66%
	encalha	[eN\$]NTi	2	0	33%	0	0	0%	0	0	0%	22%	0%
	pimenta	[eN\$]STm	0	1	16%	0	0	0%	0	1	16%	11%	11%
	calendário	[eN\$]NTm	1	1	33%	3	1	66%	3	0	50%	77%	22%
	Santarém	[eN\$]STf	3	3	100%	0	2	33%	0	2	33%	33%	77%
	margem	[eN\$]NTf	0	0	0%	1	0	16%	0	0	0%	11%	0%
(i)	pinga	[iN\$]STi	0	1	16%	2	0	33%	1	0	16%	33%	11%
	pintura	[iN\$]NTi	2	3	83%	1	0	16%	1	2	50%	44%	55%
	seringa	[iN\$]STm	1	1	33%	1	1	33%	1	1	33%	33%	33%
	espingard	[iN\$]NTm	1	0	16%	2	0	33%	1	1	33%	44%	11%
		seringa	[iN\$]STm	1	1	33%	1	1	33%	1	1	33%	33%
	espingard	[iN\$]NTm	1	0	16%	2	0	33%	1	1	33%	44%	11%
	capim	[iN\$]STf	2	1	50%	1	0	16%	0	0	0%	33%	11%
	ebô mim	[iN\$]NTf	0	0	0%	0	0	0%	0	1	16%	0%	11%
(o)	ponta	[oN\$]STi	0	2	33%	2	0	33%	0	2	33%	22%	44%
	controle	[oN\$]NTi	0	3	50%	1	2	50%	0	2	33%	11%	77%
	redondo	[oN\$]STm	0	2	33%	2	1	50%	3	1	66%	55%	44%
	apontador	[oN\$]NTm	1	3	66%	1	1	33%	2	2	66%	44%	66%
	batom	[oN\$]STf	1	2	50%	1	0	16%	0	0	0%	22%	22%
	Adilson	[oN\$]NTf	1	1	33%	1	0	16%	0	0	0%	22%	11%
(u)	fundo	[uN\$]STi	0	2	33%	2	0	33%	1	1	33%	33%	33%
	fundilho	[uN\$]NTi	0	1	16%	2	0	33%	1	1	33%	33%	22%
	defunto	[uN\$]STm	0	1	16%	1	1	33%	1	2	50%	22%	44%
	afundar	[uN\$]NTm											
	jerimum	[uN\$]STf	0	0	0%	0	0	0%	0	0	0%	0%	0%
	álbum	[uN\$]NTf	0	0	0%	1	1	33%	0	0	0%	11%	11%
	apontar*		1	3	66%	3	1	66%	0	1	16%	44%	55%